

.....

VIAGEM A UM PAÍS DE SELVAGENS

Oscar Leal



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 164

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

C*ultura Quilombola na Lagoa da Pedra. Arraias-TO.* O Brasil mostra suas raízes populares de afrodescendentes num livro que revela pesquisa inédita e laboriosa. O autor, Wolfgang Teske, viveu as manifestações culturais dos quilombolas na Lagoa da Pedra, Arraias, em Tocantins, e apresenta rigorosa análise da cultura local que se imbrica com patrimônios ambientais. O culto, por exemplo, a São Bom Jesus da Lapa é realizado em espaço geológico: uma caverna localizada em uma das fazendas da região.

Durante todo o estudo, o autor relaciona práticas culturais, na qualidade de comunicações folk vinculadas aos saberes ambientais. Fruto de extenso e minucioso trabalho de campo, este volume mostra ainda pequena iconografia dos eventos narrados. Dentro do espectro da folkcomunicação, o livro revela competente entendimento do fenômeno da cultura nas comunidades de afro-brasileiros e a relação do homem com a natureza.

VOLUME 146

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

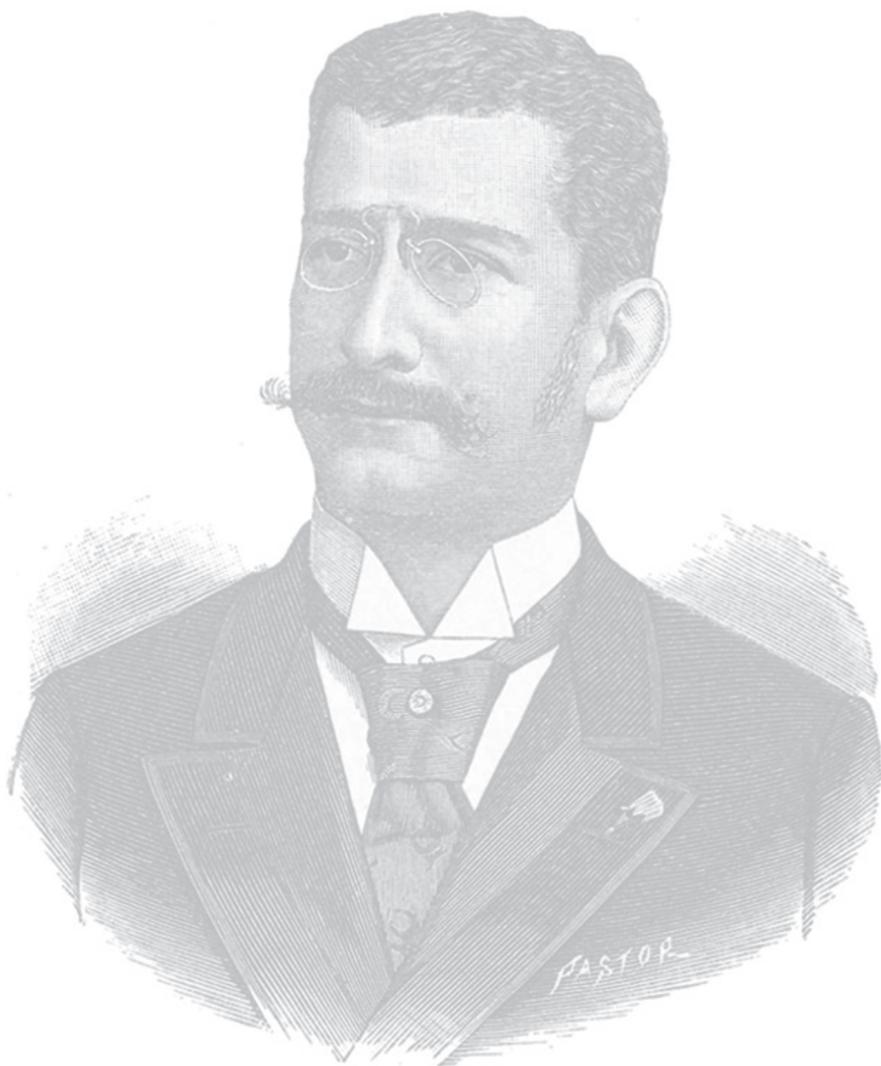
N*as Selvas do Brasil* contém um apinhado das observações do grande estadista Theodore Roosevelt, realizadas no curso de uma viagem pelo interior de nosso país.

Em junho de 1913, se reúnem, no Museu Americano de História Natural da cidade de Nova York, um dos diretores dessa instituição, aquele ex-presidente dos Estados Unidos da América, um sacerdote católico e alguns naturalistas. O projeto apresentado por Roosevelt, de uma excursão pelo interior do Brasil, com o intuito de estudar e recolher exemplares da fauna dessa região, é abraçado entusiasticamente pelos presentes.

O interesse científico e, sobretudo, o sabor esquisito da aventura em terra estranha, levaram o estadista ilustre a transformar-se em uma nova sorte de sertanista, à cata de exemplares zoológicos, explorador da geografia de zonas ainda não conquistadas pela civilização, observador inteligente da terra e do homem que iria conhecer, os quais analisaria com carinho e justeza.

Este livro constitui importante contribuição científica e representa um exemplo de intrepidez, de cooperação e de sacrifício.

VOLUME 141



Oscar Leal

Oscar Leal (Escritor, médico, memorialista e viajante)

.....

VIAGEM A UM PAÍS
DE SELVAGENS



Mesa Diretora

Biênio 2011/2012

Senador José Sarney

Presidente

Senadora Marta Suplicy

1º Vice-Presidente

Senador Wilson Santiago

2º Vice-Presidente

Senador Cícero Lucena

1º Secretário

Senador João Ribeiro

2º Secretário

Senador João Vicente Claudino

3º Secretário

Senador Ciro Nogueira

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Gilvam Borges

Senadora Maria do Carmo Alves

Senador João Durval

Senadora Vanessa Grazziotin

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 164

VIAGEM A UM PAÍS DE SELVAGENS

Por

Oscar Leal

*Membro correspondente das Sociedades Geográficas de Lisboa
e Rio de Janeiro, da Academia de História Natural de Madri,
Sócio honorário de várias corporações científicas*

*Adornada com várias gravuras de Pastor,
segundo desenhos do autor*



Brasília – 2012

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 164

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2012

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)

Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-419-1

.....

Leal, Oscar

Viagem a um país de selvagens / por Oscar Leal. –
Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.

196 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 164)

1. Brasil, descrição. I. Título. II. Série.

CDD 918.1

.....

.....

Sumário

EXPLICAÇÃO

pág. 13

AO LEITOR

pág. 15

PRIMEIRA PARTE

Capítulo I

A bordo do Xingu

pág. 23

Capítulo II

Cametá

pág. 28

Capítulo III

Usos e considerações

pág. 36

Capítulo IV

Rio acima

pág. 41

Capítulo V

A lanceada

pág. 48

Capítulo VI

Em casa de padre

pág. 54

Capítulo VII

Na vila de Mocajuba

pág. 58

Capítulo VIII

Estudo rápido

pág. 63

Capítulo IX

Caçada aos jacarés

pág. 69

Capítulo X

O natal no Baião

pág. 75

Capítulo XI

Além das cachoeiras

pág. 83

SEGUNDA PARTE

Capítulo XII

Os apinajés

pág. 95

Capítulo XIII

Aigara, a filha do cacique

pág. 103

Capítulo XIV

Vida Selvagem

pág. 111

Capítulo XV

Os convites de Iauai

pág. 120

Capítulo XVI

Os índios da América

pág. 130

Capítulo XVII

O igapó

pág. 141

Capítulo XVIII

Nos igarapés

pág. 151

Capítulo XIX

Usos e costumes

pág. 157

Capítulo XX

A vida no Tocantis

pág. 163

Capítulo XXI

Uma descoberta

pág. 169

Capítulo XXII

Últimos dias em Cameté

pág. 177

Capítulo XXIII

De volta ao Pará

pág. 183

VOCABULÁRIO

pág. 187

NOTAS

pág. 191

ÍNDICE ONOMÁSTICO

pág. 193



Oscar Leal

Oscar Leal

Amiens, 28-9-93.

Ami monsieur O. Leal

.....
*Je vous envoie mes meilleurs compliments de confraternité
littéraire et d'estime personnelle.*

Votre bien devouè

Jules Verne.

.....

Explicação

Indubitavelmente o leitor refletido e cordato não irá à primeira vista crer que tivesse em mente, ao adaptar o título desta obra, deprimir a importância das localidades onde a civilização hoje predomina, manifestando-se progressivamente e que visitei durante esta viagem, cujo fim é que justifica perfeitamente tal título.

Todavia aí fica a explicação

O autor.

“L’histoire des voyages a toujours été pour moi l’objet d’une passion dominante, enfin les relations de Cook et Levaillant remplaçaient entre mes mains les contes de fées; jeune homme mon sommeil était sans cesse troublé par la pensée des aventures lointaines et des merveilles que nous présentent les grandes scènes de la nature.

Castelnau.”

.....

Ao Leitor

NÃO TENHO outra pretensão mais do que mostrar ao leitor que, viajando, todos os dias, todas as horas, todos os minutos são por mim aproveitados sob riso-
nha concepção – a reunião do útil ao agradável.



Excursionista comedido, semi-observador, fugaz e ligeiro, não me abarroto em estudos profundos, nem emocioo nos meandros da paixão pela mania descritiva, a ponto de transmitir aos meus amigos pseudo-informações e nem tampouco deixar-me arrastar pela influência dos floreios literários ou dos adornos de elocução. Não. As minhas observações são tão favorecidas pela despre-

tensiosidade como primam pela sua parte sincera e verídica.

Ao correr da pena, sentindo-me afeito às lutas desta natureza, percorro o meu caminho que embora sinuoso e cheio de obstáculos, é sólido e seguro.

São páginas essas que aí vão correr mundo, talvez como já disse um distinto amigo, escritas à la diable – símile de ruidosa palestra de café entre boêmios, na mutação de impressões palpitantes onde o bom humor se acotovela com o cintilar das ideias”...

O que é o Brasil?

Um país vastíssimo, mal povoado, pouco conhecido, cheio de riquezas inúmeras. E que se há escrito sobre ele? Nada, para não dizer muito pouco.

É raro o viajante brasileiro que se anima a publicar as impressões das suas viagens, e a causa disto está na inveja de que logo se vê cercado ao dar os primeiros passos.

Em primeiro lugar embargam-lhe a modéstia e o medo, em segundo o receio e o temor da crítica mesquinha e cruel, que no Brasil é uma arma egoística manejada quase sempre pelos pretensiosos e invejosos de todo o gênero.

Por este motivo é que os livros escasseiam ao passo que as traduções de obras estrangeiras se contam aos milhares.

“O sistema de deprimir é muito brasileiro, disse já o ilustre dr. Moreira Pinto. Os críticos irrompem como cogumelos e o pobre do autor que sacrificou anos e anos de sua vida em estudar, em criar o que não existia, é vilipendiado coberto de apodos.”

Nada disto temo, nem temi até hoje.

Castelnau quando visitou o Brasil queixou-se sempre da falta de livros e de livrarias por toda a parte, lamentando que os brasileiros sejam pouco dados à leitura e ao estudo.

Na sua obra sobre a América do Sul ele escreveu mesmo o seguinte, com relação à sua estada na capital do Amazonas:

“Lá nous fûmes encore frappés Du manque de livres que l'on remarque dans toutes les Villes bresiliennes; sous ce rapport les pays espagnols sont beaucoup plus avances.”

Esta informação não pode triunfar. No Brasil podem existir de fato egoístas, invejosos e destruidores das obras alheias mas não faltam livros, embora as edições sejam pequenas e raramente novas.

Na nossa época de progresso falta-nos tempo até mesmo para ler, por isso o que entendo é que o escritor deve ser desataviado mas fluente, rápido mas conciso, porque como bem disse R. Ortigão “lê-se de pé, rapidamente, procurando ler com frenesi em grandes bocados como nos restaurantes dos caminhos de ferro, ao buffete, a tempo fixo, nos dez minutos de parada que dá o trem para almoçar”.

Nesta obra despretensiosa não vai o leitor encontrar primores de estilo mas sim descrições verdadeiras a que talvez já o acostumei.

Que ninguém pense que me cega a vaidade ou que desejo ocupar um lugar saliente no grande mundo literário da nossa época.

Bastam-me as saudações e os cumprimentos encomiásticos que tenho recebido do estrangeiro e os elogios que obsequiosamente me têm sido feitos pela imprensa do Brasil e Portugal, conhecedora em maioria das minhas patrióticas intenções, para que não deponha a pena de depois desta continue a dar que fazer aos tipógrafos e a tentar divertir os leitores com as minhas novas e despretensiosas descrições.

Ainda há pouco foi preciso ir da Alemanha o senhor Dr. Von Stein e internar-se nos confins de Mato Grosso, para saber se que no coração do Brasil se encontram ainda povos que ignoram a existência da civilização e vivem na idade da pedra!

Que areópago de revelações em um futuro menos remoto, não nos trarão novas explorações e novos estudos na investigação do ignoto?

Conheçamos pois o Tocantins, essa imensa artéria que banha uma das mais lindas regiões do mundo.

.....
“É na verdade preciso ter abnegação e desinteresse, como me disse em uma das suas cartas o meu saudoso amigo e audaz explorador Lopes Mendes, para naqueles cálidos climas, sem elementos materiais e sem os auxiliares indispensáveis a boa exploração científica poder realizá-la com muito trabalho e sacrifício.”

E quem pode avaliar, senão um entendido, as grandes dificuldades que foi preciso superar, para coligir os dados que servem de base a trabalhos desta ordem?

Disse ainda aquele cavaleiro na sua carta:

“Muito faz v... e, portanto, mui digno é pelo relevante serviço prestado à sua pátria pelas felicitações de quem por experiência própria sabe quanto custam e difíceis são de desempenhar trabalhos de semelhante ordem, mormente nesse abençoado país onde o espetáculo da criação apura os sentimentos varonis do homem, a alma, enrugada pelos ventos frios da sociedade, se expande, reverdece e fortifica e os ilustrados e intrépidos viajantes que têm percorrido os trilhos do sertão brasileiro se sentem muitas vezes pequenos e singulares humilhados perante as maravilhas da natureza.

.....
“É esta com franqueza a minha impressão sobre o seu último trabalho no qual v... revela aptidão e de sobra para nos dar novas obras, de gênero idêntico, se porventura lhe for possível consagrar mais tempo a estudos desta ordem.”
.....

Como o leitor acaba de ver isto é a expressão ou a obra póstuma de um amigo que para, me ser agradável, me dirigiu essas palavras animadoras e sinceras, mas infelizmente reconheço e confesso que são fracas as minhas forças e poucos os meus conhecimentos.

*Ufano-me apenas de ser um trabalhador e nada mais.
Servir o Brasil – eis o meu fim.*

OSCAR LEAL

PRIMEIRA PARTE

.....

Capítulo I

A BORDO DO *XINGU*



EM AGOSTO de 1886, deixando saudosamente o Tejo e a formosa Lisboa, partia com destino ao Pará, num dos vapores Red Cross Line, que em carreira direta para ali seguem quinzenalmente.

Os primeiros dias de viagem foram maus e tormentosos. Na altura da Madeira impetuoso temporal amedrontou os passageiros menos afouts durante algum tempo, e momentos houve em que a água, invadindo o convés, chegou a causar sustos e prejuízos.

Vencidos os maus efeitos originados pelos incômodos dos primeiros momentos, terminava felizmente a viagem alegremente e, treze dias após a nossa partida de Lisboa, o

paquete ancorava em frente da rica e graciosa capital paraense na baía de Guajará.

Recém-chegado e não desejando, a bem da saúde, aventurar-me durante os grandes calores, e permanecer por muito tempo nessa cidade, a conselho de várias pessoas, às quais fora recomendado, resolvi visitar algumas das localidades do próspero estado.

Para isso, tomando lugar a bordo do vapor *Xingu*, em um dos primeiros dias do mês de setembro parti com passagem até Cameté.

Nada conhecia então dos usos e costumes do povo que habita as regiões amazônicas; mas, animado pelo meu espírito investigador e alimentado cada vez mais o desejo do estudo sob a forma prática, seguia para o ponto do meu destino como sempre alegre e tranquilo.

A bordo logo encontrei entre os passageiros alguns cavalheiros amáveis, com os quais me foi fácil travar conhecimento, manifestando-se todos com franqueza, o que bastante me regozijou.

À meia-noite em ponto, o *Xingu*, já carregado, largava, sulcando vagorosamente as águas da formosa Guajará que nesta ocasião refletiam a pureza da abóbada celeste. Senti como que um alívio no encontro de uma atmosfera mais confortável e oxigenada de que careciam os meus pulmões.

Dir-se-á que nesta zona equatorial o reino das trevas contém mais brilhantismo e limpidez que o reino da luz.

Aos dias escuros e chuvosos sucedem-se noites esplêndidas, de brilhante luar e imensa harmonia.

Pela madrugada, passamos em frente ao canal natural de Tagipuru, que forma o vasto arquipélago de Marajó, situado entre os grandes rios Amazonas e Tocantins.

Mais algumas horas decorridas e o ar delgado e sutil da manhã fresca, saturado das emanações perfumadas dos arvoredos, veio despertar-me.

O vapor acabava de parar em face da vila de Abaeté no igarapé Maratauíra, cujos fundos das casas debruçados para o rio, tiram toda a vista que se possa desfrutar de bordo.

Esta vila é pequena e sem edificação alguma notável e o seu aspecto é triste e sombrio. Sentiu-se aí um tremor da terra a 4 de agosto de 1885.

Noutros tempos houve ali uma tipografia onde era publicado o *Abaetense*.

A população da vila é de 700 habitantes.

Nos termos reunidos de Abaeté e Igarapé—mirim há boas lavouras de cana, mandioca, milho e alguns engenhos de açúcar.

A palavra *Abaeté* significa “pessoa notável”.

Feita a respectiva descarga de mercadorias e desembarque de passageiros, partiu novamente o *Xingu* um pouco mais aliviado do peso que pouco antes suportava.

Daí em diante são incríveis as voltas que dá o vapor, atracando de hora a hora nos trapiches de quando negociante é freguês da firma que representa a companhia ou empresa, pelo que é este essencialmente mercante, não oferecendo o mínimo conforto ou comodidade aos passageiros.

O passadio é mau e o serviço apresenta o cunho de uma negligência puramente nortista; os camarotes são invadidos por cargas e bagagens, sem adornos de espécie alguma e só deixando ver o desmantelamento que reina a bordo. As viagens são demoradas em virtude da má direção no serviço das descargas.

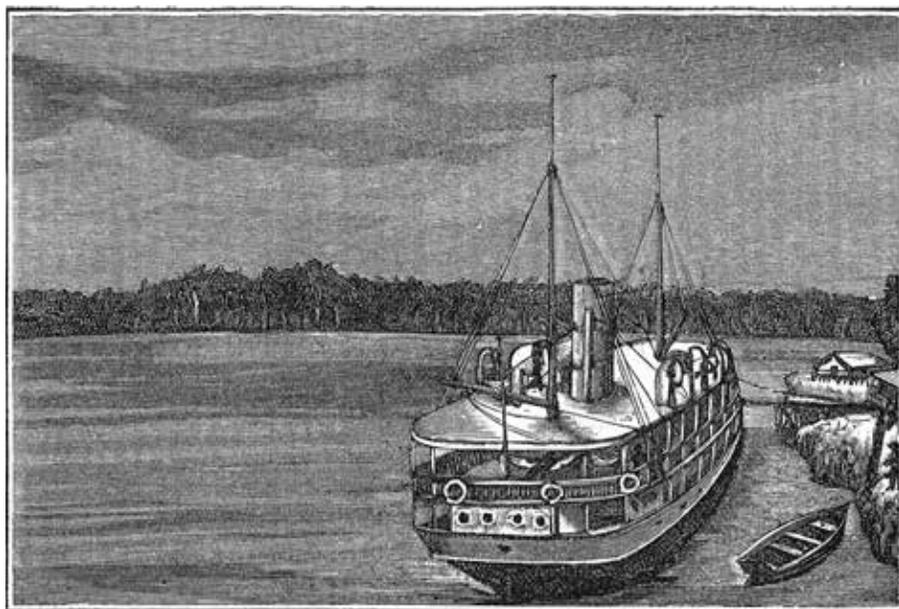
A popa da embarcação sob a tolda permanente apresenta interessante aspecto. Redes de várias cores acham-se suspensas de conveniente altura, nas quais se balouçam os passageiros, entregues às delícias do sono.

O espaço mais pequeno permanece quase sempre ocupado por cargas, bagagens e encomendas, máquinas de costura, gaiolas e muitos outros objetos. Ao centro acha-se a mesa, onde, durante o dia, são servidas as refeições e que de noite jaz completamente livre.

Foi justamente sobre ela que fiz colocar a minha cama portátil, e onde dormi algumas horas.

O vapor continuou durante o dia seguinte a tocar em vários pontos que me parecem de nenhuma importância, mas, nestas voltas e passagens por igarapés e braços de rio, tive ensejo de conhecer desde logo as belezas naturais de tão opulenta região.

O termômetro marcava à uma hora da tarde 28 graus, sentindo-se excessivo calor a bordo.



O vapor continuava a tocar em vários pontos

De instante a instante, do parapeito de popa eu deitava o binóculo para algumas habitações que orlam com grandes intervalos as margens do rio, onde mulheres, homens e crianças acudiam a ver passar o vapor. Mais de uma vez notei que, ao assestar-lhe o binóculo, as mulheres tão-somente corriam a esconder-se, ou caíam por terra aconchegando-se umas nas outras. Intrigado com isto, procurei saber o motivo, e foi com pasmo que ouvi um passageiro afirmar ser crença entre essa gente que o binóculo nos faz ver de pernas para o ar, descobrindo à vista todas as parte do corpo!

O riso que tal explicação me causou fez-me de novo entregar ao curioso passatempo, e, por causa da teima, vi-me dentro em pouco coberto de invectivas e insultos com que as mulheres de terra me mimoseavam, furiosas todas contra mim e sobretudo contra o uso de tal objeto, que, infelizmente, não possuía as famosas virtudes que lhe atribuíam.

Pelas duas horas da tarde o *Xingu* efetuava vagarosamente uma travessia ao longo do rio, em cujas margens a monotonia da água era quebrada pela sombra desbotada das reboleiras e de exóticas gramíneas pendentes dos barrancos.

Refletia-se na limpidez do precioso líquido uma ou outra nuvem pardacenta, que se esgarçava sumindo-se nos ares. Ao longe, num horizonte cor de lume, ainda se divisava, como precursora de embruscamento tardio, um montão de nuvens muitas escuras.

Dentro em pouco, entrávamos num igarapé, onde o vapor parou, a fim de receber combustível.

Para quem, como eu, aprecia tudo o que a natureza sob vários matizes apresenta nestes desertos de terra a água, o dia inteiro foi pouco para dar por esgotada a minha curiosidade.

Só por volta das três horas da madrugada, ancorou o *Xingu* no ponto do meu destino.

Ao amanhecer, saltei em Cameté, hospedando-me no hotel Tocantins, único que ali havia nessa ocasião.

.....

Capítulo II

CAMETÁ



CAMETÁ está situada na margem esquerda do Tocantins, a 78 quilômetros da sua foz e a 180 S. S. O. da capital do estado. Tem trezentas e oitenta casas melhores, sendo 16 sobrados.

O local, em que se acha edificada, foi antigamente ocupado por uma aldeia de índios. A sua população é de mil e quinhentos habitantes.

Tornou-se notável esta cidade desde 1637, por ter sido de lá que partiu nessa época para o Peru o audaz Pedro Teixeira.

Cametá tem sido berço de vários homens ilustres e que deixaram nome na história pátria. Todos, pelo costume do tempo formados em teologia, chegaram a salientar-se nobremente, ocupando cargos dos mais elevados no país.

Cametá contava então quatro igrejas, trinta lojas de fazendas e molhados de primeira ordem, dois hotéis e bilhares, três salões de barbeiro, uma oficina de encadernação e outras de várias espécies. A respeito de fábricas só uma, e esta de foguetes.

O edifício da câmara ou intendência municipal acha-se colocado no centro de uma espaçosa praça, infelizmente quase deserta.

Ocupam as prisões (cadeia) o pavimento térreo deste prédio que toma lúgubre aspecto, pelas grades das janelas, por onde nem podem enfiar as cabeças os infelizes prisioneiros. Estes fabricam simplesmente peneiras e outros objetos de fácil e tranquilo fabrico.

Ao longo do rio corre um cais com paredão e passeio cimentado, na extensão de duzentos metros, no máximo, e cujas extremidades tocam os prédios cujos fundos se debruçam para o Tocantins, destacando-se neste espaço a frente dos que ficam do outro lado da rua.

As casas, e principalmente as igrejas, de Cametá estão enegrecidas pelo tempo.

Castelnau notou nesta cidade que, se bem que sejam doces as águas do rio, são salgadas as dos poços e cisternas a cerca de 6 metros de profundidade.

Este autor deu a Cametá, em 1847, três mil habitantes. Esta notícia demonstra que a rainha de Tocantins tem tido o andar de caranguejo, como tem sucedido a muitas outras povoações do estado paraense.

Cametá tem uma biblioteca, que conta três mil e tantos volumes e foi instituída por cidadãos beneméritos.

Residiam em Cametá um médico e três advogados. Havia ali duas farmácias.

A imprensa era representada por dois órgãos de publicação hebdomadária – *A Reação* e *O Comercial*, sendo o primeiro político e o segundo neutro.

A rua denominada “Porto Real” era em parte formada por um chão estivado, sob o qual a água provocava contínuos estragos nos alicerces dos prédios, o que poderia ser evitado se ali se procedesse a um aterro de uma a outra extremidade. É bem provável que a esta hora conte a cidade mais esse melhoramento, assim como o de melhor iluminação: a de então era má.

*

Ainda não afeito aos usos e costumes neste estado que pouco antes pisara pela primeira vez, estranheza e de sobra me causou o modo de vida dos habitantes de Cametá que dormem mais, mesmo muito mais,

do que vivem. Os velhos principalmente são uns terríveis dorminhocos. Muitas vezes ao ver as ruas desertas depois do meio-dia julgava errar numa dessas cidades dedicadas ao sono de que se trata nos *Contos do Oriente*. Ficava pasmado quando tinha de ir a casa de qualquer cavalheiro, ao ouvir a criada responder-me:

– Meu amo está na rede dormindo.

E isto ao meio-dia, à uma, duas, três horas da tarde! Se voltava dentro de pouco, a mesma resposta obtinha ou aliás esta outra:

– Foi pro banho.

A respeito de banhos. Não são banhistas, são patos. Os homens e as senhoras banham-se ordinariamente duas vezes ao dia, a par das marés, pela manhã e à tarde. As crianças, dessas nem falemos: parecem anfíbios, tanto lhes apraz saltar e brincar nas ruas ou nos quintais como dentro d'água.

Banham-se a toda a hora do dia ou da noite, nadam e mergulham como peixes e isto não sucede somente em Cameté, dá-se em toda a vasta região amazônica.

Uma coisa digna de nota de um observador – o decoro não é lá muito respeitado, se bem que manifesto respeito haja de parte a parte. Todavia não é muito admissível a sem-cerimônia e costume de homens de certa idade se banharem completamente à moda de Adão, junto de seus filhos, às vezes rapazes crescidos embora imberbes, e até mesmo (como tive ocasião de assistir) na presença de suas jovens filhas.

As famílias frequentam banheiros-barracas nos quais a água penetra durante a preamar e que oferecem largueza e profundidade. Escusado é dizer que qualquer cametaense é perita e ágil em exercício de natação.

Convém enfim saber que no Tocantins ou mesmo no Amazonas uma pessoa não se banha somente com o fito de lavar-se. Não são banhos propriamente ditos: são refrescos.

Sob tal clima e onde a temperatura dispõe mais a seu belo prazer do nosso corpo que nós dos próprios braços, o banho passa a ser tomado debaixo do ponto de vista simplesmente higiênico.

E como nos diz o poeta

*“Uma vez um doutor disse
Estando eu muito doente,
Que quando me recolhesse
Me lavasse em aguardente.*

*“Mas achando ainda melhor.
Me lavar também por dentro,
Começo co’a receita
E a mona experimento.”*

Assim fazem os cametaenses, embora haja diferença de líquidos com aplicações variadas.

O banhista refresca-se interna e externamente. O segundo refresco de uso interno é de Cacao ou de *copo* e para cúmulo há um terceiro, a que não andarei errado chamando ardente. Assim é que, por efeito de tanto se refrescar o cametaense, aquece novamente o estômago com uma boa dose de calda de açai *Euterpe edulis*, bebida extravagante e sem gosto suportável à primeira prova.

Os naturais acham-na excelente e servem-se dela simples ou juntando-lhe farinha de mandioca ou açúcar.

Entre os estrangeiros ali residentes havia o Visconde de Jerez que só doze anos depois de habitar o Tocantins conseguiu tragá-la e então creio que jamais a pôde abandonar, tal e qual como o bom burguês o seu havano.

Cá para mim quer-me parecer que é tolerável, depois de vencida a repugnância originada no modo de servir a bebida quando exposta à venda por pretas imundas, que a retêm dentro de sórdidas vasilhas de barro.

Só em casa de família capaz pode uma pessoa escrupulosa aceitar um copo com açai sem receio de enjoo.

.....

Passados alguns dias depois da nossa chegada a Cametá, senti desvanecerem-se os receios que até então nutria a respeito de moléstias próprias desta região, continuando, graças a mil cuidados e precauções, a gozar regular saúde.

Pouco conhecedor ainda dos hábitos paraenses, levava uma vida algum tanto reconcentrada. Às vezes, aproveitando a fresca das manhãs ou das tardes, fazia pequenas excursões no perímetro da cidade e até certas horas do dia empregava-me tranquilamente em meus afazeres.

O apetite sob a influência do clima só aparece tarde e quanto ao passadio, sempre mau e mesmo muitas vezes o dono do hotel dizia-me de manhã não saber que dar durante o dia aos seus hóspedes.

Ora a carne verde que deixava de haver, por falta de gado aos fornecedores, ora o peixe que não aparecia à venda e assim tudo o mais.

Muitas vezes vi-o impaciente voltar ao hotel, depois de gastar horas a percorrer todos os recantos da cidade em busca de uma galinha ou de uma dúzia de ovos, que não encontrava e quando sucedia dar-se por feliz, nunca lhe custava a galinha, embora magra e de má qualidade, menos de quatro mil réis.

Daí para cima sempre.

Então, para desabafo da sua indignação, banhado em suor, voltava-se para mim dizendo:

– Esta ave custou-me quatro mil réis, depois de morta e preparada dá pra oito pratos (!), vendidos ao preço da tabela, 500 réis cada um, quanto posso vir a ganhar?

Nada... e o trabalho, o tempero...?

O pobre hoteleiro tinha carradas de razão.

– Mas em que se emprega esta gente de baixa classe da qual devem provir as partes rudimentares de que se forma o pequeno comércio?

– Em coisa alguma. Toca viola, dá à língua fala da vida alheia e dorme a maior parte do tempo.

São ociosíssimos os filhos da nossa terra. Esta gente não tem ambições, alimenta-se diariamente com um pedaço de pirarucu, açaí e bebe aguardente ou água do rio quando não tem aquela.

Lavoura, nem pensam nisso, e sem ela, sem o milho ou grão, não há que sustentar galinhas, porcos ou outra qualquer espécie de criação.

Patos há bastantes, dão pouco trabalho, criam-se no rio, onde mariscam à vontade.

Os seringais mais próximos estão estragadíssimos e a respeito do cacau durante as boas safras os que têm cocais colhem a fruta que podem, e os que não têm ou não se julgam proprietários, vão chamando a si quanto podem e afirmando que o sol fez-se para todos e a terra também!

Isto é claro, como clara é a água do Corimã.

Eu, que tenho viajado por quase toda a América do Sul, não posso admirar-me deste estado de coisas. Tenho visto muito melhor e muito pior.

.....

O pobre hoteleiro era ainda vítima de outros males, como vamos ver.

Nos telhados e quintais das casas em Cameté estacionavam numerosos urubus (corvos), cuja presença repugna sempre a quem não está afeito a tal espetáculo.

São tão velhacos que chegam a espreitar as pessoas e, quando as apanham entretidas, entram nas cozinhas, pulam para os armários e roubam tudo o que encontram e lhes sirva de alimento.

Ora os corvos e os gatos eram o desassossego do pobre hoteleiro e, por mais de uma vez, aqueles zombavam da paciência deste.

– Lá se me foi metade duma galinha que ficou na prateleira.

Exclamava o cozinheiro fora de si.

– E quem a tirou?

– Ora... foram esses malditos, respondia. E atirava paus e pedras sobre as negras aves, que voavam espavoridas, sem obstar porém a que daí a pouco voltassem a seus pontos.

Uma noite dormia eu tranquilamente no meu aposento, quando fui despertado por um ruído que se fazia nos fundos da casa. Sem atinar com a causa supondo que fossem ladrões, peguei no revólver e, abrindo a porta, dirigi-me pé ante pé para aqueles lados.

Percebi a voz do dono do hotel que dizia:

– Mata... mata esse ladrão.

E via já os dois armados de cabos de vassouras a olharem para um ângulo sem distinguirem a vítima, quando repentinamente detrás dum caixão saltou um pobre gato que se dirigiu para o lado onde me achava, indo-se esconder debaixo duma mesa. Os homens corriam esbaforidos no encalço do bichano; mas, ao verem-me pararam tomando fôlego e aproveitando o momento gritei-lhes:

– “Quem mata gato, tem sete anos de fadário”.

Triunfou a superstição e com ela salvei a vida do bichano que, desdenhando as doçuras do lar, se entregava alta noite à rapinagem, escondendo-se durante o dia nas goteiras e nos antros sombrios ou saltando ao pino do sol com os pelos eriçados e a cauda erguida por cima dos telhados. Um gato boêmio afinal de contas, um gato vagabundo e não um desses gatos de que nos fala Zola no seu *Paráiso*, mas um pobrezinho magro, exalando estranhos perfumes e escorraçado de toda a vizinhança.

Com a impassibilidade de filósofo depois de ter tomado à conta o patrono do infeliz, pensava no seu futuro, em suas novas aventuras e temia não poder de novo socorrê-lo no momento do perigo.

Pois um animal de qualquer espécie não tem o direito de lutar pela vida?

Se o pobre animalzito, cansado de esgaravatar os sicômoros do cisco, impelido pela fome não tem a fazer senão valer-se do nosso descuido!

O que faz o desgraçado humano, que não possui mesmo uma côdea com que mitigue a fome? Que pede em nome de Deus uma esmola e ninguém ouve? Furta, é verdade, mas sem ser egoísta muitas vezes, por crer-se racional.

Coloca-se diante deste terrível dilema – a morte e o crime. O crime a aventura, e a morte o ponto final.

Se há entes, os mais vis da sociedade, que se mostram indiferentes diante da desgraça, como se nada tivessem que ver com os males da humanidade!

Passaram-se enfim alguns dias e foi numa manhã, em que me levantara cedo, em que, ao passar pela varanda vi de novo o bichano. O coitado também me lobrigou no momento em que o seu magro perfil se

desenhava aos raios do sol nascente. Deitou-me um olhar triste, levantou a cauda e, cada vez mais atilado, sumiu-se rapidamente.

Fugia de mim, do seu salvador.

Que inconsciente!

Depois... nunca mais o tornei a ver.

.....

Capítulo III

USOS E CONSIDERAÇÕES



TALVEZ NÃO ande errado em afirmar que Cameté é o empório do Tocantins e como princesa destas paragens torna-se o ponto para o qual devem convergir todas as vistas.

Aí embora não haja largas fortunas, há todavia dinheiro; e onde ele existe paira a abundância.

O comércio supre todas as faltas, fornece o necessário e o preciso e satisfaz qualquer desejo; só exige dinheiro ou aliás – borracha, cacau, castanha e outras pequenas coisas. O que não for fresco é de conserva ou de salmoura e o que não for natural é artificial.

Em Cameté encontra-se vinho muito mais puro que no nosso Rio de Janeiro, a capital da vasta república.

A importação direta e a pouca tendência para o sistema dos monopólios, livra os paraenses dos líquidos *fritzmarkizados*.

Talvez que nem mesmo nos melhores hotéis do Catete ou nos restaurantes do Chiado, tenha feito uso de vinho superior ao que encontrei no Pará.

Há pessoas que preferem a cerveja quando faz calor, eu prefiro-a quando faz frio porque me aquece; mas faça frio ou calor antes ela que a tal calda de açai, que é quente deveras.

Que tal, estou a ver o leitor dizer:

– Este amigo prefere esquentar a cabeça a aquecer o estômago.

Pode ser que sim e pode ser que não.

Em todo o caso, caldo de galinha nunca fez mal a doente, mas mesmo caldo que seja, o médico deve fazê-lo tomar, o necessário simplesmente.

É preciso regularidade em tudo, segundo o dizer do avarento – conta, peso e medida.

Fortalecer o estômago, sem provocar indigestão da mesma forma que aquecer a cabeça sem fazê-la andar à roda e ter de afrontar apitetos e censuras do próximo.

O papel do bêbado é o mais feio e degradante que uma criatura pode representar e se alguém conhece que, em estado de embriaguez, comete cenas vergonhosas e deixa sair da boca frases que fazem corar as pessoas sérias, esconda-se ou coíba-se de tão triste vício.

Numa reunião que teve lugar no hotel Tocantins e a qual concorreram amáveis cavalheiros, tive ocasião de notar os efeitos do alcoolismo. Escusado é dizer que os tais ébrios eram três indivíduos sem importância, que despeitados pela falta de convite, se colocaram em uma mesa próxima num alarido de taberna.

Como naturalmente acontece, as pessoas educadas nem cavacollhes davam.

Volvendo ao meu fim, vou mostrar ao leitor algo mais que lhe interessa sobre o progresso desta terra.

Na cidade de Cameté temos ainda cinco escolas públicas e duas particulares.

Entre estas nota-se a dirigida por uma filha do senhor coronel M., cavalheiro distintíssimo e chefe de uma família modelo.

Aí as meninas recebem luz e instrução, sobretudo conselhos de civilidade, conhecimento sobre o modo de simples dicção, segundo tive ensejo de observar.

A educação religiosa parece-me que era ministrada pelo rev. pároco do lugar, que encaminhava as suas ovelhas pela senda do dever sem a aplicação da ideia fanática. Durante a minha estada em Cameté, não tive ensejo de com ele me relacionar, mas sei que é homem simples e conciso.

.....

Já que falei em coisas de Igreja, vou lançar uma vista d'olhos sobre alguns atos religiosos.

Cameté é a terra das procissões.

Durante o primeiro mês da minha estada ali, nada menos de quatro vi desfilarem em frente do hotel. São curiosas por dois motivos. Nestas ocasiões tudo que é mulher devota de mediana estirpe, sai à rua e no acampamento notam-se algumas trajando vestidos de gosto legendário e carregando sobre o peito e nos cabelos grossos cordões e ornatos de ouro maciço.

Todas a gente sabe que, quanto maior for a lentidão no desfilarem de um préstito, tanto mais será admirado pela ordem, disposição e brilhante perspectiva que possa apresentar.

Ora ali, dá-se justamente o contrário.

Usando do popular modo de dizer, parecia-me que aquela multidão *ia embarcar*, tal a aceleração com que caminhava.

A confusão tornava-se extraordinária quase sempre, e quando em certa tarde acabava de passar a procissão pela frente do hotel, vi uma velha, que, talvez por ser coxa ou reumática, caminhava esbaforida e bastante distânciada perdendo cada vez mais terreno. A pobre, fula de pesar, levava numa das mãos a vela de cera já em pedaços e com a outra segurava as roupas ou às vezes, parando, tentava enxugar com vistoso lenço o suor que em bagas se desprendia da sua fronte bronzeada. O aspecto fisionômico e o todo cômico de velha beata, teimosa e fanática, provocava a risota no público.

Destas procissões, a mais importante é a que ordinariamente tem lugar durante as festas da Aldeia, um lugarejo situado meia légua distante da cidade, rio abaixo e que, como ponto sanitário, é procurado por um ou outro convalescente, que ali encontra três coisas magníficas – ar, banho e sossego.

A estrada que conduz à aldeia é pitoresca orlada e sombreada por copado arvoredo. Muitas vezes durante as tardes mais frescas e agradáveis fazia passeios em velocípede até lá, o que deleitava muitíssimo os curiosos. Este exercício sob tal temperatura não era com certeza dos mais agradáveis; todavia a distração é uma necessidade nesta vida e em Cameté além do jogo do bilhar nada há que possa distrair o forasteiro.

Uma corporação dramática, um teatro, um clube ou ponto de reunião nada disso existe, e por quê? Por falta de constância e iniciativa.

O povo do lugar é bom, lhano e tratável mas não conheci ali a verdadeira união e confiança recíproca que notei em outros estados do Sul.

Em algumas reuniões dançantes, para as quais me foi dada a honra de ser convidado, tive ensejo de conhecer mais a fundo a sociedade cametaense.

As moças da cidade trajam regularmente com gosto fácil, sem rigor, têm mesmo alguma desenvoltura; porém, são poucas as que frequentam reuniões. Quanto mais pobres, tanto mais pretensiosas, preferindo sempre cavalheiros que as lisonjeiem.

A primeira vez, que se lhes tece um elogio qualquer quanto a formosura, respondem estudadamente com alguma rigidez, fingindo-se ofendidas mas deixando as mais das vezes perceber o prazer que sentem pela amabilidade e ficando alegres desde que se lhes garanta sinceridade no louvor.

Disseram-me que em outros tempos Cameté era fértil em jovens belas e formosas. Eu, que percorri o município, tive ensejo de notar a fundo tudo quanto possa interessar a tal respeito. Fora da cidade vi *Maiaias* belas e formosas, morenas de formas deslumbrantes e cujo acanhamento e modéstia lhes dá, a meus olhos, maior realce, tornando-as encantadoras.

Durante as festas em Cameté, elas são a alma da alegria que muitas vezes se prolonga durante dias e noites seguidas.

Infelizmente em todas as reuniões notei a falta de cavalheiros. Não há rapazes senão em pequeno número, de forma que nos bailes muitas das convidadas deixam de se divertir. Os filhos-família acham-se quase sempre longe, nos estudos; e, depois de formados, a maior parte *azula* e um ou outro que lá aparece é em simples passeio.

As duas corporações musicais existentes preenchem dois fins completamente opostos. Estas duas bandas fazem-se ouvir alegre e funebremente. Alegre durante as festas políticas, recreativas e religiosas; e funebremente por ocasião dos enterros.

Muitas vezes fui interrogado ali sobre tais práticas no sul do país e respondia indiferentemente.

A morte pertence à noite e a vida ao dia. Ver um destes préstitos fúnebres desfilar pelas ruas de uma cidade durante o dia não impressiona muito. Não sou daqueles que desejam ter além túmulo quem os chore; que perdue a recordação de pesar sim.

Áfinal de contas nada de coisas tristes e brote a lágrima como tributo do coração e ecoem os sons fúnebres como uma manifestação de estima pelo finado.

Já que tratei deste assunto, lembra-me que a data de finados é ali comemorada e até certas horas da noite o cemitério principal apresenta brilhante e significativo aspecto. O solo é juncado de flores e centenas de lumes fenecem esparsos em volta das sepulturas.

Longe de aparecer uma cena lúgubre, toma um carácter mais ou menos festivo.

.....

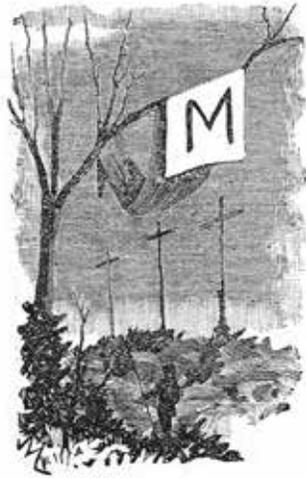
As condições telúricas e climáticas do baixo Tocantins e do Amazonas são mais ou menos idênticas. Na estação calmosa, o termômetro marca à sombra de vinte e seis a poucos graus.

Há épocas em que as febres palustres e outras de mau carácter reinam em vários pontos com certa intensidade; mas o que é certo é que nenhuma moléstia aparece com feição endêmica. Apesar do clima e de, em geral, os rapazes parecerem velhos, dão-se casos de longevidade. Ainda há pouco, um jornal do Rio de Janeiro, dando notícia do falecimento em Cameté de um velho de cento e vinte anos, acrescentou pitorescamente o seguinte – “Esticou a vida como a borracha da sua terra”.

.....

Capítulo IV

RIO ACIMA



MAIS CEDO do que esperava tive que deixar Cametá com alguns companheiros e partir rio acima em agradável excursão.

.....

Estávamos a bordo do *Xingu*, que sulcava as águas esverdeadas do Tocantins.

Tínhamos deixado poucas horas antes o porto da pequena vila do Baião, de que me ocuparei mais adiante.

Eram quatro horas de uma magnífica tarde. O calor diminuía sensivelmente e o espaço conservava uma cor azul desmaiado. Entrevíamos à nossa esquerda a terra firme, monótona, carregada de arbustos sombrios, enquanto que, para qualquer dos

outros lados, um deserto d'água semeado de ilhas cobertas de palmeiras, de matos espessos e impenetráveis.

Soprava uma brisa tibia duma amenidade refrigerada.

Um bando de ciganas, aves de plumagem pardacenta escura, passou pela proa do vapor em plácido voo sem descrever a mais pequena curva.

Neste momento o tlim-tlim-tlim da campainha de bordo despertava uns últimos passageiros, que ainda jaziam entregues a suave e descuidosa sesta quebrando a paz contínua em que se envolve ainda hoje a natureza nessas alturas.

O comandante, um tipo marítimo e que não parecia ter queda para navegação fluvial, alto e vigoroso, fronte empinada, representando força e coragem, acabava de tomar alguns apontamentos e ao segundo sinal aparecia à ré.

A sua gravidade não era reparada senão por quem o não conhecia de perto.

Português acostumado desde tenra idade aos embates da vida, sabia perfeitamente tornar-se agradável sem a lisonja o inspirar.

A mesa estava posta e todos os passageiros iam chegando a ocupar os seus lugares.

Desta vez não eram poucos pelo motivo da viagem ser considerada quase extraordinária e ir-se muito além do Baião, o ponto final do costume. Além do Jataí, havia de realizar-se o embarque de uma boiada vinda do alto Tocantins (Boavista).

Alguns daqueles passageiros iam a negócio e outros unicamente por diversão.

Eu pertencia precisamente a este número. Entre os companheiros, citarei o Dr. Fernandes Belo, Visconde de Jerez, Capitão Jacinto Moreira, José Paulino Martins, Alexandre de Castro e Coronel Carlos Leitão, o inverneiro da Boa Vista.*

Todos ótimos companheiros de viagem, bem entendido.

Pareciam em geral apossados de bastante apetite.

A refeição ia a meio quando um dos passageiros, rompendo a mudez que nos cercava, disse:

* Destes são falecidos o segundo e o quarto.

– É deveras lamentável que não tenhamos peixe à mesa no decurso desta viagem, se tanto e tão saboroso existe neste rio. Desde o vulgar marapá até o delicioso corimatã.

– Sim senhor, acudiu logo o comandante, mas o que se torna necessário é que o pesquem e esta gente não o faz porque é egoísta e pouco ambiciosa. Vive bem sem dinheiro.

Os senhores sabem que o caboclo paraense passa a vida na rede, de cachimbo na boca e tocando viola.

– A lanceada! A lanceada! Disse o visconde. Cearemos peixe assado, frito, descabeche, ou como quiserem.

– Está dito teremos a lanceada, repetiu José Paulino, que viera prevenindo com todos os petrechos. Poderemos partir à boca da noite.

Um bravo ao autor desta proposta rompeu de todos os lados.

.....

O vapor chegara a S. Joaquim, atracando em seguida.

Cuidará o leitor que este S. Joaquim é algum lugar ou ponto importante?

Nada disso. S. Joaquim nestas alturas é uma ilha coberta de cachoeiras e seringueiras, onde apenas existe uma casinhola antiga, habitada por um preto algum tanto expansivo, e que, por conhecer perfeitamente o rio até as cachoeiras, segue no vapor ocupando o lugar de práctico. A ele deveremos pois não irmos a pique ou ficarmos encalhados como amiudadamente sucede às embarcações dirigidas por pessoas imprudentes.

Uma coisa digna de nota:

Havia ali um *crioulito* dos seus vinte anos, filho do mestre práctico que tinha ares de afetado e presumido. Num momento vi-o saltar em terra abraçando um pacote de jornais e perguntei-lhe curiosamente:

– Quem assina esses jornais por aqui meu rapaz?

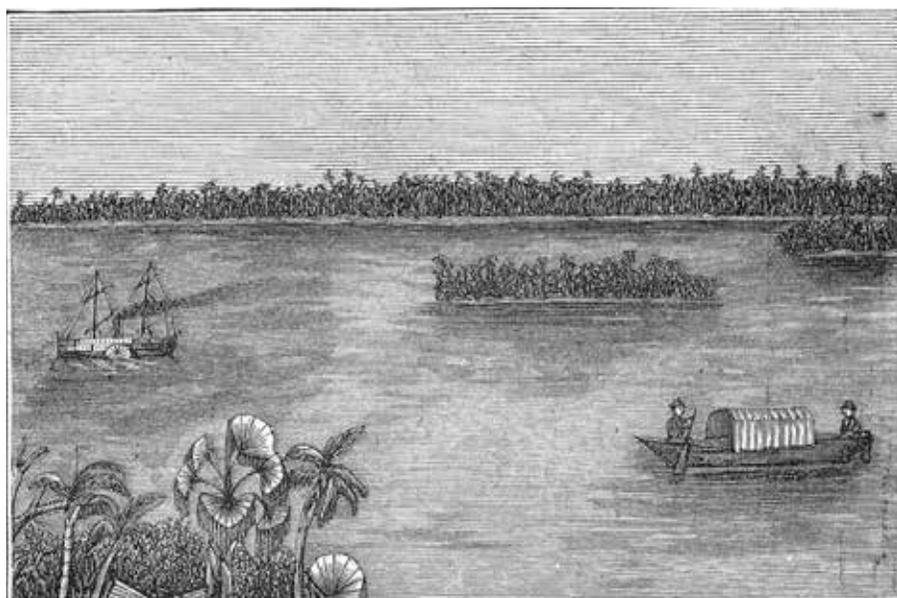
– Eu, sim senhor, respondeu presunçosamente o gamenho.

Não podendo deixar de o experimentar melhor, acrescentei:

– E sabes tu quem morreu há pouco em Cameté?

– Não senhor.

– O Neves.



Rio acima

Como se vê, isto era uma redonda mentira mas o rapaz pareceu mostrar-se imensamente sentido e tão pronunciada era a sua dor, que não pôde deixar de manifestá-la.

– *Sinhõ* Neves morreu, dizia ele, aquele homem tão bom...

O capitão Moreira, que ouvia a um lado, conteve um sorriso e dirigiu-lhe a palavra:

– Então, também conhecias o Neves, hein?

– Muito, muito. Era um bom homem, queria-me muito bem e todas as vezes que eu ia a Cameté a negociar e vender o nosso cacau, oferecia-me sempre a sua casa, os seus serviços...

– Está bem, voltei. Se me não engano és um dos herdeiros. Creio que o Neves não se esqueceu de ti.

– Qual! Isso era muita bondade.

E deixando-o, voltei para bordo mais o capitão exclamando:

– Que refinado patife!

Às seis da tarde, estava tudo pronto. A tripulação do vapor na maior parte havia obtido licença e seguia no escaler maior, onde José Paulino mandara acondicionar redes e cordas.

Eu, o capitão Moreira, o visconde e outros ocupamos uma igarrité. E pusemo-nos ao largo.

Dentro em poucos minutos, ajudados em parte pela corrente, estávamos a algumas centenas de braças do *Xingu*.

A noite aproximava-se, e a atmosfera tinha uma diafaneidade soberba.

Era completa a mudez que nos rodeava. Na imensidade dessas águas tudo se tornava a nossos olhos sereno e belo.

Ao viajante as impressões são sempre profundas e o nosso espírito perde-se na placidez destes páramos enormes, destes desertos d'água, cuja majestade é sempre resplandecente.

Aqui, ali, além, muito longe ainda continua o aspecto selvagem destes recantos virgens, onde talvez estão ocultas riquezas de toda a espécie.

Tudo é misterioso, vasto, melancólico e sublime. E como imitando evidentemente a monotonia que aí reina, esta gente em vez de mo-

dular uma canção, ou entoar um canto, nada diz, nem canta, como se lhe faltasse sentimento.

Corpos que se assimilam a cadáveres ambulantes, sem vida, sem ação. Estátuas de papel, que só se agitam e balançam quando fustigadas pelos ciclones.

Triste, muito triste.

Estávamos já num ponto cercado de ilhotas e areais, segundo me afirmaram, e a luz longínqua, que ainda pouco antes se descobria a bordo do *Xingu*, desaparecera de nossas vistas.

Neste momento, a lua surgia iluminando-nos com a sua fulgentíssima claridade e o ar continuava mais ou menos quente.

Repentinamente uma exclamação de susto rompeu o silêncio daquelas paragens.

– Que é isto, perguntei erguendo-me com rapidez ao sentir o choque que abalava a frágil embarcação.

– Caímos num baixo. Estamos encalhados.

O escalar que levava os companheiros tinha feito a sua entrada naqueles igarapé por um furo mais espaçoso e profundo.

Estava muito adiante de nós.

Tornava-se forçoso safar a caidaça igarité daquele acervo de areias ali reunidas.

– À água, ordenou o capitão Moreira, o mais rechonchudo de todos e que portanto maior prazer devia sentir por ter de tomar mais um banho nessa noite, afora dois ou três que tomara durante o dia.

E saltamos todos n'água não sem receio de pisar o fundo por causa das arraias e piranhas que aí abundam.

Confesso que neste momento senti vontade de mandar ao diabo a tal lanceada.

– Se me vejo livre desta, noutra não cairei tão cedo; disse sem saber como safar-me de tão melindrosa situação.

O visconde ria-se despropositadamente.

Meia hora depois de imenso trabalho, conseguimos entrar no verdadeiro canal e a igarité sulcava mansamente aquelas águas prateadas pelo esplêndido luar.

Um grito retumbou além.

Era a voz de José Paulino, que nos chamava duma praia próxima.

A luz de um facho servia-nos de farol e em poucos momentos achamos-nos todos reunidos.

Os caboclos passavam de mão em mão o frasco de aguardente de cana e cada qual tomava um trago com o fim de não esmorecer, talvez mais do que de costume.

.....

Capítulo V

A LANCEADA



IA-SE DAR começo à grande pescaria.

A enorme rede era lançada à água por vinte e tantas pessoas.

– Vamos, ordenou o chefe da festança.

Oferecia-se então a nossos olhos um espetáculo deveras curioso.

A lua argêntea e linda inundava aqueles desertos de terra e água com um luz fascinante e a natureza inebriada pelo perfume de uma vegetação meia aquática, meia terrestre parecia simplesmente sublime.

Duas ou três crianças conduziam lanternas que iluminavam suficientemente o espaço ocupado pelos *lanceadores*.

Por todos os lados se dilatava um painel belo e majestoso.

Completamente nus os rapazes moviam-se numa balbúrdia indescritível. Entre eles havia também uma cabocla velhota, que por ser amante destas cenas não tinha querido deixar de os acompanhar e ajudar.

Todos os companheiros em fraldas de camisa e descalços esforçavam-se por lograr bom êxito.

Eu infelizmente é que não estava nada a gostar da brincadeira. Calça, ceroulas, meias tudo a pingar. A própria camisa que conservava no corpo achava-se no mesmo estado.

Afinal não era só o susto e a inquietação que me perseguia, eram dezenas, centenas de mosquitos, duma espécie microscópica, que me atacavam cruelmente os pés, as pernas, o rosto e as mãos. Terrível!

Não me deixavam tranquilo um segundo e vingava-me maldizendo a hora em que resolvera pisar fora de bordo.

Um inferno! Um inferno!

Os companheiros esses afeitos ao martírio nada diziam. Pareciam ter a pele curtida.

Recomendavam-me fricções com aguardente.

Repentinamente a minha atenção foi desviada pelo alarido forte que soara entre os companheiros. Uma gargalhada infernal.

– Mas que será, pensei por um instante. Apanharia algum lobo?

O estrépito das vozes afigurava-se-me medonho.

Corri de um ponto para outro, esquecendo por um instante o enxame de mosquitos que me perseguia sem cessar e ao dar com a causa de todo esse motim, soltei também uma risada forçosa e prolongada.

Nada mais e nada menos que o capitão Moreira ter escorregado e caído na rede com grande risco de ser devorado pelas piranhas.

– Sim senhores, não está má a patuscada. Se fosse comigo estou certo que sairia em mau estado.

– Qual, objetou o visconde. Deixe-se disso e venha ajudar-nos. Olhe que imensidade de peixe se apanhou de uma só vez. E que variedade?

– Antes ir atrás dos siris ou dos caranguejos, que...

O visconde não me deixava terminar.

– Já provou este peixe ensopado?

– De forma alguma.

– Pois prove e...

E antes de acabar o que ia a dizer, deixou um grito surdo partir-lhe da boca ao mesmo tempo que levantava apressadamente o pé esquerdo.

Uma piranha, horrível piranha, picara-o no calcanhar.

Ora viva. Se tivesse sido o meu, com certeza teria ido calcanhar, pé e tudo. Ah meus amigos isto não é pescaria nem coisa que o valha, é simplesmente um suplicio.

– Vamo-nos daqui, senão...

E neste momento eu erguia o olhar para a abóbada celeste.

A lua escondia-se sorrateiramente através dum montão de nuvens pardacentas e ao longe relampejava repentinamente.

Uma tempestade em perspectiva desenhava-se no espaço.

– Safemo-nos com tempo.

Mas qual. Era malhar em ferro frio.

Nada os faria recuar ou distrair.

O visconde permanecia a um lado, firme, nu dos pés à cabeça e apenas com a ceroula envolta na cintura em atitude de contemplação.

Admirava-o assim como ao gorducho capitão, agoniado sempre com os malditos mosquitos.

Finalmente ouvi a voz de um dos companheiros ordenando a retirada.

A igarité estava próxima, entramos nela sem demora.

Dentro em pouco estávamos ao largo, porém José Paulino e os companheiros do escaler haviam desaparecido.

Mas como? Porventura não teriam partido ao mesmo tempo que nós?!

– Olas! Gritou um dos nossos.

Apenas o eco retumbava ao longe e nem uma voz respondia.

– Fugiram de nós e ocultaram a luz a fim de não partirmos no seu encaço, disse o visconde sem temer que alguma catástrofe pudesse ter tido lugar.

José Paulino tivera razão de dividir a gente. Com tamanha balbúrdia nada era feito.

Em todo o caso já haviam apanhado peixe suficiente para todos a bordo. Parecia-me pois mal cabida temeridade arriscarem-se para mais longe e a horas tais contando com um tempo duvidoso.

Dois caboclos munidos de tacumãs remavam paulatinamente sem nunca se descuidarem de tomar de quando em quando um gole de aguardente e acenderem os cachimbos.

Inquieto com o estado atmosférico não deixava de apressá-los.

Lufadas quentes que pareciam partir das águas sufocavam-nos. A água ondulava algum tanto encapelada e rajadas desiguais sucediam-se de instante a instante.

Das florestas vizinhas nas ilhas próximas, partia um ruído estranho e atemorizador.

Uma orquestra de batráquios acompanhava o ribombo do trovão.

Eu escutava, angustiado, prevendo a todo o momento sermos arrastados pelo temporal.

A corrente não se acelerava neste local e de espaço a espaço notei que pequenas ilhas flutuantes desciam o rio. Eram montões de ramos, troncos de plantas, folhas etc., que se desprendiam dos barrancos rodando com a corrente.

O visconde não deixava a todo o momento de tranquilizar-me. Contudo era em vão tentar vencer a prostração nervosa que tomara conta de mim.

A escuridão parecia cada vez mais compacta e o vento soprando agora mansamente aliviava-me os pulmões extenuados.

De repente ouviu-se o estrondo formidável de um trovão que os ecos repetiam depois que imenso clarão iluminou por dois segundos aquelas águas.

A voz sinistra da tempestade estava impressa nas cóleras da natureza.

Era quase meia-noite.

Um novo ruído chegava a nossos ouvidos e desta vez felizmente não nos enganávamos. Eram os latidos dum cão de bordo, que dava pela nossa aproximação.

Mais algumas remadas e alcançaríamos o vapor, livres de perigo.

Tínhamos sido felizes em acertar com o ponto de partida no meio de tão medonha escuridão. O vento apagara a luz do *Xingu*.

Chegados ao ponto final saltamos da igraté para uma estiva, como lhe chamam, colocada horizontalmente durante a vazante, entre a margem e o vapor.

Era um enorme tronco de buriti, podre, fraco e escorregadio.

– Maldita pescaria, exclamava mais uma vez desesperado.

É que tornava-se forçoso ainda executar exercícios arriscados sobre aquele tronco de palmeira, sustentando o equilíbrio com risco de cair no atoleiro.

Um inferno!

Contudo fui o primeiro a passar.

Quando me vi a bordo escapo, julguei ser um sonho e bradei.

– Nunca mais.

O Dr. Belo que jogava o solo com o comandante e o Alexandre de Castro riu-se a valer.

Foram mais previdentes.

Saltando na popa o cão continuava a ladrar, quando em busca da coisa distingui uma luz que parecia aproximar-se.

Era José Paulino e seus companheiros que voltavam sãos e salvos, e ainda mais ufanos, pela bela pescaria que haviam feito.

O cozinheiro tomou logo conta de algumas cambadas de peixe escolhido e tratou de prepará-lo da melhor forma possível, reservando o restante.

Pouco depois a mesa estava posta e todos, incluindo eu próprio, se entregavam ao melhor da festa não sem ainda contarmos um novo acidente.

– Maldição! Exclamei ao levar à boca um pedaço de curimã assado. Este peixe estava cru, acrescentei.

– Cru e bem cru, confirmaram todos.

– Que volte ao forno, ordenou o comandante.

Neste ínterim imitei os outros e provava uma pescada frita, fortificando o estômago com o conteúdo de meia botelha de vinho.

Estava satisfeito.

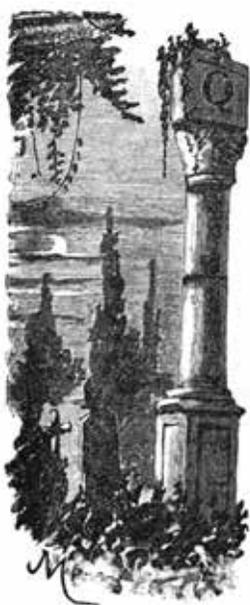
Os companheiros batiam às portas da gastronomia e discursavam a valer, relatando as peripécias da excursão.

A tempestade amainara completamente e a noite tornou-se lindíssima. O ar tornara-se mais fresco.

.....

Capítulo VI

EM CASA DE PADRE



QUANDO despertei na manhã seguinte o sol levantava-se baço, iluminando novos pedaços de vista cheios de esplendor.

O vapor desde muito cedo que seguira marcha e neste momento passávamos ao largo da grande ilha de Jataí.

Uma chusma de pássaros aquáticos passava sobre nós em várias direções.

Daí em diante a viagem tornou-se cada vez mais amena e agradável. Númerosas praias iam ficando a descoberto.

Chegado ao ponto de seu destino o vapor recebeu o gado e regressou ao Baião onde chegamos no dia imediato.

José Paulino havia-me oferecido a sua casa mas aceitando o convite que me fizera o Dr. Belo, agradei àquele a sua oferta, hospedando-me com este na casa do seu amável padrinho o rev. Padre Miguel Fernandes.

A vila do Baião sobre a qual falarei adiante mais detidamente é pequena e silênciosa. Ali há apenas quatro ou cinco estabelecimentos comerciais regulares, uma padaria e algumas tascas. Umhas vinte e cinco casas cobertas com telha e cinquenta a sessenta palhoças.

A colocação é aprazível e pitoresca.

A minha estada ali foi de alguns dias, mais sempre do que estava em tenção.

Aí vão no entanto estas notas.

O reverendo padre Miguel era um desses homens de estrutura férrea dominado por brilhante caráter e bondoso coração a impor respeito e estima. Seu todo de homem sagaz, ágil, possuindo um espírito apto a vencer grandes e pequenas contrariedades apesar das cãs e do peso de setenta e tantos janeiros, dava lugar a que todos lhe tributassem profunda veneração.

Completamente indiferente a tudo que lhe não dizia respeito, desde que visse ser sua intervenção mal cabida, ocupava-se exclusivamente com os seus afazeres religiosos.

Uma vez notei ao despertar pela madrugada que não de muito longe partia um murmúrio cadenciado e abrindo a janela, a fim de verificar o que se passava, tive ensejo de conhecer que o murmúrio se levantava do interior da matriz fronteira.

Era o bom padre que tinha por costume durante a semana dizer a missa bem cedo, ajudado pelo menino que lhe servia de acólito sem um único devoto no templo.

O dia ainda estava longe de romper quando acabava de cumprir a sua primeira missão.

Extremamente nervoso, o mínimo ruído punha-o de pé e qualquer contratempo o molestava.

Foram tantas as provas de simpatia e obséquios que recebemos no Baião, principalmente o Dr. Belo, que cada dia decorrido deixava-nos um punhado de vindouras recordações. As danças, os jantares, os lanches, as reuniões, os discursos e os passeios eram sempre realizados sob a pronunciada forma de vivo passatempo.

A silenciosa povoação saíra do seu estado normal e o sossego reinado era assim quebrado em avanço talvez, para abrir caminho à próxima festa popular que ali tem anualmente lugar durante o Natal.

A fim de patentearmos a nossa satisfação para com algumas pessoas que nos obsequiaram, eu e o Belo, resolvemos convidá-las para uma modesta *soirée* que teve lugar na própria residência do padre, o qual se achava então ausente.

A pequena banda musical ocupando um dos ângulos da sala fez-se ouvir animando vivamente os poucos mas escolhidos pares que ali se divertiam. As duas horas da madrugada retiravam-se os convidados deixando-nos saudosos de tão gentil reunião.

A sala onde esta se havia dado passara durante o dia por completa transformação porque nós havíamos feito dali mudar mesas, redes, livros e outros objetos para um cômodo próximo e adornando-a da melhor forma possível, a fim de apresentar novo aspecto.

A própria entrada fora transformada e isto deu lugar ao seguinte acontecimento.

O reverendíssimo vigário que, como disse, se achava ausente, devia chegar no correr do dia imediato, mas ao inverso, sem ser esperado antes, deu-se a sua chegada pela madrugada, duas horas quando muito depois de finda a reunião.

O Dr. Belo, dormia na alcova e eu tendo feito colocar na varanda a minha rede lá me consolava a essa hora deliciosa madorna, quando um ruído singular me despertou.

Que seria?

Eis o que se passava.

A madrugada estava escura, o tempo ameaçador e o espaço enfarruscado. Uma trovoadá iminente.

O padre que acabava de chegar saltou em terra e para escapar da chuva correu direito a casa. Ali chegando notou que a porta se achava apenas entreaberta e ia a entrar quando ao transpô-la à luz de um fósforo, julgou ter-se enganado entrando talvez na habitação de um vizinho.

A transformação operada na sala e na entrada invadida por bancos e garrafas vazias, tudo dava azo ao seu suposto engano.

Assim, voltando à rua e procurando evitar ruído ou incômodos aos vizinhos a horas tais,olveu a acender outro fósforo, que o vento se incumbiu de apagar. Vivamente encavacado, sem saber onde buscar refugio, pois começava a chover, apesar da escuridão que o rodeava, tentou examinar as fachadas das casas, a fim de reconhecer a sua, mas, sem adiantar coisa alguma, resolveu-se transpor novamente o limiar da mesma porta. Tropeçando então nas garrafas vazias, deu lugar a que o ruído produzido me despertasse e quando riscava novo fósforo viu-me surgir pelos fundos com uma luz nas mãos.

Não soube logo que pensaria naquele instante; lembra-me só que o vi fitar-me com espanto e em seguida, enrugando as feições, cair sobre uma cadeira desfazendo-se em riso.

– Mas ele ri de mim? Indagava sem saber que, tendo ido à cozinha e ignorando como, enfarruscara o rosto.

Julgaria o bom do padre por um momento que, entrando na casa dum vizinho, fora lá dar comigo a horas tais com a face tinta de carvão? Como, se estava hospedado era em sua casa?!

O desenlace felizmente não se fizera esperar.

O Belo, despertando também, acabava de entrar na sala pela porta da alcova e foi sem dúvida a sua presença que acabou por convencer o padre de que estava em sua própria casa.

E sem poder conter o riso:

– Vocês, rapazes, são uns pândegos. Deus os abençoe, assim dizia o padre antes de ir descansar das fadigas da viagem.

Eu voltara à rede de dormir, depois de ter lavado o rosto e feito desaparecer as tais máscaras.

O dia imediato correu um pouco monótono para nós e apenas o caso da noite era comentado como simples equívoco.

Vinte e quatro horas depois, deixava o Baião prometendo ali voltar dentro dum mês por ocasião das festas do Natal.

.....

Capítulo VII

NA VILA DE MOCAJUBA



fundo esverdeado da paisagem.

APÓS RÁPIDAS visitas a vários pontos do Tocantins, aportava na noite de 7 de dezembro à vila da Mocajuba onde era esperado.

Hospedei-me em casa do amável negociante capitão Moreira, de quem já hei falado, e que, conjuntamente com seu genro Alexandre, me recebeu com agrado.

Mocajuba é um lugar pouco mais populoso que o Baião. O seu município é relativamente importante.

Acha-se esta vila situada à margem direita do Tocantins e cercada por espessa mata, que se estende a pouco mais de três quilômetros além da margem e forma ao redor da povoação o

Há ali apenas três casas comerciais regulares. Uma destas pertence ao Sr. Joaquim Sousa Franco, amável português, possuidor de uma boa vivenda próxima à povoação, em forma de chácara, onde reside. Homem incansável, ocupava-se nas horas vagas em dirigir o serviço de algumas plantações, com grande gáudio das formigas que ali abundam, devastando-lhe numa noite o trabalho de dias e meses.

Sustentando contra elas encarniçadas luta, matando-as aos milhões, não conseguia de forma alguma exterminá-las completamente.

Tive ocasião de o ver mandar destruir pelo fogo enormes formigueiros sem alcançar o menor êxito. Em todo o caso, algumas plantas de estima floresciam brilhantemente.

Na mesma noite em que ali aportava, haviam igualmente chegados o Dr. Belo e José Paulino, este de volta do alto Tocantins.

A vila de Mocajuba estava em festas e numerosas famílias do município ali se achavam.

Música, danças, foguetes e sobretudo muita alegria e muita moça bonita, eis o que se nos deparou durante três dias.

Foi uma festa vulgar, em que predominavam gostos e costumes sendo para notar a ordem que vimos sempre reinar, o que denota a índole pacífica e ordeira daqueles povos que, durante o ano, vivem disseminados e recolhidos a seus penates sombrios e melancólicos nas margens dos igarapés e das ilhas.

A afluência de visitantes e de romeiros dava lugar a que a pequena vila, aliás monótona e tranquila, apresentasse nestes dias desusado e festivo aspecto. Um frêmito de comunicativo prazer, infiltrando-se em todas as fibras, originava, em cabal demonstração, o geral contentamento.

O bondoso pároco, padre Pastana, tratava com amenidade a todos, tornando-se credor de imensa simpatia.

Estas festas religiosas no Tocantins, conquanto estejam longe de apresentar o brilho e esplendor que têm no Sul, despertam contudo entusiasmo, dando lugar a que amigos, parentes, conhecidos e forasteiros se reúnam e tomem parte em igual prazer. Não temos aí os fogos de artifício, as luminárias, os jogos de flores, nem tampouco os coretos ornamentados, os espetáculos mímicos equestres, nem mesmo as tradicionais cavalcadas dos velhos tempos. Temos simplesmente as danças, alguma música (não clás-

sica), os leilões de prendas, as girândolas e no final de contas, para remate, à hora semi-matutina em que o galo pela segunda vez abre as asas e solta o seu có-coró-có, um balão a subir às imensas alturas, acompanhado pelos olhares da população boquiaberta, entre os vivas frenéticos da pequenada, até se confundir a sua luz com os milhares de lumes da abóbada celeste.

Terminada a festa, cessaram as danças e com elas o bulício dos curiosos. Apenas de uma barraca, colocada a um dos ângulos da praça, rompe o silêncio sapateado, cujo rumor rouco e pesado se une aos sons de abominável gaita de foles (sanfona).

No dia 9, Mocajuba, ao despertar da manhã, jazia sepultura em sedutora paz. O porto estava quase deserto e um pequeno número de barcos e montarias jaziam ainda presos às estacas do cais. Tudo se havia ido com a fresca da madrugada.

Os festeiros apenas e alguns companheiros hei-los a postos, convidando-nos ainda a um almoço, em que se trocaram animados brindes na celebração do afamado “enterro dos ossos”.

.....

Demorando-me alguns dias mais na pequena povoação, uma manhã, aceitando o convite do senhor A. de Castro, montamos a cavalo e partimos em recreativa excursão a visitar as vizinhas e solitárias imediações. Esse passeio tinha para mim algum valor nas investigações do desconhecido.

As minhas suspeitas, longe de encerrarem uma utopia, transformavam-se agora em dura realidade.

Foi então que tive ensejo de conhecer os terrenos mais improdutivos que em alguns pontos se estendem a perder de vista, fora da mata, que esconde as margens do caudaloso rio. À proporção que caminhávamos, a vegetação ia sensivelmente rareando e apenas grandes areas, mesclados de verduras exóticas e rasteiras, se mostravam a nossos olhos.

Levados pela confissão de uma grande verdade digamos com franqueza, e segundo a óptica de simples ponto de vista, que pisávamos um terreno sáfaro e ingrato ao lavrador, demonstrando-o evidentemente os caminhos, que, embora abandonados, não apresentavam vestígios de vegetação.

A crosta produtiva desaparecera há muito sob as patas dos animais. É uma terra ora semi-argilosa ora semi-areenta, na qual insignificante quantidade de húmus pode existir superficialmente.

À exceção de alguns pontos, onde floresciaam vários espécimes, na maior parte desconhecidos, temos no resto grandes claros, nos quais vegetam más e raquíticas pastagens, completamente abandonadas em seu estado primitivo.

Para prova, basta olhar ao abandono em que jazem.

Estávamos apenas a doze quilômetros de Mocajuba, quando o senhor Alexandre me fez ver que daí em diante nada mais havia que pudesse interessar o simples excursionista. Conquanto a estrada tivesse nesse ponto seu termo, soube por sua própria boca que a única fazenda ou habitação a encontrar-se nesses centros, distava dali três boas léguas.

– Como! Exclamei. Qual é o caminho que lá conduz?

– O que temos em nossa frente, respondeu.

E refletindo um momento.

– Pois não me disse o amigo que a estrada termina aqui?

– Certamente. Suponha que temos em nossa frente um vasto oceano.

Para chegarmos à tal fazendola, teríamos que percorrer este deserto fazendo do sol a nossa agulha de marear.

Caminha-se ao acaso, seguindo calculada direção, através de pântanos e charcos ou atravessando quentes areias.

– Tem razão. Voltemos pois a Mocajuba. De correr sertões, acho-me farto e só seria levado a fazê-lo, guiado pelo amor à ciência.

O amável companheiro acabava de receber com visível sorriso a minha resolução.

Voltar a Mocajuba era penetrar na paz e sossegar o espírito, enquanto que maior demora naqueles campos podia ocasionar o sermos apanhados pela próxima trovoadá que já se desenrolava no horizonte.

Todavia na solidão daqueles campos notei que a atmosfera parecia pouco carregada, o ar puro e menos viciado.

Em poucos instantes, eis-nos já sob copada mata e uma ou outra choça habitada por caboclos orla o caminho estrito e retilíneo.

O suor banhava-me a fronte, que repetidas vezes enxugava um pouco contrafeito no selim e com as mãos picadas pelo maldito mucuim.

A marcha correu um pouco demorada; mas, duas horas depois, alcançávamos a margem do Tocantins, sobre cujas águas o sol dardejava os seus raios de ouro.

Mocajuba estava à vista.

Em poucos minutos, eis-nos sob melhor teto; e, taciturno como sempre, comentava intimamente tão singular passeio.

Não é que a impressão recebida me orientasse vantajadamente sobre o imenso vale, todavia era com certeza parte de um complemento a realizar, ante um juízo mais ou menos bem formado.

.....

Capítulo VIII

ESTUDO RÁPIDO



NAS TERRAS firmes da outra margem, nas vizinhanças de Cameté, coisa idêntica se me havia depurado. Terrenos em parte maus e pouco prestáveis às culturas contínuas.

Nas ilhas sujeitas a inundações constantes durante seis ou oito meses do ano, assim como nos terrenos mais frescos da terra firme, próximos às ribanceiras, parece certo que a vegetação é mais ou menos luxuriosa; mas é preciso convir em que o húmus da crosta tem sido formado secularmente por perene calor aliado ao apodrecimento contínuo das partes em que o período de vegetação findou.

A vida produz-se no seio da morte.

Vemos muitas vezes uma bela parasita erguer-se viçosa entre as fendas de um tronco de árvore podre e carcomido.

A fartura apresenta-se ao pé do estulto desperdício, quem sabe se originada por este, e o bem nasce muitas vezes do mau.

Resguardadas, pois, as florestas que margeiam as grandes artérias e que são as maiores preciosidades desta região, o aproveitamento dos

terrenos mais próximos é útil desde que se adote a cultura dos gêneros similares de zona tórrida.

Todo o mundo sabe que a ação das matas é forte e grandiosa na produção das chuvas. Cristóvão Colombo atribuía a extensão e intensidade das florestas que cobriam o cimo das montanhas a abundância das chuvas refrigerantes, às quais esteve exposto durante o tempo que costeou a Jamaica.

Produzidas as chuvas, estas podem-se limitar a regar a área tão somente em que a ação das matas se desenvolve.

“O chover muito pouco”, diz-nos Zurcher nos seus *Fenômenos da atmosfera*, em certos países quentes depende da natureza arenosa da superfície terrestre. O sol dilucida aí uma corrente ascendente de ar quente que impede de se condensarem as vesículas do vapor.”

Ao passo que no Estado do Pará as chuvas são tantas que chegam a causar flagelo, no Ceará, estado não muito ao sul, são tão escassas que a falta delas espalha o terror, diante de contínuas secas que a assolam amiudadamente.

Derrubadas as florestas e gasto o adubo natural que invade a superfície, adeus decantada fecundidade, que só pode ser vista aereamente por aqueles que deixam de consagrar algum tempo ao estudo profundo que nos despertam as naturezas virgens.

Essa fecundidade é muitas vezes aparente.

Nas minhas excursões pelo Tocantins, notei que as frutas amadurecem antes do tempo devido ao esgotamento da seiva na planta nativa, às chuvas e calor constante.

Uma ou outra rara planta frutífera, ali a custo aclimada, produz frutos de gosto desigual a desenxabido. O caju e a própria manga, frutas que no Sul são bastante apreciadas, ali parecem simplesmente intoleráveis.

Os próprios habitantes as deixam cair das arvores e apodrecer disseminadas nas praias, sem delas se aproveitarem.

Temos demasiados exemplos provindos da transplantação de plantas frutíferas de uma para outra terra ou de um para outro ponto, cujos resultados excedem a toda e qualquer expectativa.

Uma fruta, seja ela de que espécie for, é apreciada pelo seu sabor e nunca pelo seu tamanho.

A cana-de-açúcar, que erradamente se diz ter sido transportada da Madeira para o sul do Brasil, continua a ser cultivada tanto nessa ilha como nesta república.

Provai o suco da de lá e da de cá e notai a diferença. Provai na ilha da Madeira a manga, o araçá, a goiaba, a própria banana, e vereis que sabor delicioso nos arrebatou o paladar, o que não podeis achar em todo o território brasileiro, onde existem as plantas nativas que produziram a semente transportada.

Na Europa, viajando do sul para o norte, sempre notei por exemplo que a cerveja tem melhor ou pior adaptação ao paladar, com sensível diferença de um para outro país. O boch em Berlim é ótimo, em Bruxelas, Londres e Paris é bom, em Madri e Lisboa sofrível.

No Brasil dá-se a mesma coisa, conhecendo-o praticamente do Amazonas ao Prata.

Quereis uma prova? Hei-la.

Em todo o Estado do Pará não existe uma só fábrica de cerveja; entretanto, como já disse um distinto escritor, bebe-se ali mais cerveja que água na Bahia.

Não duvido que isto seja um exagero de dizer, nem irei certificar-me se os baianos bebem água à farta, mas o certo é que o Pará consome milhões de garrafas de cerveja. Toma-se ali cerveja de manhã cedo, como na Europa se toma vermute ou absinto. As garrafas vazias em Belém do Pará não têm valor e os hoteleiros e negociantes, para desobstruírem os depósitos e os quintais, pagam ainda em cima a quem as vá lançar ao fundo do rio.

No Maranhão e Ceará igualmente não existem fábricas de cerveja; em Pernambuco há duas; em Maceió, Bahia e Espírito Santo, uma em cada capital. Só no Rio de Janeiro para o sul conseguem consumidores e se transpusermos a fronteira do Sul teremos o prazer de provar, em Buenos Aires, a famosa Quilmes.

No Rio de Janeiro abusa-se da tolerância do público, impidindo-lhe cerveja com a marca de alemã a que é fabricada em Petrópolis, ao



Estudo rápido

passo que no Pará o público bebia como nacional a cerveja – marca Onça – provinda de Hamburgo.

Os habitantes do Tocantins também gostam da cerveja; mas, são menos escrupulosos, nestas coisas de marcas.

Onça, Tenent's, Carlsberg, Bass, tudo para eles é cerveja. Preferem, em todo o caso, a água do rio que lhes serve todos os misteres. Apanhada de véspera e depositada em púcaros de barro ao ar livre, durante a noite, é mais ou menos tragável e menos nociva.

A falta absoluta de rochas ou colinas não permite o encontro de uma gruta ou de uma poética fonte.

Os cametaenses proclamam, com alguma ufania, as virtudes da água Coriman; dizem sempre aos hospedes que partem saudosos de seus torrões:

– Bebeu água do Coriman, voltará mais cedo ou mais tarde.

Isto é quase um dizer popular em toda a parte. – Bebeu da nossa água, voltará à nossa terra.

Em todo o caso, o paraense proclama a sua terra doutra forma bradando que “quem vai ao Pará, parou, e bebendo açaí ficou”.

Verdade é que quem visita uma vez esta região sentirá vontade de voltar a ela, porque nos prende a amabilidade de seus habitantes.

Um futuro próspero e não remoto a espera.

A criação de núcleos coloniais seria de grande proveito ao baixo e alto Tocantins, mormente hoje que está em via de realização a construção da estrada de ferro de Alcobaça que unirá o Pará ao norte de Goiás?

Aproveitando os terrenos mais férteis o bom trabalhador só terá a esperar sempre provável êxito e brilhante recompensa dos seus cuidados e esforços.

A cana, os cereais, o milho, a mandioca, o cacau tudo ali se desenvolve apresentando magnífica fonte de receita desde que tome por base – trabalho e força de vontade.

Com exceção dos terrenos vizinhos ao Baião, daí para baixo, a superfície topográfica é mais ou menos plana, exceto as partes acidentadas nos cursos dos rios e igarapés.

A população atual, que apresenta insignificante proporção de habitantes por quilômetro quadrado, muito deixa a desejar quanto a iniciativa de trabalho. A consequente utilização de promover o governo estadual à imitação do de S. Paulo, o povoamento desta zona, por estrangeiros aptos ao serviço da lavoura, seria imenso proveito. Eles torna-se-iam portadores dos bons exemplos e o amor ao trabalho. Pouco a pouco, a negligência desaparecerá e todos virão a comungar no grande banquete de progresso que é a honra dos povos e a glória das nações.

.....

Capítulo IX

CAÇADA AOS JACARÉS



PARTINDO de Mocajuba em amena manhã, dirigia-me a novos pontos do Tocantins nos quais era esperado.

Encostado à amurada da montaria punha os olhos na esteira brilhante que o barco deixa, mergulhado em vagas meditações e contemplando a variedade de paisagens, na aproximação das grandes ilhas em que grupos de florida palmeiras sepultam em quieta placidez o solo úmido das mesmas.

A natureza cheia de vida, envolta em profundo mistério; morto só o espírito do homem, que ali do-

mina, débil e fracamente.

Depois de duas horas de viagem, entramos num soberbo igarapé.

– Aos jacarés, disse eu a um dos remeiros, com o qual havia falado na véspera sobre tal assunto.

– Vamos bem, seguindo esta direção. Em menos de uma hora lá estaremos.

Tratava-se de dar uma caçada aos jacarés.

Um dos companheiros conhecia bem o lugar onde eles costumam aparecer.

O barco, sob vigoroso impulso de quatro remeiros semi-indígenas, rompia a corrente do rio, seguindo a orla do estreito, ao passarmos de um para outro igarapé.

O céu parecia puríssimo, e estava a manhã rodeada das belas cores tropicais.

Uma hora depois, penetramos num furo, para sairmos logo, num vasto espaço orlado de frondoso arvoredado a sair da água e nela refletindo, mergulhando as verdejantes ramagens.

A brisa quente e embalsamada, o vago murmúrio da folhagem, entre a qual raramente víamos pulular uma ou outra avezinha selvagem, o pio monótono do pavãozinho, que espreita o abiu na borda d'água, a forma variada e atraente das plantas enredanças formando túneis de verdura, tudo dava àquela paisagem tropical uma feição encantadora e deliciosa.

No entanto, cercado por tantas belezas naturais, sentia-me apossado de um receio, fraco talvez, ante a sim ou não existência de mil causas morbíficas, ocultas entre aqueles emaranhado de cores e de tons.

Os remeiros pararam um momento para tomarem um grogue, o que lhes agradava mais com toda a certeza do que o encontro com um bando de crocodilos.

Em todo o caso, certo era que eles não podiam estar longe, embora sinal algum distinguíssemos nas bordas d'água.

– Façamos uma esmola ao Diabo, que logo aparecerão, disse um dos remeiros.

– Vá lá, disse outro sacando uma moeda de vintém, que imediatamente atirou n'água.

– Ora essa! Exclamei. Deitem uma moeda de maior valor, disse a rir.

– Não caia nessa que tínhamos perdida a viagem, replicou o primeiro. Demais, iríamos ao fundo e dariam cabo de nós as piranhas e o próprio demônio. Nada, nada disso.

E o remeiro falava tão convincentemente que eu suportei-lhe o fanatismo.

E continuaram os quatro a remar entoando a meia-voz as canções plangentes da rapsódia indígena.

Quanto aos jacarés, nem sombra deles.

Passada uma meia hora, e quando menos esperávamos, um dos companheiros de proa gritou:

– Lá está um. Talvez haja mais detrás daquelas moitas. E apontava para elas.

– Silêncio, bradou outro.

Era como efeito um jacaré que estava à vista.

– Vou lançá-lo, disse um dos remeiros.

– Não, exclamei. O primeiro há de ser morto a tiro.

Apenas a canoa a conveniente distância, eu apontei a carabina em direção à margem areenta, onde se achava o animal e fiz fogo.

A denotação ecoou fortemente no espaço, fazendo levantar desordenadamente um bando de ciganos que estava pousado.

O bicho parecia ferido, mas, arrastou-se até a borda d'água e nela sumiu-se lentamente, – ao tempo em que eu e um remeiro o apresentávamos com mais duas balas.

– Rema, gritava um e a canoa voava sobre as águas em direção à margem.

Do jacaré apenas o rasto se percebia na lama da praia. Perdêramos o tempo.

Repentinamente percebemos ao longe um grande círculo que se formava n'água e um rumor estranho feria-nos os ouvidos.

– Foram-se, disse então o primeiro remeiro.

Na expectativa, porém, de descobrirmos mais outro jacaré, ali permanecemos ainda cerca de meia hora até que afinal desapontadamente resolvemos retroceder.

– Ora adeus, dizia eu.

E voltamos sem um despojo da caçada que mostrasse aos incrédulos que nos tínhamos defrontado com os terríveis anfíbios que tão raros hoje são no baixo Tocantins.

.....

Vencida respeitável distância, ordenei aos remeiros para aportarmos a uma habitação que estava à vista.

Costeada a margem e soltos os remos dos toletes, foi o barco preso sob as palmas de uns açazeiros que projetavam sobre as águas trêmula sombra.

Bem perto achava-se encostado um bote de “regatão” pertencente a dois judeus. Na popa do mesmo, resguardado por impermeável *tamacarica* (tolda), jaziam harmonicamente dispostos fardos de fazendas, gêneros de várias qualidades, artigos de perfumaria, de armarinho e quanta bugiganga e teteia pode despertar a curiosidade e a cobiça dos compradores. Uma verdadeira loja flutuante.

Ao fundo da proa, havia grande quantidade de sementes de cacau e alguns fardos de borracha provenientes da compra e troca de mercadorias.

Via-se ali desde o mais ordinário poaçu até o mais fino *amanaju*.

Este sistema de mascateação flutuante é muito conhecido e usado nos grandes rios e produz quase sempre bom êxito desde que o negociante conheça a maneira de se fazer afreguezar, adquirindo estima e simpatia.

Para matar o tempo por instantes preferira entregar-me à pesca aproveitando a sombra dos açazeiros.

Apesar do sítio, que era excelente e rodeado por altas ervas, nada mais convidava a tal distração. O mau êxito era provável. A pesca do anzol é ali quase impossível e faz o mais paciente pescador encavacar seriamente.

Assim seria real o epigrama que diz: “A linha é um instrumento com duas pontas. Em uma delas há um anzol e na outra um imbecil”.

Abandonado, pois, tal lembrança, transpus o *ugathm* da montaria pulando para uma igarité e desta para cima da estiva escorregadia que levava à choupana. Enlevado pela amabilidade dos moradores, resolvi ali esperar a praia-mar a fim de efetuar a travessia.

Estava lá entre outras pessoas, ocupada em ligeiro serviço uma dessas criaturas, que, apesar de jovens, parece trazerem na fronte estampado o selo da morte. Era um pobre rapaz cujo estado doentio despertara-me atenção mais uma vez, entre tantos que conhecia nas mesmas condições.

Apesar de moço, apresentava o rosto pálido, o olhar amortecido, os lábios amarfinados e umas faces salientemente descoradas. A doença não era com certeza muito recente.

À primeira vista, parecia o resultado de uma dessas temíveis febres reinantes quase sempre acompanhadas de inflamações do fígado e do baço.

Tratava-se, no entanto, de uma anemia embora ele acreditasse o contrário e se julgasse tísico como de balde me tentava convencer.

A anemia é uma das doenças mais comuns naquelas paragens, devida a sua aparição sem dúvida aos meios nos quais se desenvolve.

O empobrecimento do sangue apresenta-se evidentemente e muito teria a expor se tentasse definir as causas que originam a moléstia, talvez em contemporaneamente.

A espanemia ou a clorose não são mais do que a própria anemia, que ainda é conhecida perante a ciência por outros nomes que me não acodem de momento.

Será o demasiado descanso e a descuidosa quietação em que passam aqueles habitantes os dias de vida fácil, uma das causas, a que possamos atribuir a anemia? É bem possível e em seguida a má alimentação, na qual falham os elementos nutritivos, o clima e as águas.

Quanto às febres que abundam no Tocantins, atacam talvez com mais precisão os naturais e neles exercem maior ação que nos estrangeiros aclimados.

A experiência no-lo demonstra.

Assim é que numa destas excursões eu voltava a Cametá, atacado por violenta febre, seguida de crescente inflamação do baço.

Debaixo de mil cuidados e tratado desveladamente pelo senhor Agostinho Godinho em sua própria casa, após cinco dias de rigoroso tratamento, saltava da cama restabelecido e pronto para outra como me expres-

so habitualmente. Ao mesmo amigo assim como ao Dr. Filo Créon, e ao hábil farmacêutico Sequeira devia tão pronto restabelecimento.

Infelizmente ao partir na companhia de meu irmão Frederico Leal, a convalescer na capital do estado, jamais calculei que na minha volta a Cameté fosse encontrar um daqueles três cavalheiros vitima da moléstia e justamente aquele que me pedia mais gratidão.

Maior e mais profunda tristeza sentia quando um mês depois ao partir definitivamente daquela cidade, deixava prostrado ainda pela mesma doença esse amigo que durante cinco dias me servira de enfermeiro.

A aplicação do quinino e do arsênico, dois poderosos antifebrífugos produz mais ou menos bons resultados para as febres simples. É ainda a experiência que me tem aconselhado o seu uso na dose de 1,0 gr. E um centigrama de ácido arsênico para dez pílulas. Viajando seja em que circunstancias for, jamais deixei de conduzir na minha maleta uma caixa com as preciosas pílulas.

Escapo daquela moléstia, nunca acreditei salvar-me das consequências de um desastre que me sucedeu no Tocantins. Os transe por que passei, as dores que sofri resultado de uma imprudência que me pôs em risco os dias da vida jamais deixar-me-ão de servir de exemplo, ante os atos irrefletidos da mocidade.

Hospedado em casa do amável senhor J. Costeira teve ele a satisfação de me ver livre de perigo, devendo-lhe assim como à sua gentil esposa todas as atenções e cuidados de que me rodearam.

.....

Capítulo X

O NATAL NO BAIÃO



REATANDO ao ponto em que ficara antes de entrar nas considerações precedentes, tive depois de algum descanso a continuação da viagem interrompida.

Partimos em direção à boca do rio Tamanduá, onde eram estabelecidos os irmãos Veigas, dois corpos numa alma, os senhores Constantino e Manuel Veiga respeitáveis chefes de família.

Pelo correr da tarde ali chegando, fui amavelmente recebido.

Infelizmente nessa ocasião mal pensava que, um ano depois, seria sabedor do falecimento do primeiro.

As cercanias do Tamanduá são regularmente povoadas e numerosas casas e choupanas orlam as margens dos sinuosos igarapés.

O comércio é vivo e animado principalmente as colheitas de cacau, que então principiavam.

Há ali uma escola pública, bem frequentemente a cargo de inteligente professor cujo nome não me acode à pena.

Dias depois, deixava as vizinhanças do Tamanduá e do Mendaruçu, e internando-me pelo rio acima, seguia novamente em direção ao Baião.

São de tão pouco interesse as peripécias que ocorreram nestas excursões rio acima, ou por outra tão naturais e extravagantes que, para não alterar a norma adequada deixo de as mencionar.

Os dias corriam magníficos e, apenas partimos, trovoadas seguidas de aguaceiros nos tolhiam às vezes a marcha. As noites, essas continuavam a ser de uma limpidez admirável ou de claro e excelente luar.

No dia 26 de dezembro saltava no Baião pela segunda vez.

Como já disse, esta vila está deleitavelmente assente num alto aprazível e vistoso, à margem direita do Tocantins.

Dão acesso à povoação duas enormes escadarias, com perto de 200 degraus cada uma. No começo de uma delas há um pequeno trapiche, onde atracam os vapores das companhias Amazonas Steam e Marajó e Tocantins.

A fundação desta povoação data de 1694, sendo o seu fundador um português de nome Antônio Baião.

Da igreja do Rosário restam apenas as ruínas.

Baião está distante da sede da comarca 49 quilômetros.

Subi rompendo o povo que se apinhava na escada.

A pequena vila apresentava um aspecto festivo e saltitante. Romeiros de diversos pontos acabavam de chegar e já se ouvia na extensa praça de folgedos o *túgu-túgum*, *túgu-túgum*, singular e genuína onomatopéia, cujos sons se sumiam nas vastas redondezas da vila, aliás monótona e tranquila.

A festa do Baião, pelo seu caráter lendário, atrai anualmente gente de todos os pontos, e de todas as classes e posições.

Desta vez, sentia-se ali a falta do Dr. Belo; todavia a franqueza e união desta boa gente dava lugar a que reinasse sempre alegria e cordialidade entre todos, quer conhecidos de momento, quer de longa data.

Não tomarei a peito descrever circunstancialmente esta festa popular, pois, como de costume nestes trabalhos, usando do meu estilo ligeiro, não me é dado embrenhar-me por cantos e recantos em busca de dados,

a fim de expor aqui uma descrição completa e nem mesmo ultrapassar as próprias forças.

O Baião é o último ponto do Tocantins, onde se encontram claros indícios pressagos da civilização. Daí para cima, ela some-se como por encanto e apenas choupanas de alguns tristes caboclos, embora mansos, mas, num estado semi-selvagem, margeiam o grande rio.

Esta nossa segunda visita ao Baião havia sido levada a efeito com o fim único de recreio.

Seria a vila por demais pequena para abrigar confortavelmente o grande número de romeiros, se a maior parte deles, por seu próprio costume, se não sujeitasse aos incômodos da ocasião.

A praça dos folguedos, completamente limpa e preparada, apresentava um conjunto singular. Barracas e caramanchões haviam sido levantados em volta do largo, reinando ali alegria dia e noite.

No giro constante que fazíamos de par com senhoras e cavalheiros, o mais simples divertimento reunia mil atrativos que fruíamos com sobejado prazer.

Aqui era o *ru ru ru* da roleta, que muitas vezes deixava na *pindaíba* os mais submissos súditos da princesa jogatina; ali os sons macambúzios partidos de um realejo desafinado, e que, mesmo assim, eram ouvidos entre o bulício e o rumor compacto da multidão; acolá, uma gritaria desenfreada, sem vias de fato, apesar das gargantas receberem repetidas fricções da endiabrada *geribita*; além, a perder-se mui longe, o infernal samba dos negros, cujo cadenciado ritmo era apontado pelo contínuo *túgu-túgum* num tambor em forma de canudo, instrumento rudimentar e quase no todo de uma só cor.

Nestas festas, a musa popular era aplaudida e às vezes confundida, apesar do ruído indescritível, no meio do qual, o *jiktijim* das violas, alternadamente parecia deleitar-nos os ouvidos.

De súbito, uma cabocla moça bela, carregada de fitas e adornos esquisitos, conquistando dum salto o centro do local em que tinha lugar o batuque, formava o solo, sendo o final da cantiga repetido como estribilho por dezenas de vozes acompanhadas de esgares e requebros, quedas e umbigadas, provocadas pelo entusiasmo e animação. Pouco a pouco me

convenci de estar, não na presença de uma estrela coreográfica, mas sim, diante de uma neurótica.

Era, na verdade, um tipo imponente, de cabelos cor de ônix, tez bronzeada, corpo esbelto, cheio de graça e de agilidade.

No dançar, tinha ondulações de jiboia, movimentos provocantes, requebros de estontear o homem mais sério e sisudo, que ali se achasse.

Vergando-se às vezes, de cabeça pendida, o olhar enlanguescido, os cabelos a adejarem-lhe em volta do rosto, onde pairava um sorriso voluptuoso, lascivo, debochado, dir-se-ia que tinha diante de mim um gênio epilético, uma Vênus histérica.

Através destes folguedos, notava-se a mais feliz ingenuidade. A pilhéria era despida de cores fátuas e a moral sempre respeitada, se bem se o rigor das modas despertasse aos intrusos raramente uma má interpretação.

Justamente à ilharga do sítio, onde se realizava este clamoroso batuque, uma gorda mulherona, em estreito repartimento coberto por um teto de palha, assentada junto de um braseiro, assava no espeto postas de pirarucu, que eram logo vendidas aos foliões.

Um rapazote que lhe servia de ajudante e cujas feições se assimilavam às da velha matrona, servia igualmente aos fregueses, sobre um balcão improvisado, cachaça, gengibirra, açai, bacaba e outras bebidas.

Na noite de 24 para 25 de dezembro, o povo em massa dirigiu-se à matriz, onde se disse a conhecida missa do galo.

A data de nascimento de Cristo foi naquelas paragens, comemorada fielmente.

Em todos os rostos se desenhava o mais vivo regozijo e imenso respeito em face da solenidade religiosa. A boa fé, a pura crença, tinham ali pronunciados adeptos.

Felizes os que, vivendo isolados dos grandes centros, e desconhecendo vis preconceitos, gozam de uma vida longa e tranquila. As ridículas afetações que se geram na sociedade portuguesa e brasileira transparecem levemente neste meio, sem obterem franca entrada.

Ao passo que, no largo da matriz, reinava profundo silêncio, rompia os ares o constante *túgu-túgum*, e uma vozeria surda ainda partia do centro dos folgedos.

Terminada a cerimônia religiosa, dispersou-se gradualmente a multidão, sem impedir, no entanto, que grupos esparsos em vários pontos esperassem o romper da aurora, para saudá-la ao som da música e de radiante alegria.

No dia 25, a procissão saiu da igreja, percorrendo todas as ruas. Precedia o préstito uma caterva de pretos esquisitamente mascarados, que cantavam e dançavam acompanhados pelo irrequieto tambor-canudo.

Senhores e cavalheiros, pertencentes às poucas famílias ali residentes, e mesmo de fora tomavam parte no acompanhamento, repletos todos de visível alegria.

À noite, na residência do senhor Nascimento, houve uma reunião, dançando-se até tarde.

Então foi-me dado ver que o belo sexo do Baião e suas imediações é bastante amável e sedutor, havendo alguns exemplares de sofrível beleza, e jovens de encantadores semblantes, em que a cor morena se ostentava em maioria.

No meio do entusiasmo que se divisava em todos os ângulos da sala, notava-se contudo, pequeno número de dançantes.

Se a música convidava e as moças eram muitas e formosas, que faltava pois?

Cavalheiros; não havia cavalheiros.

Assim, a festa esfriaria, se não fosse a animação de que pareciam possuídos os poucos que ali se achavam.

Como sempre hei notado, as danças em cada estado tem uma feição especial.

Na do Pará, com especialidade, nota-se isto a fundo; porém, quanto ao uso da forma, a crítica não encontra que dizer.

Nota-se mesmo alguma graça e correção, mas pouco *salero*.

A meu ver, o dançante deve mostrar-se acertado nos passos, den-
goso no gesto, sem jamais se deixar votar pela exageração.

A suavidade encanta, ao passo que o sistema acelerado cansa e fatiga.

A dança é um exercício útil e higiênico, que não deve ser desprezado pela mocidade.

Finalmente, nesta noite, dançou-se animadamente até de madrugada, saindo os convidados penhorados em peso pela atenção e delicadeza que lhes dispensaram os donos da casa.

.....

Na manhã de 26, ainda eu dormia a sono solto quando uma criança me foi despertar.

O dia estava a pino, e a terra afogava-se em viva luz.

Abri os olhos a custo e relancei um olhar em volta do aposento.

– Acorde, vamos ao banho.

– Qual banho nem meio banho, respondi entre dentes, revirando-me na rede com vontade de continuar naquela agradável madorna matutina.

Não havia, porém, remédio; a criança puxava-me pelos pés e já outra me alcunhava de preguiçoso.

Saltando da rede, procurei uma toalha que enrolei ao pescoço e segui para o rio em companhia das crianças.

O horizonte brilhava em chamas e a natureza oferecia-nos uma variada aglomeração de tons.

Da ilha fronteira partiam pacatos bocejos, dentre a espessura de um bosque de palmeiras, e o rio em indolentes torcicolos esperava-me tranquilamente.

Julgavam-me indisposto e senti talvez desejos de continuar a dormir e... a sonhar.

Em todo o caso, descia, absorto em vaga contemplação, um por um os cento e tantos degraus da enorme escadaria.

Chegado a baixo, deixei o corpo esfriar em momento e atirei-me depois à água, nadando ao acaso. Mas tão embevecido me achava nesta manhã que nem reparei, dentro em poucos instantes, na distância que me ia separando da margem.

Quando dei por isso, julguei-me perdido, sentido-me levar pela corrente.

E nem me lembrava dos jacarés, das piranhas e dos botos que ali abundam.

Que extravagância!

Voltar, urgia voltar. Mas como, se a corrente tomara conta do meu corpo já enfraquecido?

E nem as inocentes crianças adivinhavam a iminência do perigo que me cercava.

– Ora não é nada, disse comigo; e nadei então com todas as forças a fim de alcançar a margem embora muito abaixo do ponto em que entrara n'água.

Dentro em pouco tinha quase ganha a batalha que travara com a corrente, quando, sentindo escoarem-se-me as forças, me estendi de costas, flutuando à flor d'água.

Daí a alguns minutos redobrando de esforços alcançava a praia quase exausto, sem mais pensar no descuido em que caíra.

.....

Este dia, como o precedente, correu alegre e festivo.

A gente do *túgu-túgum* conservava-se firme no seu posto. Na praça principal surgiam novidades para entreter a população.

Também eu era portador duma delas: consistia no aparecimento do meu velocípede, que provocou espanto e admiração entre os foliões.

A maior parte deles, habitantes daqueles centros, nunca havia visto um simples carro, quanto mais um velocípede.

Os homens ao verem-me sobre o engenhoso aparelho, a descrever curvas e passar por eles em vertiginosa carreira, batiam palmas e estabeleciam considerações estapafúrdias; as mulheres mormente as velhotas, acocoravam-se benzendo-se e clamando ser aquilo obra do Diabo!

As mais moças e tímidas buscavam esconder-se e as crianças, avistando-me, corriam em uma algazarra infernal.

Quando passava, os curiosos formavam compacto círculo e à custa de algum mais corajoso que tentava ganhar o selim, riam a bom rir, no momento em que o chão lhe crismava o nariz.

Entre outros atrativos assim terminava a festa do Baião no Natal de 1886.

Nessa última noite, folgamos ainda em animada reunião, para a qual, como em outras, me foi dada a honra do convite. Sempre o mesmo entusiasmo e animação, fechando-se assim com chave de ouro a série de folguedos que ali se realizaram durante dias seguidos.

Devo observar que de tal reunião conservo as mais gratas recordações.

.....

Capítulo XI

ALÉM DAS CACHOEIRAS



PARTINDO de Baião em saudosa madrugada, percorri as suas imediações durante alguns dias resolvendo depois subir às cachoeiras a alcançar a foz do majestoso Araguaia.

Para quem deixa os subúrbios do Baião, espera-o um mundo novo de desertos intermináveis e de paisagens cada vez mais arrebatadoras.

Pouco a pouco, temos visto ir diminuindo a população composta de gente semicivilizada, mestiça e indolente, até que chegamos à praia do Tapapucu, quando acabamos de costear a grande ilha de Jataí.

À proporção que subimos vamos notando como o rio é arenoso e as praias vastas e claras. Dentro em pouco passamos pela boca do Irucarará, em cujas margens há abundantes soltos de castanheiros. Até a foz do Araguaia,

o sítio mais ameno que se nos depara é talvez Arumateua, aldeia ou insignificante povoado à margem esquerda do grande rio, onde se contempla o redemoinhar das águas do rebojo da Victa Eterna, cuja celebridade é notória por causa das numerosas vítimas que tem feito.

Ouve-se também daí o medonho rugido do Guabirão.

Não há viajante que deixe de afirmar ser Arumateua o ponto mais aprazível e pitoresco de todo o baixo Tocantins. Pela sua situação elevada, daí se desfrutam esplêndidos panoramas e quem sobre eles espriar a vista há de forçosamente deleitar-se diante das inúmeras belezas naturais antes de alcançar os topos do horizonte.

Como ponto sanitário, chega-se a considerar ótimo o local, podendo-se até mesmo dizer que é bastante apreciável a influência profilática do seu clima.

Em Arumateua é que se reúnem, durante a safra da castanha, numerosos negociantes e apanhadores, por ser o ponto onde os vapores vão carregar. Casas, choupanas, e barracões tudo é construído para uso provisório. O lugar nesse tempo toma um aspecto festivo apresentando um conjunto próprio de feira.

Estes terrenos são magníficos e salubres. A terra, provando à saciedade a força de uma vitalidade exuberante, como que está a pedir cultivo e trato.

Deixando Pederneiras, lugarejo sem importância à margem esquerda vamos tendo a vista à costa de Jiquira, encontrando-se novas e surpreendentes belezas.

As margens do grande rio sempre cobertas de grandes e verdejantes castanhais e o cumaru e a copaíba ali abundam também prodigiosamente.

Uma tarde, estávamos parados à margem esquerda do soberbo rio e tínhamos à vista Alcobaça, lugarejo pouco habitado. Uma tempestade dessas do costume havia-nos feito mendigar um abrigo à sombra das ramagens que em seu balouçar contínuo parecem beijar constantemente o lume d'água.

Após a chuva, a natureza expandia-se satisfeita e uma viração agradabilíssima depois chegava até nós, como um doce alívio após o imenso calor que pouco antes experimentamos.

Precisava conhecer bem o ponto de que me achava próximo e de que ouvira falar antes, muito antes.

Sem ver terminado o aguaceiro seguimos novamente. O tempo melhorou deixando antever o cair de uma tarde limpa e clara a preceder um crepúsculo cor de ferro em brasa.

Eis-nos finalmente em Alcobaça, lugar onde se projeta estabelecer o ponto de partida da futura estrada de ferro, segundo me informaram pessoas com quem muito antes falei na capital paraense e que me asseveraram ser bem pouco acertado.

Principia por ser um lugar ermo e inconveniente, segundo informou o Sr. Parsondas de Carvalho.

Demora acima do travessão dos Patos (o lugar de menos profundidade) sobre ripas escarpadas, contornado de praias e a margem erizada de recifes.

Nem pode servir de ponto de partida como fim da secção encachoeirada nem para começo da estrada que, a começar daí, descrevia uma grande curva, cujo raio mediria pelo menos dez quilômetros.

Tal é também a opinião daquele entendido.

.....

Lutando com mais ou menos dificuldades, assim viajamos durante alguns dias, ora por terra ora por água.

Eram três apenas os meus companheiros. Um deles, de nome Mandu, um homem indiano, de olhar feroz mas meigo no falar e nos tratos. Dos três, o mais obediente e mais afeito aos serviços no barco.

Pertencia a uma das tribos selvagens do Araguaia e fora, anos atrás, preso com mais alguns companheiros, e vendidos por um comandante de vapor, a certo proprietário de seringais, a cujo serviço estive muito tempo.

Lembrava-se da sua língua e sentia até prazer todas as vezes que via algum natural com quem falar, notando-se que muitas vezes bem mal o compreendiam.

É para notar que, além do seu dialeto, Mandu entendia-se sofrivelmente na língua geral, e no português.

Sucedeu que uma tarde encontramos uma canoa presa a um ramo de árvore na margem direita do rio e logo que ele a avistou, compreendeu que era de índio.

Com efeito, pouco depois, notamos uns cinco indivíduos nus completamente, acorados no alto de um barranco, espreitando-nos tranquilamente.

Afeitos já pelo costume de verem, de tempos a tempos, desceram ubás carregadas, com destino ao Pará e provenientes de Goiás, os índios embora em estado selvagem, nada fazem aos viajantes e pelo contrário, muitas vezes os auxiliam em troca de pequenas ridicularias, como sucede com os anambés, cuja aldeia se acha situada à margem esquerda, pouco acima na foz do Coripé.

Depois de insignificante hesitação, vieram à fala com Mandu, dando a entender que a sua maloca estava situada em um braço na mesma margem do rio. Andavam à caça.

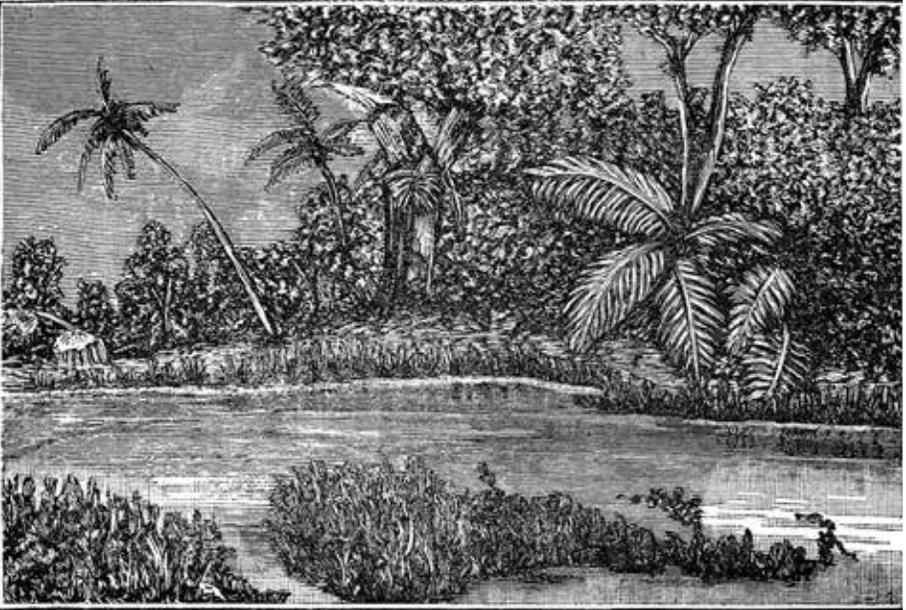
Continuamos assim demoradamente a viagem, até fazermos pouso, nesse dia junto à margem de um pequeno tributário do grande rio e onde nos divertimos a pescar durante as últimas horas da tarde.

Sucedeu, nessa ocasião, que um dos remeiros, tendo feito nesse dia um arranhão no pé esquerdo, ao cair n'água para banhar-se, ia sendo devorado pelas piranhas, que em poucos segundos conseguiram deixá-lo com uma boa falha, cortando e devorando-lhe alguma carne, o que o fez chamar pelo socorro dos companheiros, que aflitos correram a salvá-lo.

As piranhas (classes dos salmonides) e as arraias são o terror dos banhistas em muitos pontos do Tocantins. Tão temível é a piranha que a sua voracidade nos chega a causar pavor.

Quando em cardumes percebem sangue ou carne, surgem a avançar como lobos famintos. Um arranhão ou sinal de sangue é o bastante para um pobre-diabo em poucos momentos ficar reduzido à expressão mais simples, isto é, a esqueleto.

A origem tupi do seu nome provém dos afinadíssimos dentes que cortam como navalhas. Anda de preferência no fundo do rio, e mede às vezes mais de um palmo no seu comprimento.



O igarapé

“Cuidado com as piranhas e com as arraias” tal é o aviso que dão os habitantes do Tocantins, aos viajantes inexperientes que procuram nele banhar-se.

No dia seguinte, logo ao continuarmos a nossa lenta subida beira rio, encontramos uma pequena embarcação tripulada por dois caboclos que nos diziam ir em direção a Pederneiras, lugarejo sem importância colocado à margem esquerda do Tocantins de que já demos notícia.

Eram homens de tez bronzada, deixando no falar perceber perfeitamente o pouco conhecimento da civilização. Um deles, no entanto, simpático e meigo, dirigiu-se a mim pedindo um pedaço de fumo, que lhe mandei dar imediatamente.

Em lugar de picar o fumo, notei que o índio pisava-o com uma pedra de configuração especial, e me pareceu ser um machado. Causou-me isto grande estranheza, porque não me constava que nestas alturas tivesse qualquer naturalista encontrado um igual e isto fez-me crer que devia ter vindo de longe, talvez do Araguaia.

Presenteou-me com o machado e, para provar-lhe o meu agradecimento, ofereci-lhes um meio copo de aguardente, que ambos beberam a rir e gesticulando desmedidamente.

O machado que me havia dado o índio e que por acaso divisava em suas mãos, era bem trabalhado, conquanto de granito pardacento, achatado, ovóide, medindo 0,172m de comprimento sobre 0,76m de largo.

Guardando-o na minha maleta, despedi-me dos tais índios e continuamos a viagem.

Mandu parecia um pouco contrariado neste dia, e mais de uma vez o interroguei nesse sentido, sem dele poder obter plausível explicação.

Afinal compreendi que tinha ao meu serviço um grande supersticioso e nada mais.

Foi assim que me confessou receosamente estar crente de ter visto essa manhã Uauiaira, a “mãe d’água” como dizia, esse mito antropomorfo tão popular no interior de alguns rios do Brasil.

– Mas, não será isso um sonho? Perguntei-lhe debaixo de uma forma a incutir-lhe no espírito a certeza da ilusão que o acabrunhava.

– Sonho, nunca, respondeu-me convictamente e acrescentando não ser a primeira vez que via o gênio dos rios ou das águas. “O que há, continuou ele, é um grande mistério em tudo isto. Quando a vejo, percebo sempre que o seu corpo é de gente, mas os pés nunca os vi, como nunca lhe vi o rosto”.

Crendices finalmente, e nada mais.

Em todo o caso, como a lenda da *Jaciaba* ou *Uauiara* me parece interessante, vou oferecê-la ao leitor. Os termos da língua tupi vão escritos segundo a arte de que usa o ilustre filólogo Ulisses Pennafort na “Pocema”.

Outrora nas soberbas ibianas do formoso rio Gurupi tinha assentadas as suas tendas a guerreira nação dos timbiras. Em uma dessas belas tardes do verão, um jovem índio, filho primogênito de um dos muribichabas, desceu em uma igara para pescar no sítio em que hoje demora a vila do Gurupi (impropriamente chamada Vizeu!).

Era um rapaz formoso, o mais lindo e esbelto dos apiauas da sua taba.

Valente e forte como um tapir, como ele não existia outro de maior bravura e altivez.

Ninguém com maior valentia empunhava o tacape e manejava o arco e a flecha.

Raras eram as aves que nos ares não se deixassem apanhar pelas ervadas setas desferidas do seu terrível *uirapara!*

A aracuã, o anajé, até o veloz andirá... todos fugiam ao avistar a sua enorme e alongada zarabatana.

Nas danças e brincos com que celebram as suas festas lunares, sempre a palma da vitória era conferida ao jovem tapuio, ante quem os mesmos pais reverentes se curvavam!...

Era o encanto da taba e o orgulho dos seus avós; estava ele destinado a substituir ao velho cacique que tantas vezes fizera morder o pó da terra aos feros e indômitos apinajés!...

É um belo dia o jovem índio teve necessidade de pescar; meteu-se numa igarité e seguiu com destino à ponta do Gurupi.

Era uma tarde amena e encantadora; o sol, o fulgente coaraci, que principiava a ocultar-se por trás da espessa mata da serra do Piriá,

espanejava os seus últimos raios sobre as prateadas águas que circundam a enorme pedra encantada, que jaz no foz do Gurupi, em distância de 5 ou 6 milhas da ponta de terra mais próxima!...

O ibaqué estava calmo e sereno; e no horizonte mal se lobrigavam algumas nuvenzinhas purpúreas que derramavam aljofres.

E a igara em que ia o jovem tapuio sulcava vagarosamente as águas maravilhosas do rio em direção sempre àquela pedra grande, que nunca se viu coberta nem nas maiores enchentes de março e agosto!...

*

Ao avizinhar-se da pedra, sentiu o índio que se lhe fugia a intrepidez do ânimo.

Assim como o triste canto da oricuriá enche de susto a quem o ouve às caladas da noite, assim o índio sentiu cortar-lhe o peito um grande pavor ao aproximar-se daquela itá.

Caíram-lhe bagas de suor pela fronte acobreada e as mãos calosas contraíram-se em crispações nervosas...

Não sabendo mais a que ia, o jovem índio volta de repente a igara e desaparece veloz como raio daquele lugar de encantos!

O pobre pescador chegou tarde à sua tijupaba, amarrou a igara no Mara, e não podendo mais reconciliar o sono sentou-se no tronco do ipê, e ali permaneceu até pela manhã pesaroso, taciturno, inquieto, proferindo de vez em quando frases desconexas acompanhadas de gesticulações exageradas.

E a velha tapuia, que estremecia deveras aquele seu filho querido, chorava amargamente por vê-lo naquele estado de alucinação.

*

– Filho, disse-lhe a índia, que fero curupira te abateu o ânimo, aquela valentia que tanto fazia pasmar os inimigos da nossa taba?

O moço índio ergue um pouco a fronte assombreada pela tristeza, contempla o rosto lacrimoso da velha índia, solta do peito um triste e magoado suspiro... e irrompe mais ou menos por estas palavras entrecortadas:

“Oh! Que saudades profundas agora não me acabrunham o espírito!...

“Era uma jovem tão bela... tão encantadora, tão alva como jaci... entre as rubicundas filhas porangas dos valentes timbiras ainda não conheci outra igual.

“Coaraci ia-se pondo por detrás da colina do Piriá, a negra pituna se aproximava, mas serena e calma, e a minha iagara quase de bobuja deslizava-se de mansinho por sobre as águas verde-claras do Gurupi em direção a grande ita que, oh! Mãe, tu sabes se achar colocada bem no meio do rio.

“Oh pasmo! Oh confusão! Oh dor! De pavor e alegria estremei... Parecia-me que estava a ouvir uma toada bem longe, uma voz doce, terna e harmoniosa, que saía como de dentro da pedra grande, a qual se confundia com o burburinho das águas do rio e ia de envolta com a suave iroiçã morrer por entre as franças dos tucumãs da vizinha apicón.

“E quanto mais a igara se chegava perto da itaçu mais forte e vibrante me feriam a alma os sons melodiosos daquela voz de caraibébé!

“De repente eu vi... oh! Mãe! Não lhe minto... eu vi uma mulher formosa... formosa como uma virgem jaciaba! Fiquei mudo e quedo como o jacaré quando se vê em frente do jaguar!...

“Oh! Mãe, como era bela, porang! Estava assentado no cimo da itaçu! Os cabelos em ondas brincavam agitados pela brisa do mar, eram louros e encaracolados como os flocos do verde abatixi... ela os trazia amarrados com lindas flores de mumurés... enfim a manacã cantava... cantava... como nunca eu vi cantar assim em terras de Tupá!...

“Depois levantou-se... lançou-me uns olhares reluzentes como jacitatas, sorriu-se para mim, e atirou-me seus braços alvos como ibitunane, e fingindo querer abraçar-me desapareceu cantando por entre as frestas da grande ita, que ia como se abrindo para deixá-la passar!...

“Mãe, mãe, como era linda a jovem jaciaba, que ali vi sentada naquela pedra... Como eram formosos os seus cabelos... guaraciabas!... como eram arrebatadores os acordes daquela vos que cantava!... Assim terminou o índio a sua triste poranduba.

“A velha tapuia abaixou a cabeça e deixou rolar pelas enrugadas faces duas grossas lágrimas!

“Olha, filho da minha alma, murmurou ela, não tornes mais a passar perto daquele terrível lugar... A virgem jaciaba que ali viste sentada na pedra grande é a Uiara, a mãe d’água; filho, filho, foge das suas moangas... o seu sorriso é a morte! A sua voz é um encanto”.

“Assim falara a índia pálida de susto e de dor.

“O índio nada respondeu, e assim permaneceu triste e silêncioso até o resto do dia.

*

“No dia seguinte ao pôr do sol, de novo rompendo as águas do rio Gurupí, a igara seguia ligeira em direção a pedra grande. Nela ia o jovem timbira, que esquecido já dos avisos maternos, se deixava arrastar pelas correntes do rio até a boca da pedra encantada!

“O que lhe sucedeu depois ninguém o sabe dizer, só sim que desapareceu para sempre por entre uma das aberturas da pedra!...

“É crença vulgar é, que sob aquela enorme pedra existe um reino encantado, e diz-se que em noites claras, quando jaci prateia as límpidas águas do Gurupí, alguns nautas mais audazes ouvem distantemente sons harmoniosos de não sei que instrumentos desconhecidos, e outra vez descobrem ao longe vultos de homem e mulher que cantam ao luar...

“E quando por ventura algum pescador mais ânimoso se atrevia a ir pescar à noite, nas proximidades da pedra grande, via então abrir-se as águas do rio e nelas de todo mergulhar os dois vultos!...”

SEGUNDA PARTE

.....

Capítulo XII

OS APINAJÉS



DA FOZ DO ARAGUAIA até Alcobaça há uma secção verdadeiramente impraticável por causa das grandes cachoeiras de Tacumanduba, Vita Eterna, Itaboca e Guaribas. Nas alturas da ilha do Leal há um belo remanso e a passagem, procurando-se as margens, é franca para barcos e canoas, apesar do redemoinho que se encontra.

A navegação a vapor nesta secção, que se estende da Praia da Rainha até Alcobaça, é impossível para vapores e é justamente entre esses dois pontos que se planeia a construção de uma estrada de ferro marginal.

O leito do rio neste estirão é mais ou menos pético e durante o tempo de vazante ou seca, numerosos são os cachopos e penedos a descoberto formando perigosos redemoinhos e travessões. Tais são as informações colhidas e que julgo podem interessar a alguns leitores.

O Dr. José Feliciano, engenheiro incumbido pela *Companhia Férrea e Fluvial do Araguaia e Tocantins* de verificar os estudos do Dr. Lago feitos creio de 1872 a 1876, partiu ultimamente em 24 de maio de 1893 do Rio de Janeiro, chegou a Belém no dia 7 de junho, seguiu Tocantins

acima a 15, chegou a Alcobaça a 18 e depois de dois meses de estudo regressou ao Rio, sendo o seu relatório publicado em outubro no Diário oficial de onde passo a extrair os seguintes tópicos:

Logo no começo do seu trabalho, diz o mesmo engenheiro que a estrada de ferro, que deve contornar as cachoeiras, pode ter o seu ponto terminal 10 quilômetros abaixo da praia da Rainha porquanto as cotas de sondagens do meio do canal variam ali entre 28 e 20m, de profundidade, margem esquerda 5 a 9m, margem direita 3 a 4m. Velocidade de água 0,266m por segundo.

Descrevendo os travessões do Seco Grande, Tauirizinho e Mãe Maria declara que os primeiros não impedem a navegação de lanchas a vapor porquanto têm canais de 30 a 60 metros de largura, profundidade não menos de 2,10m e que a maior velocidade da água na superfície de um deles é de 1,312m por segundo.

O último travessão exige melhoramentos. Toda a secção do rio é obstruída de margem a margem por bancos de pedras. A questão reduz-se a eliminação das pedras que obstruem o canal.

Ao descambar uma tarde, fizemos pouso na margem esquerda do rio, na foz de um pequeno braço ou afluente cujas margens eram cobertas de lindíssimos castanhais – *Bertholetia excelsa* da família das Lecitídeas. Algumas árvores tinham seguramente mais de cem pés de altura.

Apanhamos ao acaso algumas nozes, cujo tamanho é idêntico ao do coco da Bahia. Conheço outra espécie da mesma família, a sapucaieira – *Lecythis grandiflora* – cujo fruto apenas sazonado deixa a casca abrir-se espalhando-se no solo as suas sementes.

Parecia-me estar já bastante fatigado da viagem e sentia vontade de regressar.

A foz do Araguaia devia estar a pequena distância. Não tínhamos, porém, quem nos ministrasse informações. Nenhuma ubá havíamos encontrado neste percurso, dessas que costumam descer da cidade da Palma ou da Boavista em Goiás.

A viagem até a Palma, segundo me informaram vários viajantes, é muito dificultosa e demorada.

Levam geralmente um ano para fazê-la, ida e volta até o Pará.

Receava que nos viessem a faltar víveres e o nosso barco, tendo sofrido alguns choques na véspera, estava fendido, sendo forçoso de vez em quando calafetá-lo o que não impedia a água de penetrar novamente a ser alijada fora.

Ao anoitecer desse dia, fomos surpreendidos pelos rugidos das onças, que vagavam nas proximidades do nosso pouso, ocultas pelos matos em um sítio elevado. Passamos a noite à *la belle étoile*.

Cardumes de botos desciam ou subiam, o rio, ferindo de instante a instante o lume d'água, e deixando-nos contemplar de relance parte do seus corpos.

A noite estava belíssima e na transparência deste céu tropical, as estrelas amontoavam-se, brilhando intensamente.

Como de costume, entreguei-me à pesca até tarde. Os melhores e mais saborosos peixes haviam caído nos nossos anzóis e antes de dormir assamos alguns *curimatãs*, armando-se depois as redes de forma a passarmos a noite livres da visita das onças.

Decididamente esta vida agradava-me e sentia prazer toda vez que provava um fruto desconhecido, um peixe que ainda não caíra antes na minha rede ou no meu anzol.

Se uma ou outra fruta, uma ou outra caça não agradava ao paladar, provava no entanto o que não vira noutra parte e sobre o que não podia dizer – conheço melhor ou pior.

Com os produtos nativos desta zona não podia estabelecer comparação de espécie alguma. O que podia asseverar é que o *curimatã* bem preparado é tão saboroso como o salmonete do Mediterrâneo, o *mapará* tão apreciável como o chicharro da Madeira, os moluscos tão apetecíveis como as ostras de Cancale ou de Marennes.

Ao anoitecer do dia imediato, Mandu veio pesarosamente avisar-me de que o barco estava cheio d'água e que seria uma imprudência continuarmos a viajar nele subindo o rio, sem primeiro serem deveras reparadas as avarias.

Tínhamos à nossa disposição apenas uma *igarité*, canoa de um só pau, que mal podia conter duas pessoas e que trazíamos a reboque, para pescarias. A nossa situação era grave; mas, felizmente, no fundo do barco

havia uma caixa de ferramentas, e portanto o necessário para nos sairmos bem de tal eventualidade.

Postas em terra as cargas que haviam, por descuido, ficado no barco, começaram logo a faina do conserto, ficando eu certo de que só dali a três dias poderíamos regressar ou continuar a nossa viagem em demanda da foz do Araguaia.

Enquanto, pois, os dois remeiros tratavam de cuidar do conserto do barco, meti-me na igarité, ordenando ao Mandu que trouxesse também as suas armas e partimos pelo tal braço ou afluente do Tocantins em cuja embocadura havíamos pernoitado.

Apenas tínhamos vencido uma duas léguas rio acima, eis que novos e surpreendentes belezas se nos deparam. Ora mais largo, ora mais estreito o rio apresenta as suas margens cobertas de verdejante vegetação e às vezes pequenas campinas se estendem ao longe, bordadas por lindíssimos palmares.

O sossego, que muitas vezes sentíamos envolver as margens do Tocantins, era agora quebrado pelo canto contínuo de numerosas aves, que esvoaçavam tontamente sobre nossas cabeças. As praias cobriam-se de bandos de aves aquáticas e de pequenos jacarés estendidos sobre a areia.

Repentinamente, a nossa atenção foi despertada pela presença de um grupo de três índias que se banhavam próximo duma praia e que, ao avistarem-me, pareceram inquietas sem contudo fugirem ou tratarem de se ocultar. Imediatamente Mandu aproximando-se com a igarité dirigiu-se-lhes participando que andávamos caçando *u iucá Che miara*, e que tínhamos deixado os companheiros na barra do grande rio e elas responderam logo distintamente... *natai kini* demonstrando assim que estavam possuídas de alegria e fazendo um sinal que esperássemos, sumiram-se a correr pelo bosque a dentro.

— São provavelmente mansas essas índias, disse a Mandu, sendo ele de opinião que se tratava com certeza de uma tribo aldeada a pequena distância daquele ponto e cujos indivíduos, conquanto em estado selvagem, têm raramente entrado em contato com os viajantes que sobem e descem o Tocantins.

Sem mais demora encalhamos a nossa igarité na areia fofa da praia e saltamos em terra. Galgando uma pequena elevação, divisamos um

longo charco coberto de plantas aquáticas, que parecia por sua vez, comunicar com o rio por um estreito canal, fechado por uma arcada verdejante e florida.

Certos quase de que não havia perigo em nos afastarmos daquele sítio, descemos a pequena elevação e penetramos na floresta à nossa esquerda.

Poucos passos tínhamos dado, quando subitamente vimos erguer-se do solo e detrás das árvores, uma fila de robustos índios, destacando-se no fundo esverdeado da paisagem.

Naquele momento, senti-me apossado de mudo terror, e ouvi Mandu sem perda de tempo gritar.¹

Téen curi penhê se quihi chima yané monha nen maã penhê arama.

Isto é: que não tivessem medo, porque não lhes íamos fazer mal.

Imediatamente, um índio novo e corpulento se destacou do grupo e disse-nos, batendo com as mãos nos peitos e demonstrando nada haver compreendido:

– *apinajé cramatu.*

E logo todos se foram acercando principalmente de mim, curiosamente.

Apenas quatro dos mais idosos estavam armados de arcos e flechas.

Pouco a pouco, foram perdendo o receio de que pareciam possuídos e chegando-se a mim, empregavam toda a sua atenção no meu *pince-nez* e examinavam a bolsa em que conduzi as munições.

Mandu, se bem que compreendesse bem a língua geral e os diferente dialetos, parecia lutar com dificuldades, e só depois de os ouvir trocar várias explicações, durante as quais, o índio de há pouco pronunciava mal uma ou outra palavra em português, vim a saber que este era o filho do *Pai*

1 O autor escreve como melhor lhe parece ter ouvido pronunciar as palavras, desviando-se o mais possível das alterações produzidas pela fonética do português americano. Veja Notas no fim do glossário.

(chefe) dos apinajés, cujas malocas estavam situadas atrás duma pequena montanha, que tínhamos quase à vista.

Estranhei isso, porque tinha então bem na memória que a nação dos apinajés fora, a título de catequização, aldeada anos antes em um dos pontos para tal fim destinados no alto Tocantins e Araguaia.

Soube, porém, depois que se tratava apenas de um grupo de cem a duzentos índios de lá escapos antes ou depois de aldeados, e que constituíram ali uma nova aldeia, que então prosperava como nação selvagem mas pacífica.

Satisfazendo o desejo que os índios manifestaram de me levar à presença do Pai cacique ou tuxaua, contornamos o morro, e dentro em pouco tempo entrávamos na pequena aldeia. O terreno nessa direção elevava-se suavemente, formando pequenas colinas.

Já havia notado que o filho do tuxaua tinha uma cor bronzeada, muito mais clara que a dos outros, por isso grande admiração me causou quando, ao ver seu pai, notei que a sua cor era tal e qual a dos outros índios.

Era um velho ainda forte apesar da idade. Nos seus robustos músculos e formas atléticas, descobria-se um homem, que pouco havia perdido da sua juventude.

Tinha um ar grave e doce, que inspirava respeito e confiança.

Recebeu-me o *Pai* ou cacique se grandes honras em sua palhoça, e por intermédio de Mandu fiquei ciente de que desejava ele saber que pretendia nas suas terras.

Servia também de intermediário na conversa um outro índio que mais me pareceu pelo seu aspecto ser um prisioneiro de guerra ou aliás pertencente a outra tribo que um puro apinajé. Demais, Mandu parecia entender-se melhor com ele, que com mais.

Confuso e comovido com o que se passava ao redor de mim, voltei-me para Mandu e fiz-lo informar ao cacique do que nos havia sucedido e que andávamos a matar o tempo caçando.

Logrou bom êxito a resposta.

O cacique estava tão nu como todos os seus e apenas à cintura um bonet de soldado com o nº 20, perfeitamente conservado e que reco-

nheci ter pertencido a uma praça do 20 batalhão de infantaria estacionado em Goiás.

Desejoso de o obsequiar com um metro de fumo (tabaco) e uma calça e camisa, para dele obter as boas graças fiz-lhe ver que necessitava regressar ao ponto onde estavam os outros dois camaradas ocupados no concerto do barco.

Ia-me pois despedir quando vi aproximar-se de nós uma jovem índia muito clara cuja presença me deixou assombrado. Era na verdade uma rapariga selvagem como as outras que ali se achavam mas eu nunca pudera antever como em uma mulher destas classe pudessem existir tantos atractivos e tantas graças, pelo que desde logo me foi dado conhecer.

– É minha filha, disse-me o cacique.

Ao que ela logo contestou.

– *Sim de papá.*

E compreendia a minha língua?!

Aigaratá era o seu nome representava contar as suas quinze primaveras se bem que o seu físico tivesse chegado a elevado grau de desenvolvimento.

Aigara aproximando-se mais estendeu-me as mãos sorrindo-se como se uma satisfação enorme a abalasse profundamente.

Eu sentia um desejo imenso de poder compreendê-la, de conhecer a sua língua, para ouvir a sua história que na realidade devia ser interessante se é que mal entendia o português.

Quem seria sua mãe? Onde estaria ela?

Se existia por que se não achava ali?

Se era uma mulher quase branca ou mestiça como pelo menos se tornava forçoso crer, por que forma teria vindo parar entre os apinajés?

Ora esta anciã me dilacerava e um desejo intenso de tudo conhecer me impelia para o lado de Aigara.

Mandu, olhava-me surpreendendo a minha admiração, e sorria-se maliciosamente.

Depois de alguns instantes resolvi voltar ao acampamento.

Despedi-me do cacique e de Aigara e para o praia acompanhado de Mandu e de um grupo de índios.

Aigara ficava triste ao lado de seu velho pai, sentada sobre um tronco de *naja* e seguindo-nos com olhar doce de selvagem que parece ter recebido vagas noções de uma vida bem diferente da que fruía.

Durante o tempo de minha curta permanência ali pareceu-me ter compreendido alguma coisa do respeito que todos os índios lhe tributavam.

Chegados à praia Iauai o irmão de Aigara mostrou desejos de nos acompanhar, ao que logo acedi, apesar de temer um excesso de peso na frágil embarcação.

Acomodados o melhor possível, partimos dali para o acampamento, onde chegamos sem novidade por volta das duas horas da tarde.

Os companheiros, pouco ou nada haviam feito no conserto do barco, e apenas lhe tinham calafetado de novo e provisoriamente o fundo.

Em todo o caso, foi de grande vantagem esta lembrança, porque imediatamente tratei de mandá-lo encher com as nossas cargas, a fim de seguirmos em direção à aldeia dos apinajés.

Estava resolvido a demorar-me ali alguns dias, enquanto se fazia um conserto perfeito, de maneira que o barco nos oferecesse segurança durante o nosso regresso a Cameté ou ao Pará.

Demais, eu julgava-me imensamente feliz com o acolhimento que os índios nos haviam feito, e desejoso de permanecer entre eles, para conhecer algo da vida selvagem.

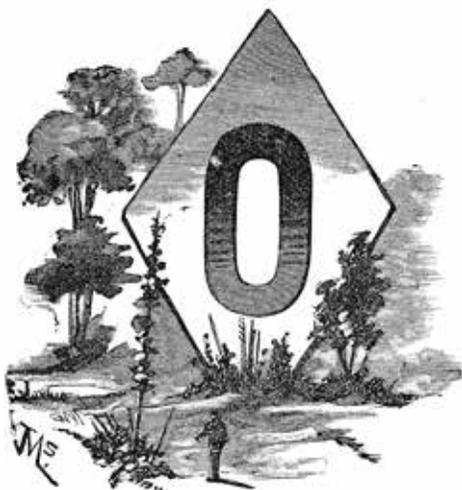
Dentro em pouco, após ligeira refeição, partimos todos na direção desejada.

Mandu continuava a lutar com dificuldade para se fazer compreender dos apinajés, por causa da notável diferença de dialetos.

.....

Capítulo XIII

AIGARA, A FILHA DO CACIQUE



O IRMÃO DE AIGARA mostrava-se muito simpático comigo, e de vez em quando, lançava uns olhares desconfiados sobre minha bela espingarda, que eu jamais abandonava. Sucedeu, que, ao subir o rio, avistamos um veado que atravessava a nado, de uma margem para outra.

Erguendo-me, apontei e fiz fogo, tão feliz na pontaria, que o animal, ferido gravemente, mal podia conservar-se à superfície até que aproximando-nos o prendemos pelas pontas. Iauai ficara encantado trocando algumas palavras com

Mandu por intermédio de quem soube o que me desejava dizer.

– A tua arma é muito boa, porém, as nossas têm a vantagem de não espantar a caça evitando-se a detonação.

– E onde tens as tuas armas? perguntei.

– Em minha cricã. Eu t'as mostrarei. Não há *robocrori e hocreyuti* que escape à crua de meu arco. A mais veloz *agoraty* cai quando quero de maior altura que a que tem o *buriti*.

Seguíamos nós assim o rio acima em admiração recíproca, quando, ao chegarmos próximos do porto dos apinajés, um dos remeiros que parecia aviso de alerta, por causa do barco que parecia cada vez fender-se mais, pois a água entrava nele com fartura.

Uma vez na praia, reconhecemos que a embarcação estava imprestável e isto causou-me grande aflição, mitigando aliás pela satisfação do desejo que sentia de poder passar alguns dias em companhia dos índios.

Era necessário fazer-se um conserto em ordem, perfeito, seguro, de forma a tornar a embarcação capaz de sustentar todo o peso sem perigo de novas refregas.

Os índios mostravam-se satisfeitos com a nossa presença e compreenderam o perigo a que nos expúnhamos, se continuássemos a viagem sem que fosse seriamente reconstruído o casco da embarcação.

Iauai levou-me novamente para a taba e indicou-me uma crican para habitar, ficando os meus camaradas nas palhoças ou ranchos que deveriam construir em poucas horas.

Fazendo recolher as cargas e mais utensílios de viagem, estendi a minha rede de dormir e breve encontrei-me em atitude de descanso.

Dentro em pouco, veio um índio prevenir-me por intermédio de Mandu de que o cacique viria ver-me e saber o que desejava.

Já eu o havia mandado presentear com um metro de fumo e outros objetos, pedindo para repartir com os seus o conteúdo de duas garrafas de aguardente.

Assim não foi para admirar que o visse chegar ao meu casebre meio cambaleante, porque já experimentara o precioso líquido e que, sentando-se a meu lado lhe ouvisse dizer:

– Irmão, sei que tens de viver conosco o tempo preciso para consertares a tua embarcação, portanto é preciso que tu e tua gente escolham mulheres.

O caso era deveras interessante; mas o mais interessante foi quando percebi que o patife do Mandu já havia escolhido a sua, tanto que

a tinha a seu lado e impelia-me a fazer outro tanto, a fim de cairmos nas boas graças do cacique e dos seus.

É que os índios entendem que o homem não pode viver sem companheira, e isto era uma prova de franca amizade para conosco.

– Mas não temos nós porventura, ponderei, de regressarmos às nossas terras?

– E que importa, voltou o cacique. Porventura lá não tinhas a tua ou tuas mulheres? És acaso virgem?

– Pois bem, caro cacique. Não vêes que ao partir teremos de as deixar?

– Parte quando quiseres. Tua mulher será de outro que a queira. Enquanto for tua é só tua. Tenho minha filha, posso dart'a da melhor vontade, mas quero que tu mesmo escolhas a que mais te agrade.

Neste momento eu senti alguma satisfação, porque uma curiosidade infinda me impelia para Aigara.

O cacique parecia ter certas noções da língua portuguesa; embora mal, pronunciava algumas palavras, o que me deixava perceber que já havia convivido entre gente nossa.

– Pois bem, grande cacique, disse afinal, manda vir à minha presença todas as donzelas da tua tribo. Quero escolher a que mais me agrade.

– Sim, tornou ele, mas antes quero que me digas de onde vens, se das bordas do grande rio ou das terras além dos grandes mares.

Que desejava o cacique dizer com isto?

Com certeza referia-se ao oceano.

Acaso algum europeu havia já convivido entre eles? Como deveria eu responder a fim de ser pelo chefe dos apinajés bem aceita a minha resposta.

– Não, respondi, eu não sou além dos grandes mares. Sou destas mesmas terras que habitas e que se chamam americanas, separadas apenas pelos grandes rios.

Um sorriso de contentamento assomou na face do cacique. E erguendo-se, disse-me que esperasse, que ia satisfazer a minha vontade.

Original tudo isto, pensei comigo.

Quando havia de julgar que aos vinte e cinco anos de idade, na flor da vida, cheio de esperanças, em plena mocidade, teria de escolher noiva entre os selvagens.

Eu casar-me!

Que de milhares de apreensões principiaram então a torturar-me o cérebro. Quem me havia de afirmar que depois a mulher me quisesse seguir, abandonar os seus, contra os usos da tribo e meter-me em grossa alhada, fazendo-me pagar com uma traição o carinho do agasalho e da hospitalidade recebida?!

Mas enfim, eu havia de encontrar saída para tudo. A minha boa estrela não me havia de abandonar.

Demais, tratava-se como diziam os índios de ter a sua mulher.

O que mais temia era que o patife do Mandu, meu guia de confiança, se metesse em largas aventuras e abandonasse o meu serviço. Verdade é que ele contentara-se bem a gosto com uma mulher de cabelo solto o que quer dizer que não era de primeira mão.

.....

Dentro em poucos momentos à frente do meu *quiosque*, como desde logo denominei a minha habitação, era invadida por um grupo de trinta índias novas e algumas belas, todas de cor bronzada, destacando-se a vulto airoso e simpático da filha do cacique.

Que situação!

Isto estava-me custando, mas afinal, decidi-me a passar no grupo uma minuciosa revista tomando a coisa por mero passatempo, porém, ao acercar-me delas, agradando-lhes com uma mímica especial, fui surpreendido com o barulho que fizeram em volta de mim, buscando todas quererem examinar o meu *pincenez* e uma por uma não descansava enquanto o não sentava cada uma no seu nariz sem poder perceber qual o proveito a tirar do seu uso.

Aigara era de todas a mais inquieta e não cessava de me fustigar para preferi-la.

Decididamente acabei por gostar da brincadeira e julgava tratar dum torneiro de beleza, diante daquelas formas plásticas expostas a

meus olhos e livres das bárbaras confecções das mais afamadas modistas do mundo.

Finalmente, para terminar com a exposição, pedi que se retirassem, que depois eu me entenderia com o cacique sobre a *eleita do meu coração*.

– Ora esta, disse a sós comigo. Querem que escolha companheira, que me case. Pois caso-me. É um fato muito natural.

E como ia achando até certa graça em tudo isto disse ainda:

– Caso-me até com dez mulheres se quiserem. Tenho coração para muito mais.

.....



... algumas índias formando roda nos colocaram ao centro...

Apenas restavam do sol enfraquecidos raios, que vinham cobrir as formosas copas floridas das *tapiís*, quando o cacique sendo sabedor da minha participação de que preferira a mão da sua filha, me mandou convidar para ir até a sua grande *cricã*.

Chegando ali, convidou-me Aigara a assentar-me num *jirau*, cujas estacas eram cravadas no solo e sobre o qual estava estendida uma pele de onça pintada. Era este o seu leito.

Então Mandu, que não me abandonava um momento a fim de me orientar do que ouvia, disse-me que desejavam que eu bebesse *cauim*, bebida fermentada feita de mandioca.

Absolutamente resolvido a seguir à risca os conselhos de Mandu, respondi que sim, aceitando um *cuietê* que levei à boca cheio da tal bebida.

Infelizmente uma ânsia de vomitar fez-me devolver o presente e desejando lavar a boca com outro líquido corri ao quiosque que estava guardado por um dos camaradas, e tirei dum garrafão alguns goles de aguardente de cana com que lavei a boca.

Nesta ocasião, notei que o garrafão tinha já sido visitado por alguém e reprendendo o vigia, pu-lo de sobreaviso para outra.

Era preciso todo o cuidado, não só com os índios, como com a minha gente; pois embriagando-se podiam cometer excessos de que deveriam resultar funestas consequências.

Quando ia voltar a casa do cacique, notei que um grupo de índios se dirigia para as proximidades do quiosque, onde fizeram arder uma fogueira que dentro em pouco iluminava com seus clarões todos os ângulos da pequena *taba*.

Aigara, seguida do pai e de Iauai vinha também ao meu encontro e algumas índias, formando roda, nos colocaram ao centro gritando e movendo-se sem que eu pudesse perceber o que diziam.

Um índio de aspecto grave e idoso, trazendo o corpo pintado de encarnado e preto, que até então não vira, acabava de surgir e diante do grupo desenvolvia a sua mímica para mim incompreensível. Ora deitava-se de bruços, ora perfilava-se de pé erguendo os braços, apontando para a lua que acabava de surgir resplandecente no espaço.

Este individuo era o *pajé* dos apinajés, isto é aquele que exercia as funções do médico e talvez sacerdote.

As índias que formavam a roda sempre em movimento executavam vários requebros e esgares, ora avançando ora retrocedendo ao som de um *corimbo*, tambor de madeira oca, em forma de canudo, sendo o diapasão e o compasso marcado pela tal bebida (*cauim*) ou outra qualquer o que parecia originar a excitação dos convivas.

Mandu, para provar a sua afeição aos índios, recordava-se talvez do tempo em que vivera com eles nos bosques e abandonando as vestes, com minha permissão entrou na festança, trazendo à cintura uma tanga feita com um pedaço de coberta encarnada cuja cor despertava a atenção de todos.

Uma das índias que mais alegremente parecia acompanhar a festança, desprendendo-se da roda pôs-se a bater os cotovelos um no outro sem dificuldade e cantou por duas vezes estes versos que Mandu me forneceu em língua geral:

Cimirá miri pénima

Pacará miri Pope

Tomara cepenima

Y choporang inéiaué.

Eis mais ou menos o que significa

Passarinho meu pintado

Que está preso pelos pés

Quem me dera ser pintado

E ser lindo como és

A festa continuou por algum tempo até que repentinamente vi mudar de aspecto tão singular espetáculo. A lua descobria-se brilhante sobre as nossas cabeças e os seus raios enchiam de luz todos os recantos da quieta aldeia. Índias e índios formando duas cerradas fileiras avançavam e retrocediam em nossa frente tendo cada um em seus braços uma criança de tenra idade que ofereciam ao astro da noite.

Este movimento cerimonioso, era seguido de cantos e coros repetidos sobressaindo o ruído produzido por uma cabaça (*macará*) cheia de pedras e sementes e que um deles sucessivamente agitava.

Nesta ocasião, notei que muitos eram aqueles que tinham as orelhas deformadas com os lóbulos cortados em tenra idade, outros no entanto pareciam ter abolido tal uso ou distintivo de tribo.

Fatigado de permanecer de pé ali no meio daquela gente bárbara, julguei-me feliz quando Aigara me convidou a assentar sobre a grama verde que cobria o solo no centro da praça. Daí, passamos para um grande rancho, espécie de casa de reunião, onde, sobre uma esteira de taquara, estavam dispostos apetitosos manjares, sem duvida mais bem adequados ao paladar indiano. Tigelas e pratos de diversas formas, adornados de toscas figuras de flores, frutos e animais continham diferentes iguarias compostas de peixe, bananas verdes, maduras e assadas, ovos de tartaruga, mandioca, milho verde e carne de cutia e veado, tudo colocado simetricamente.

Aigara tratou de me servir os melhores petiscos, demonstrando desde logo o seu carinho com um cuidado e uma modéstia que não podia absolutamente ter que esperar de si. Iauai parecia sentir prazer em acompanhar a irmã nos cuidados que lhe inspirava. Infelizmente eu entregava-me apenas ao sacrifício de uma prova no que acreditava demonstrar a minha gratidão.

Afinal, achando por demais prolongada a festança, resolvi terminar a função presenteando os convivas com um pouco de aguardente.

Ao surgir com o garrafão, quis o cacique incumbir-se da distribuição, mas quase sempre de cada vez que o fazia provava o famoso líquido de modo que ao terminar vi-o levantar-se cambaleante, sendo preciso que dois índios o levassem aos ombros para a sua habitação.

As outras índias conduziram então Aigara para o *cu-pipi* (esteira) estendida debaixo da minha maca onde já me achava em atitude de descanso, retirando-se todas em seguida e deixando-nos em paz. Estávamos casados (segundo o uso índio bem entendido).

.....

Capítulo XIV

VIDA SELVAGEM



QUANDO despertei na manhã seguinte, rompia a aurora com todo o seu cortejo de esplendores.

O sono havia restabelecido minhas forças e o generoso acolhimento dos apinajés tinha infundido em mim, certa disposição para a alegria e não pensava senão em último caso desfrutar tão galharda hospitalidade.

Passadas porém, as primeiras horas do dia, senti-me mais ou menos incomodado. Doíam-me as articulações, custando-me a fazer quaisquer movimento.

Aigara percebeu isso e avisou-me de que iria buscar o pajé para que me curasse. Preveni-a de que não o fizesse, e abrindo uma mala, tirei dela a minha ambulância, engolindo logo alguns grânulos de quinina como preservativo.

Mandu acabava de chegar neste momento, trazendo-me café de que a meiga índia bebeu, achando deliciosa tal bebida.

Mostrava-se ela muito admirada dos nossos usos, mas dando a perceber que o seu espírito estava mais ou menos preparado para as impressões de todo o gênero, e muitas vezes fazia esforços por se recordar de

uma ou outra palavra em português, a fim de que melhor compreendesse as suas intenções.

Nessa ocasião julguei acertado interrogá-la, pois, desejava conhecer a sua história, e sobretudo, do fim que levava sua mãe.

Fazendo um movimento com a cabeça que traduzi por um suspiro, Aigara inclinou-se relatando-me assim o que sabia, não, sem ter primeiramente verificado que ninguém a ouviria além de mim.

– “Houve um tempo, segundo é tradição entre nós, em que foram felizes os apinajés, porque não conheciam outras necessidades, senão aquelas que podiam satisfazer sem distinção; porém, esse tempo passou e os frades chamando-os à civilização, como diziam, os obrigaram a crer em um Deus, para eles antes estranho, oferecendo-lhes doutrinas que não compreendiam, frivolidades que desconheciam, cultivando-lhes o gosto para elas. De despreziosos e sãos que eram, passaram a ser invejosos e maus, perdendo muitos, pouco a pouco, a sua antiga inocência e boa fé.

Os apinajés, que a principio se julgaram felizes, acolhendo hospitaleiramente os tais frades missionários, filhos das terras, além dos grandes mares, tarde reconheceram o erro em que caíram, e choraram de arrependimento por não terem imitado os xavantes e xerentes, que os repe-liram por mais de uma vez defendendo a sua independência e expulsando-os de suas terras.

O cacique foi sempre por eles mal tratado em virtude de ter como mulher uma rapariga branca e bela, que prendeu em uma longa excursão feita com alguns companheiros até as cercanias da capital de Goiás.

Como minha mãe era ainda nova e bonita, um dos frades, julgando os apinajés completamente subjugados, requestou-a, fazendo-a abandonar a mim e a meu irmão, o que ela fez, certamente forçada e enganada, pois eu já era crescida, e lembra-me bem que vivia satisfeita com a sua sorte e nos dava provas de abnegação e de amor.

Por mais de uma vez os apinajés se haviam intimamente revoltado em vista dos abusos e más práticas a que os tais frades se entregavam. As mulheres temiam o seu poder e sofriam grandes martírios. Os meninos da sua aparente santidade, quando lhes conheciam suas perversas e baixas

intenções². Assim abriam pouco a pouco o caminho de vícios antes desconhecidos.

Depois houve, afinal, uma grande revolta na aldeia e temendo novos acontecimentos, meu pai combinou com uns cem companheiros, entre homens e mulheres, a fuga, e partiu de lá trazendo a sua Aigara e Iauai e estabelecendo após a longa viagem esta nova aldeia onde todos nós temos vivido alegres e satisfeitos. Trocando de novo a tal malfadada civilização pela quieta e tranquila vida dos bosques, os apinajés hoje só temem um novo encontro com esses malditos filhos das terras além dos grandes mares.

Aqui não há pobres nem ricos, todos são iguais e a necessidade de prover a subsistência faz que procuremos os meios para não morrermos de fome.

Resta-me dizer-te que meu pai foi escolhido para chefe, por ser de todos bravos ser igual a si – meu irmão. Tu próprio hás de te convencer. Apesar de mais moço do que eu, é já um homem e sobretudo um valente e destemido apinajé.

Terminando, Aigara tornou a sair para verificar que mais ninguém a escutava, voltou para junto de mim e, disse-me quase em segredo e a meia voz:

– Eu não sou filha do cacique.

Esta declaração perturbou-me, e um calafrio profundo percorreu-me o corpo.

– Que dizes tu, Aigara minha, tu não és filha do cacique?

– Não.

2 Outro viajante que tem convivido, não só com apinajés mas com os carajás, e outros índios, tiveram que noticiar tais exemplos. Basta ver o que a tal respeito nos informa o dr. Paulo Ehrenreich.

“Já reparamos que por nenhum dinheiro se desprendem dos filhos, nem mesmo para entregá-los a missionários. Em regra, ao aproximarmo-nos de qualquer aldeia, originava-se grande pânico. O dr. Baggi, que trazia logo guardapó branco, era tido por padre, principalmente entre os índios que encontramos abaixo da Leopoldina, e de padre receavam eles, e com razão, atentados contra os meninos. Como rastilho divulgava-se logo a notícia e não nos custava pouco trabalho conseguir que os velhos nos trouxessem outra vez os meninos que tinham ido esconder às pressas nas canoas.”

“Excursões fluviais” – *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro de 21-1-94.

– Ah, eu bem o adivinhava. Esta tua cor, estes cabelos, estes olhos... Tu és branca Aigara, eu bem o vejo e a palidez que se distingue em ti tem sido adquirida na vida dos bosques, efeito do clima, nada mais. Iauai a quem chamas de irmão, sim, é mestiço. É filho do cacique. E foi tua mãe quem te ensinou o pouco que sabes da língua que nós outros falamos?

– Sim, foi ela, respondeu-me Aigara, porém, quase tudo tenho esquecido, e se ainda conservo algumas palavras na memória é porque quando quero falar com meu irmão em particular a ele me dirijo neste idioma, que mais ninguém aqui compreende.

– Mas o cacique então julga que és realmente sua filha?

– Não, mas ele não quer que se diga o contrário, e ama-me como sua própria filha.

– Então, tua mãe...

– ... minha mãe pouco antes de ser por ele roubada como já te disse, havia sido amante dum homem em Goiás. Estava grávida e nunca vivera segundo me disse na companhia de meu pai, que até mesmo deve ignorar a minha existência.

Os suores frios aumentavam e não me julgava seguro na posição em que estava.

Aigara olhava-me admirada do interesse que eu estava ligando à sua história, e pondo as mãos nos meus joelhos, percebi que um raio de luz acabava de iluminar-lhe o semblante.

E antes que eu a interrogasse, baixou os olhos, suspirou e disse-me em baixa e pausada:

– Talvez conheças meu pai.

E sem dar-lhe tempo a conjecturas:

– Tua mãe nunca te disse o nome dele?

– Disse-me sim, e eu nunca, nunca o esqueci.

– Antônio Caiado.

– Antônio Caiado! Tu és filha de... Não sei bem.. mas parece-me conhecer pelo menos esse sobrenome.

Ao imenso pavor que esta revelação me causou, só me lembra que me ergui febrilmente e cingindo-a um amplexo depois de a ter brusca-mente repellido, exclamei:

– *Mundus mundus quam variabilis!*

Aigara pareceu arrependida de ter-me sido tão franca e temeu por um momento obter o desprezo de seu pai adotivo.

.....
.....

Enquanto me entregava a ligeiras reflexões, Aigara foi e voltou trazendo-me um cabaço cheio de mel de *Mandori*. Agradei a lembrança e, continuando a sentir-me incomodado, tornei a lançar mão da ambulância e tomei três pílulas açucaradas de Bristol.

Tal desejo sentiu o cacique de provar também uma das pílulas, que não pude deixar de o satisfazer a fim de lhe ser agradável.

Todavia, sucedeu que por descuido ficasse o vidro fora da caixa respectiva de medicamentos.

O cacique, meio guloso, achando bom paladar na pílula e tomando aquilo por ovinhos de qualquer animalejo, engoliu todo o conteúdo do precioso frasquinho, sem que tivesse podido prever a sua leviandade.

As conseqüências foram como é de prever, funestas e nem o pajé nem ninguém lhe pôde acudir a fim de o aliviar, e felizmente devi ao fato de ser marido de Aigara, não se revoltar toda a tribo contra mim.

Foi pois este dia de cruel ansiedade e prestando toda a atenção ao que se passava, sem largar Mandu por um momento, ordenava-lhe sempre que explicasse o acontecimento que não pôde ser evitado.

Tão desconfiados são os índios que não quiseram mais aproximar-se do quiosque e muito menos tocar em nada do que me pertencia.

Com a graça de Deus no dia imediato, o cacique, embora muito fraco, amanheceu melhor e até me mandou convidar a ir à sua presença.

Não podia ele compreender como sendo as tais pílulas um remédio lhe haviam feito tanto mal, apesar de lhe explicar repetidas vezes o abuso em que caíra.

Aigara, feita meu anjo da guarda, tratava sempre de me sossegar e às vezes fazia-me rir, quando, sem me compreender, repetia mal uma ou outra palavra que eu pronunciara.

Assim é que tendo eu nessa manhã querido por chalaça demonstrar a simpatia que lhe dedicava exclamei:



Aigara

– Meu amor!

Agora a tudo me respondia:

– Meu amor.

Nunca mais essa palavra lhe fugiu da memória.

Se lhe pedia água – ela dizia.

– Meu amor, se a mandava chamar Mandu, tornava a dizer – meu amor, e assim tudo o mais, dia e noite.

Voltando ao quiosque, depois de sossegar o cacique sobre as suas melhoras, tratei de tirar uma navalha e espelho do estojo para fazer a barba.

Durante a tarefa, Aigara levou todo o tempo a mirar-me e, Iauai que se havia colocado ao lado dela, não tirava os olhos de mim e sobretudo dos utensílios de que me servia. Assim, mal havia terminado a operação, notei que Aigara, segurando o espelho numa das mãos, movia-o repetidamente, examinando admirada, suas belas faces e os seus inquietos olhos, na reflexão daquele vidro coberto ao aço.

Até aquele dia ela só havia visto o seu rosto nas águas do rio ou de algum lago no meio dos bosques.

Estava encantada e pareceu-me compreender que, ao ver-se ao espelho, sentia ímpetos de orgulho selvagem avassalarem-lhe a imaginação, julgando-se muito superior a todas as companheiras da tribo. Só então é que tal reconhecia, apesar de perceber em Iauai os mesmos traços quase e a mesma cor com que a dotou a natureza.

Mirando-se sem descanso, nunca parecia estar satisfeita de o fazer e foi vivamente emocionada, que recebeu a grata notícia que lhe dei de que a presenteava com o espelho, pois possuía um segundo para meu uso no nosso regresso. Ofereci-lhe também um pente que ela conservou desde logo entre os seus cabelos negros como adorno.

De vez em quando, voltava-se para mim e pronunciava mais uma vez as palavras – meu amor, quase sempre fora de propósito, o que me fazia rir.

Farta de ver-se ao espelho, que ela chamava *anhibobuita*, encontrava ela outra distração pouco agradável para mim, atento a falta que poderíamos sofrer quando tivéssemos de regressar dali.

Descobrimo um pacote de caixas de fósforos, entendeu que devia estar a acendê-los repetidamente e chamando assim a atenção das outras índias que não tardavam em rodear-nos para assistirem à brincadeira. Felizmente acudi a tempo de evitar a continuação do brinquedo, ofertando-lhe uma caixinha que depressa consumiu.

À noite, porém, instado por ela, não pude deixar de satisfazê-la oferecendo-lhe uma outra, mas avisando-a de que seria a última o que não obsteu de continuar a acendê-los para na sua luz mirar-se ao espelho exclamando. – *Aigara ayê echagê*, isto é que se estava vendo a si própria.

Costumavam os índios usar de umas candeias de barro endurecido onde ardia um pavio de paina ou algodão silvestre embebido em gordura de onça e de outros animais. Aigara porém preferia a luz do fósforo, embora fosse de pouca duração.

.....

Uma tarde convidou-me Iuauí para uma pescaria num lago a pequena distância da aldeia. Tínhamos que atravessar um descampado sobre o qual esvoaçavam inúmeras *agoratis* (grandes aves).

Aigara teimara em acompanhar-nos e sempre gritando – Meu amor! Meu amor! Quando lhe fazia o mais insignificante sinal.

Depois de alguns minutos de marcha, chegamos à margem de um riacho, cuja água era constantemente cortada em uma descida pelas rochas depositadas em seu leito.

Próximo daquele sítio havia uma elevação penhascosa, onde vi assentada uma índia nova e bonita e que já chamara minha atenção na aldeia, pela sua atitude sempre triste e melancólica.

Aproximando-me quis-me parecer que entoava uma canção indígena tendo os olhos fitos no levante e pouco se importando com a nossa aproximação.

Comprendendo a minha curiosidade, explicou-me Aigara que aquela índia, conquanto de outra tribo, era mulher de um apinajé e ralada de saudades pela ausência do marido que havia partido há três luas com alguns companheiros, dirigia-se a *Perudá* deus do amor, na direção em que julgava ele estaria, cantando assim:

Perudá, ruddá
Euacá pinaié
Amaine sacú
Euacá pinaié
Puxiquera Che aicó, etc.

– Também me disse Aigara, terei de chorar quando partires e quem sabe se nunca mais voltarás. Bem vêes que os meus não me deixarão partir contigo.

Era este um assunto que bem pouco me alegrava, porque temia sempre não viesse a ser vítima de alguma traição por parte dos índios, destruindo-me os meios de regressar ao Pará.

Assim consolando-a, fazia-lhe mil promessas de nova visita à sua aldeia e de novos presentes para si e para todos os de sua tribo.

Chegados à borda de um *caapuum*, notei repentinamente que Aigara dava repetidos saltos sobre a grama, abaixando-se e fazendo uns movimentos ligeiros, como se andasse no encalço de qualquer coisa que lhe fugia das mãos.

A princípio supus serem frutas que colhia, mas logo percebi que a maldita de minha esposa apanhava gafanhotos guardando-os em seguida a fim de assar e comer de volta à aldeia.

Senti então vivos ímpetos de repugnância e franzindo o rosto ouvi-a mais uma vez pronunciar as palavras – meu amor!

– Que te leve o Demônio! Disse eu.

Mandu, percebendo o meu vexame, disfarçou um sorriso e fez-lhe ver que não me agradavam por forma alguma os seus usos, mas Aigara dissimulando o desejo que sentia de satisfazer a sua vontade, continuava pelas minhas costas a caçar gafanhotos com as mãos e a recolhê-los a uma pequena rede de palha trançada, repetindo sempre as palavras – meu amor.

Afinal de contas, se os espanhóis comem rãs, e outros até lesmas, não era para admirar que os apinajés gostassem de gafanhotos. Questão de paladar.

.....

Capítulo XV

OS CONVITES DE IAUAI



LOGO QUE chegamos à beira de um *impô* (lago), cujas águas eram claras, e formado apenas pela depressão do terreno, paramos, e a pedido de Aigara assentei-me sobre uma *kéné*, pedra, para melhor assistir à pescaria.

Continuava a minha curiosidade a ser despertada pela ausência dos instrumentos de pesca, de que não iam providos e apenas Iauai conduzia consigo um feixe de cascas de árvore e umas pequenas varas com folhas.

Nem anzóis, nem linhas, nem redes e nem mesmo os artefatos indígenas usados em geral para tal fim.

– Mas como vão pescar por tal forma?

– Como verás, e Aigara não o deve dizer para assim melhor conheceres com teus próprios olhos.

E saltando na borda da lagoa, começou Iauai a bater a superfície das águas com as varas, cujas folhas se desprendiam em fragmentos, desfazendo-se logo.

Contaminando o precioso líquido com as substâncias e o suco daqueles vegetais, notei que as suas propriedades narcóticas se principiavam a fazer sentir.

Númerosos peixes e até serpentes foram surgindo adormecidos sobre a água.

Aigara acabava de encher um samburá com magníficos peixes, deixando ainda uma grande quantidade abandonada n'água sem ligar a isso a menor importância.

– Assim, me disse ela, se *okelein-tchira* pesca entre nós. Não perdemos tempo, nem passamos trabalhos para apanhar esses espertos. Quanto aqueles, continuou ela apontando para os restantes, logo que despertem voltarão ao fundo, onde viverão até os prendermos também em outra visita.

Eu estava maravilhado, e mais alegre fiquei, quando Aigara me ensinou a distinguir a famosa planta (*Timbó*).

Durante esta excursão, aumentei as minhas coleções com alguns insetos da espécie de *Megacephala* verde.

Em caminho, quis Iauai mostra-me a força e certeza de pontaria de que usava, semeando flechas nos ares e matando algumas aves que passavam a boa altura sobre nossas cabeças, com admirável presteza.

Para satisfazer o desejo de Aigara atirei com a minha espingarda, matando alguns patos que mariscavam num charco, mas ela, do segundo tiro em diante conservou as mãos nos ouvidos, para não escutar o estampido e logo depois exclamava – meu amor! – meu amor!

Como era já um pouco tarde, partimos dali em direção à aldeia, quando nas suas proximidades vi assentada à oriental, junto à nascente dos Buritis, uma índia bastante nova, cujas formas divinais me chamaram a atenção.

Movido pela curiosidade ordenei a Mandu que lhe perguntasse como era seu nome e por ele soube que se chamava a formosa mulher – Cararáí.

Esta palavra significa astúcia, segundo me explicou logo Aigara, prevenindo-me de que Cararaí era pouco estimada das suas companheiras por ser mais esperta do que elas.

Mostrei desejos de ir até o sítio onde se achava e para isso fui tomando a devida direção, mas Aigara não me permitiu de forma alguma.

Sucedeu, que, na manhã seguinte ao dar o meu passeio matutino, aproximei-me da nascente e lá novamente a fui encontrar, como se tal encontro fosse de antemão combinado.

Cararaí sobraçava um púcaro de argila que ia encher.

Era na verdade um esplêndido tipo de mulher e eu não pude resistir ao desejo de ajudá-la a encher o cântaro com as cristalinas águas daquela poética e silenciosa fonte, rodeada de pequenas e copadas palmeiras, cujas copas ainda se apresentavam cobertas de reluzentes gotas de orvalho.

Como estávamos sós, tive de recorrer à mímica para que me compreendesse.

Admirador em extremo das belezas indígenas, julgava-me fascinado por uns olhos como os de Cararaí, sombreados de espessas pestanas negras a reluzirem num fundo bronzeado.

Encontrava nesta ocasião mais grandiosidade nas cenas dos bosques entre o pipilar das aves e os encantos desta vegetação tropical, do que se me achasse nos grandes salões, onde quase sempre reluz o que é falso e mentiroso, fruto das sociedades corrompidas.

Cararaí ria-e expressivamente ao contemplá-la e passava sobre as minhas as suas mãos bronzeadas com uma meiguice puramente selvagem mas enternecedora.

Não querendo mais demorar-me ali, levei à boca um cabaço cheio de água fresca da fonte e bebi, bebi até fartar...

Regressando à aldeia, seguido de Aigara, que prometia não mais deixar-me afastar de si, durante os poucos dias da nossa permanência entre os seus, tratei de preparar-me para uma grande caçada de onça que devia realizar-se nessa tarde e para o que me havia convidado Iauai, que fora avisado de terem sido vistas nas vésperas em um descampado próximo.

Uma vez servido o nosso timbiú, constante de carnes secas e farofas, verifiquei que os garrafões de aguardente estavam vazios, porém, não haviam sido os índios que neles tocaram.

Era a minha própria gente que caíra em falta.

Usando de prudência e como nenhum excesso fora praticado, achei melhor fechar os olhos a tudo e calar-me.

O conserto do barco estava adiantado e esperava dentro em poucos dias pôr-me ao largo, debaixo de paz e tranquilidade. A fim de melhor me abrigar dos raios solares, ordenara também a construção de um novo toldo de boçu para cobrir a popa da embarcação.

Reunidos seis bons índios flecheiros, incluindo Iauai, partimos em direção ao tal descampado seguido de Aigara, eu no seu fiel propósito não parecia mais querer-se desligar de mim.

Pedi-me Iauai que não fizesse uso das nossas armas de fogo senão em último caso, para não espantarmos a caça que se ocultava nas imediações do sítio de nosso destino.

Para se aproveitar o tempo, os índios entravam a todo o momento nos bosques, voltando cada qual logo depois a incorporar-se à nossa coluna, trazendo numerosas peças de caça escolhida; entre as quais se destacavam veados, pacas, cutias e outros pequenos animais mortos unicamente a flecha.

Nesta ocasião, Aigara sentia prazer em me ensinar a atirar com flecha.

O cacique oferecera-me um dos seus arcos (*cutat*) e era com ele que eu me exercitava, tendo entregue a Mandu a minha espingarda, que de nada me servia.

Quando nos avizinhamos do tal descampado, ouvimos logo um rugido de uma onça que parecia estar bem próxima de nós. Ao sinal de sentido caminhamos vagarosamente, e logo avistamos um enorme *rebucroci* na borda de uma pequena lagoa, tendo perto de si o corpo semidevorado de um cervo.

Talvez que outros companheiros da fera estivessem ocultos ali a pequena distância.

Iauai, como mais valente, adiantou-se de rastos mansamente seguido de vários flecheiros, enquanto nós outros nos empoleirávamos no galho de uma copada árvore bem na borda da mata.

Neste momento, uma corça seguida de uma cria, passou sob vistas e percebida pela onça, viu-se perseguida por esta que lhe pretendeu arrebatá-lo na ocasião em que Iauai esticando o seu arco lhe atravessou o corpo com uma flecha.

O feroz animal ferido principiou a dar enormes saltos, soltando estrondos rugidos, até que novamente ferido por uma segunda flecha caiu morto na ocasião em que se atirava medonhamente contra os seus agressores.

Descemos então do nosso esconderijo sobre a árvore, e marchamos para o lado de Iauai a quem não cessava elogiar e louvar a coragem com que o dotara a natureza.

– Com esta, me disse ele, completo o número de setenta que hei morto.

Extraída a pele da fera assim como outras partes aproveitáveis, partimos dali para a taba onde chegamos ao anoitecer.

Nessa ocasião vi a mesma índia que avistamos no alto de um rochedo, sentada agora sobre um tronco de sumaúma fitando o horizonte a descoberta em sua frente e fazendo uma invocação à lua, cuja letra era esta:

Catiti, catiti

Jamara, notia

Notia tâmara

Epejú... etc.

Catiti significa em português lua nova, assim como *cairé* – lua cheia e *Jacy* lua (*Ja* – vegetal *cy* – mãe).

A lua é a deusa criadora dos vegetais, e o sol Guaraci é o deus que preside aos destinos do homem.

Cararaí ao anoitecer passou pela frente do quiosque, e riu-se quando a saudei.

Aigara essa noite deu para me recriminar e parecia inquieta por minha causa.

Ela dormia sobre uma esteira, estendida debaixo da minha rede.



Aldeia dos apinajés

Antes de se deitar, nessa noite buscou ver-se ao espelho, à luz da candeia de argila e virando-se para mim disse-me:

– Acaso não sou a mais linda índia desta aldeia?

– E quem te diz o contrário? Lhe perguntei.

– É que a tua Aigara, pensa que tu não gostas dela por causa de Cararaí.

– Não penses nisso. Não te lembras que foste a preferida?

– Sim, Aigara sabe que tu a amas, mas teme que a deixes de amar.

– Ora não penses nisso Aigara minha. Tu és a mais formosa de todas as mulheres desta tribo, de todas a mais sedutora. A ti, e só a ti é que amo e hei de voltar pelo grande rio para novamente te ver e amar.

– Pois bem, Aigara crê em ti e não estará mais triste (*ismaniganca*).

Tranquilizando-a, adormeci para descansar das fadigas do dia, mas ainda bem não conciliava o sono segunda e terceira vez, quando era despertado por Aigara, que muito lentamente me apalpava para se certificar se eu ali estava bem por cima do seu leito.

Velava a pobre índia a noite inteira como se quisesse demonstrar os seus carinhos e cuidados por mim.

De vez em quando, também despertava flagelado pelas dores produzidas pelas picadas do pium, um mosquito mui pequeno que só morde de dia. Este mosquito alimenta-se de açacu, pelo que é venenoso e chega a produzir chaga a sua picada.

Depois de um último sono mais prolongado, despertei e pus-me de pé.

Centenas de vagalumes cruzavam os ares como estrelas cadentes, quando as primeiras colorações anunciaram o romper da aurora no horizonte.

As manhãs eram sempre frescas e o ar impregnado de mil perfumes e aromas exalados pelas flores dos bosques vizinhos.

Aigara ocupava-se no preparo do tarubá, coando esta magnífica bebida com que tencionava mimosar-me neste dia.

O *tarubá* é uma bebida feita da mandioca ralada, de que fazem enormes beijos polvilhados com o pó das folhas do *curumim*, guardados durante alguns dias, no fim dos quais são dissolvidos na água. Bebem-na depois da coada.

Aigara parecia cada vez mais triste ao aproximar-se o dia da minha partida.

Nessa manhã dirigi-me para o rio, a fim de verificar se as minhas ordens estavam sendo cumpridas.

Na verdade, sucedia justamente o que menos eu esperava.

Mandu e seus companheiros trabalhavam com afinco e denodo na reconstrução do barco que devia ficar totalmente pronto dentro em poucos dias.

Admirado desta presteza, tratei de averiguar a causa, e então soube que a falta de aguardente lhes fazia nascer a vontade de regressar. As bebidas alcoólicas eram-lhes de imensa falta e por um quartilho de aguardente daria qualquer deles tudo quando possuísse, incluindo as próprias mulheres, que ali haviam facilmente conquistado.

Quem não gostava disto era Aigara, que parecia cada vez mais inconsolável.

– Aigara te espera, me disse ela, o mais tardar até à lua de fogo (mês de julho).

.....

Durante os últimos dias de minha estada entre os apinajés, não faltaram distrações para o que Iauai me convidava constantemente.

Entre os presentes que o irmão de Aigara me havia feito, havia duas setas de *paxiúba* ervada (*huamiri*).

Antes de partir, presenteei-o com os garraões e algumas garrafas vazias, um canivete-punhal, duas facas, com o que ficou contentíssimo, assim como Aigara que, além de toda a minha roupa de cama, tais como lençóis, colchas, etc., recebeu um anel de ouro, dos que levava comigo e que dificilmente veio a servir num dos seus mínimos.

O *pai* ou cacique, querendo também retribuir-me as finezas de que o tornei alvo, brindou-me com o seu mais antigo *ru-crauati*, instru-

mento de guerra de que se servira com vantagem durante os combates que em sua mocidade travou com as tribos inimigas.

.....

Havia já muitos dias, que eu vivia entre eles bons índios, e sentia chegar o momento de os deixar. Compartilhava de seus trabalhos, de seus prazeres, de seus sofrimentos. O cacique considerava-me já como um filho e Iauai como irmão.

Ao amanhecer de um esplêndido dia, anunciava Mandu a nossa partida na aldeia e seguido da inconsolável Aigara e de toda a tribo partiu para o porto de embarque, onde se achavam os camaradas à espera com o barco carregado e pronto a cortar as águas tranquilas do grande rio.

Despedi-me então de todos. Dos braços hercúleos do cacique passei aos de Iauai e destes aos da pobre e inconsolável Aigara e tomando-lhe uma das mãos a levei a meu peito e depois aos lábios, deixando-a lentamente com uma lágrima, que não pude deixar neste momento de verter. Depois... afetando um sorriso deixei a praia e entrei no barco.

Os remadores ergueram os remos e com eles fenderam as águas. O barco deixou vagarosamente o porto dos apinajés.

Estendi então, minha vista para terra, e notei Aigara que até então havia tentado resignar-se, ceder ao peso da imensa dor. E o velho cacique, compreendendo talvez que com palavras não se acalmam as grandes emoções, longe de tratar de consolar a sua filha adotiva, se pôs a chorar com ela, abraçados um ao outro. Depois... vi-a ainda estender-me os braços, corresponder ao meu último adeus e cair aos pés do velho chefe como possuída de tétrico desespero, enquanto todos os seus a contemplavam absortos e presos da mesma dor.

O barco seguindo os ziguezagues da corrente descia, mansamente impelido pela ajuda dos remos.

Quando perdemos de vista o porto notei, ao aproximar-me duma pequena elevação, sobre a margem esquerda, um vulto de índia que agitava os braços, desejosa de ser vista e como despedindo-se de um de nós.

Estava ela colocada no cume da pequena elevação formada por uma aluvião de rochas sobrepostas, e em cujas base se destacava uma pequena gruta invadida pelas águas na parte em que o seu nível tal permitia.

Depois de fixar bem a minha atenção, verifiquei que aquela índia era a bela Cararaí, que também viera despedir-se de mim nesse sítio para evitar que Aigara o percebesse.

Acenei para ela algumas vezes até que ao dobrarmos uma curva do rio a perdi de vista.

Dentro em poucas horas estávamos nós ao largo, navegando de-sassombradamente em pleno Tocantins.

.....

Impelida pela corrente a nossa embarcação cortava as águas com grande velocidade formando brilhante esteira que seguia com o olhar, tendo o pensamento unido às recordações que conservava dos habitantes das nossas florestas e em cujo seio acabava de permanecer durante pouco tempo.

Haviam-me eles inspirado o estudo da sua raça e da sua origem, que se perde nas trevas da noite infinita para muitos, e cuja história se apresenta com tanta obscuridade como a de todos os povos do mundo antigo.

.....

Capítulo XVI

OS ÍNDIOS DA AMÉRICA



AFASTANDO-ME por alguns instantes do fim principal que me propus, vou oferecer ao leitor algumas considerações que me despertaram ilustres autores, cujos juízos cito tornando meus e tanto quanto pode produzir meu espírito infelizmente pouco esclarecido e obcecado por sofrimentos de toda a espécie.

Não me parece de todo impossível, como diziam muitos, achar-se a origem das primeiras tribos que povoaram em remotas eras o Brasil e a América em geral e trazendo a questão à altura a que irrefutáveis que a distinguem, não tenho em mira pretensão que não seja baseada na razão.

Deste assunto já tive ensejo de me ocupar diante de homens eminentes, em parte de uma conferencia que fiz em 1892, na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Pondo de parte o Brasil (se bem que ao norte do país tenha existido em épocas remotas uma civilização adiantada, como ultimamente se tem procurado demonstrar e sobre o que parece não existir dúvida) e outros países da América, vamos em primeiro lugar às regiões andinas, campo mais apropriado para os primeiros estudos.

Diz a tradição, que houve uma época, em que algumas raças do continente americano, envoltas na mais profunda selvageria, se entregavam à guerra como ocupação favorita e a atos de antropofagia, fazendo da carne de seus inimigos apetitosos manjares, etc.

Aparecendo Manco-Capac, a vida dos naturais tomou outro aspecto, porque ele, estabelecendo-se no vale do Cuzco, reuniu-os em habitações e ensinou-lhes a cultivar a terra.

Manco-Capac ou depois Kara-Inca-Manco-Capac e Mamam Oelo, irmão e irmã e ao mesmo tempo marido e mulher, atravessaram as planícies vizinhas do lago Titicaca, antes de fixarem residência, sendo acompanhados por muitos dos seus.

Uma outra tradição ou lenda conhecida ainda hoje dos índios peruanos, nos informa de que homens brancos e barbudos haviam partido das bordas daqueles lago e que, dizendo-se filhos do Sol, exerceram depois grande poder sobre os habitantes do país aos quais ensinaram o que antes eles não conheciam.

É para notar que entre o astecas se trata também do aparecimento de Quetzalcoatlé e tanto mais curiosidade nos despertam estas tradições, ao sabermos que entre as duas nações nunca houve a menor comunicação antes da conquista espanhola.

As ruínas de Piauauaco e as das bordas do lago Titicaca são, porém, mais antigas que a fundação da dinastia incásica por Manco-Capac e se numa parte houve gente inteiramente bárbara a civilizar, noutra existiam ainda, ou tinham existido, tribos bastante adiantadas que jamais puderam ser imitadas.

Estas antiquíssimas ruínas demonstram à saciedade quão superior foi a civilização que alcançaram outros povos, a que atingiram mais tarde os incas e os astecas ao tempo da conquista por Pizarro e Cortez.

Devo notar que Manco-Capac quando chegou a Cusco falava um língua desconhecida no país, mas que ele conservou somente entre os seus ou a gente da sua corte; ao passo que tratou de vulgarizar a outra, que é conhecida por *Kechua*. Da primeira, a oficial que desapareceu quase completamente com a queda dos incas, poucas são as palavras que se conhecem ainda.

Uma delas é *Kara*, apelido que significa chefe invasor, usurpador ou conquistador, valente e destemido, tirano, etc.

Na persuasão em que estou, de que nem todos os povos americanos são raças de uma só semente, filhos de um só berço, admito contudo, que da Ásia central partissem os invasores da América, pela conservação da palavra *Kara*, conhecida lá entre os filhos do Sol e das serpentes, cujas crenças foram cá perpetuadas, e sobretudo, hoje, pela luz que se tem feito em redor do mais precioso objeto arqueológico encontrado em vários pontos da América, a pedra verde, o muiraquitãs, da Jade (Nephrite) laminar verde oriundo da Ásia, substância que Barbosa Rodrigues, ilustre sábio brasileiro, provou há pouco não ter sido até agora encontrada, bruta ou naturalmente em nenhuma região do Novo Mundo; como admito que em épocas pré-históricas tivessem povoadores americanos alcançado a Ásia ou entrado em contato com os seus habitantes, emprestando-lhes crenças e costumes em troca das suas, da mesma forma que obtinham os famosos muiraquitã amuletos que espalharam entre os seus, de regresso aos pátrios lares, uns ou outros em várias épocas.

Ao Amazonas, diz Barbosa Rodrigues, que o muiraquitãs foi levado pelos caraíbas, descendentes dos Nauhas.

Como vemos, a esse distinto investigador deve-se a luz que se fez em torno desse precioso objeto da arqueologia americana, a misteriosa pedra verde de La Condamine e outros.

Atribui-se particularmente a seu uso às Amazonas, cuja existência tem sido negada por muitos, quando, no entanto, outros a garantem, e eu assim penso pelo que tenho lido e ouvido dos próprios índios.

Basta o prisco uso da palavra *Ikamiaba* (mulheres sem marido) que sem motivo não podiam existir e que tem passado de geração a geração. Creio que se Orelana as não chegou a ver, devia pelo menos ter, na descida pelo rei dos rios, obtido notícias seguras da existência delas.

Os povos e seus descendentes que mais uso fizeram do *muiraquitãs* usam da palavra *Kara*.

muiraquitãs significa nó de pau. Tal denominação provém da semelhança que algumas jades têm com os nós da madeira. Geralmente significa amuleto, talismã. O amuleto, da palavra árabe *hamalet*, quer dizer

estar dependurado, e partiu do Oriente para o Ocidente, antes de penetrar no Cristianismo.

A tradição e as virtudes de que goza o muiraquitãs são as mesmas do amuleto asiático.

Ninguém deixa de afirmar que entre as raças, americanas e a mongólica, existe notável semelhança, e Castelnau, por exemplo, diz que “Il est difficile encore aujourd’hui de distinguer sous le rapport physiologique quelques unes des peuples de l’Asie avec les sauvages de l’Amérique”.

Para completar este trabalho, diz Barbosa Rodrigues, faltar o estudo antropológico...

Não prende minha atenção a semelhança que se nota em várias raças, e nem o estudo antropológico baseado em provas, que fazem simplesmente crer ser o indivíduo pertencente a uma espécie.

O que quero é convencer-me de que o homem americano tem tanto direito de dizer que teve sua origem na América como o asiático na Ásia.

E por que não ser assim?

Não é a América a pátria do guariba, como a África o é do gorila? Não são estes macacos, membros de uma espécie? Contudo, têm ambos pátria diferente.

No mundo vegetal, temos as plantas nativas do continente americano, que nascem e medram à superfície do solo, vegetando com a ajuda do seu calor, como a terra vive fecundada pelo sol.

Com certeza, ninguém transportou de outras partes do mundo para esta o pau-brasil, o jacarandá, etc.

É sabido que os animais originários de cada país surgiram nos matos e nas florestas, através da evolução orgânica, segundo Haeckel, como as moneras primitivas nasceram por geração espontânea no mar ou como os cristais salinos nascem ainda nas águas criadoras (*eaux-meres*).

A vida dá-se até no seio da morte por entre a decomposição da matéria orgânica. Basta ver sobre que vegeta muitas vezes uma linda parasita.

É na reunião dos princípios, albuminosos e anorgânicos, segundo Haeckel, nesta substância (azoto e carbono) denominada protoplasma, que se vê como surgiu a vida sobre o nosso globo.

Ainda.

Abandonando-se ao tempo qualquer quantidade d'água, embora límpida e cristalina, exposta em seguida aos seus rigores por alguns dias, nesta água estagnada veem-se surgir milhares de seres, mais do que visíveis a olho nu. E aqueles pequenos insetos surgiram na água, como surge no corpo sujo e suorento o piolho e outros muitos asquerosos insetos.

A mesma coisa sucede com a terra, quando contém em quantidade húmus, calor e umidade.

O homem, último e mais perfeito vivente, obra da prodigiosa perfectibilidade física até hoje conhecida, apareceu em toda a parte sobre a terra onde os efeitos da vida se têm feito conhecer numa escala ascensional. Esta opinião é puramente minha e filha do que a tal respeito me tem sido dado pensar.

Dizem os investidores da ciência, que isto se deu no período quaternário, e se nós ainda estamos nele, eis porque precisamente as transmutações em sua ação lenta e demorada são para muitos de difícil compreensão.

Quem me diz que dentro de alguns milhares de anos, se esse grande ser que chamamos Terra, ainda existir através da evolução orgânica, o homem cederá seu lugar ao homem do futuro, dotado ainda de mais saber e perfeição que ele próprio?

Então para essa nova espécie, o homem atual não será mais do que o quadrúmano é ainda hoje para ele.

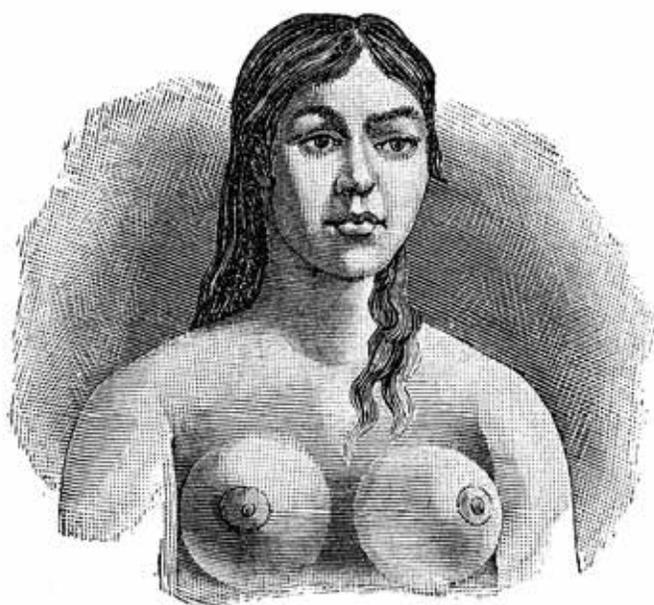
A lei da perfectibilidade é um axioma incontestável.

Certamente, portanto, não é possível que a criação tenha terminado no nosso planeta e nem o homem constitua o último degrau da escala da vida.

Outro ser mais perfeito e inteligente pode ainda substituí-lo ao mesmo tempo que uma fauna e uma flora completamente novas surgirão também.

Maravilhosos, porém, naturais são os resultados, que a natureza tem produzido desde que começaram a desenvolver-se nos lodacentos e fumegantes líquidos; que em épocas pré-históricas cobriam grande parte da Terra.

Encontra-se perfeita explicação da perfectibilidade física, a que se acham submetidos os corpo vegetais e animais, na desapareição de muitas espécies e na formação de outras novas.



Cararai

Se, nos bem elaborados estudos de Darwin se encontram verdades incontestáveis, é preciso afirmar que a criação não se extinguiu, e que os seus efeitos se sucederam em intermináveis transformações.

Quem não entender assim é porque esquece que o homem atual cheio de conhecimentos e possuidor de rico cabedal científico, que envergonharia sem dúvida os sábios da Antiguidade, se os tivesse em sua presença, ainda assim é incapaz de encher-se de maiores forças, para poder estudar satisfatoriamente os múltiplos movimentos progressivos da grande procriadora natureza e conhecer a fundo as lutas orgânicas e biológicas, porque a existência humana é tão curta que lhe não permite seguir *parpassu* as sucessivas transformações que se realizam em cada século, em cada mil anos.

O que é a vida de um homem em comparação com o longo período que a natureza leva produzindo os seus maravilhosos resultados?

Se tem sido precisos dois mil e quinhentos milhões de anos, segundo Thompson e outros autores, para que se operasse tantas transformações na diferenciação dos tipos que em nossos dias apresentam os dois reinos em suas raças, famílias, espécies e individualidades!

A criação continua pois, sem a menor dúvida, e não é por consequência um fato consumado.

No insondável abismo do tempo hão de perder-se milhares de séculos ou milhões talvez, até que o homem do futuro surja pouco a pouco, livre das imperfeições que se observam na espécie atual.

Desprezando-se a estulta soberbia do homem do nosso tempo é proveitoso considerar que neste imenso período da vida, ele deixou de ser troglodita e canibal, deixou de ignorar os segredos de certas invenções (o que quase só conseguiu nestes últimos séculos), deixou de imitar com sons rudes, os ruídos da natureza para falar, para tornar-se sábio, eloquente e letrado, e fruir as delícias do progresso, conquistadas pela sua inteligência cultivada.

Nisto se devem resumir as suas glórias.

Não será também demais calcular que o homem do futuro surja liberto das duras necessidades a que está sujeita a espécie atual, se possuir um mecanismo mais simplificado.

Assim o homem do futuro será sem dúvida um ser superior, desde que, como o de nossos dias, não tenha que alimentar diariamente o seu organismo para a manutenção da vida, causa atual de muitos vícios e muitos crimes que se praticam na Terra.

O amor é que será sempre a sua paixão favorita, porque esse fogo brilha do Equador aos polos, porque a Natureza é a sua eterna vestal, em todos os pontos onde houver juventude, enquanto não chegar o dia em que a vida haja desaparecido da superfície da Terra, antes que esta se perca nos abismos do imenso vácuo a girar à roda do sol extinto.

Esse é o dia, como diz Camilo Flammarion à pág. 459 da sua obra as *Terras do Céu*, em que da humanidade só restará a sua história fechada e selada, no qual a noite eterna envolverá o nosso antigo sistema solar. E daí em diante, o Tempo sem asas e sem foice dormirá imóvel sobre os mundos destruídos, como escrevia também o poeta Gilbert na sua ode do juízo final.

Com relação ao homem do futuro, não se deve supor que a natureza tenha que modelar novo tipo para substituir o antigo, o que é de crer é que chegará a vez de que o tipo matriz sofra uma nova metamorfose.

Assim como atualmente a raça caucasiana, a mais perfeita de todas, tem dominado as outras, é forçoso crer que ela própria será infalivelmente dominada pelas raças vindouras.

Tudo isto se lê no grande livro da Natureza, aberto sempre diante de todos os olhos.

A melhor argumentação é aquela que está fora do escólio e não é fundada em deduções ideológicas.

Que se riam disto, que ali fica, as pessoas que de tudo descreem à primeira prova.

Para aqueles que são adeptos da religião revelada, então sim, a verdade científica não passa de terrível pesadelo, porque ambas se odeiam.

O axioma científico discute-se e prova-se, e a sutilidade metafísica mão se discute nem se prova.

Antes de terminar, convém ainda dizer em confirmação ao que admiti sobre o aperfeiçoamento do homem asiático na América ou do homem americano na Ásia, que isto se pode com igual razão ter dado, certa-

mente devido a circunstâncias casuais e não a resultados de determinações premeditadas.

Não resta a menor dúvida de que mesmo ultimamente tem vindo parar, às costas da América do Norte, juncos chineses arrastados pelas correntes ou pelos ventos³. Do mesmo modo isto se podia ter dado em remotas eras, em remotos tempos, e Pizarro (Francisco), quando visitou Puna e outras ilhas do Pacífico precedendo a conquista, encontrou-as povoadas de índios, que se comunicavam viajando de umas para outras ou para a costa em grandes balsas. Da mesma maneira que os juncos, estas balsas correntes e pelos ventos a terras estranhas de onde regressar também, podiam os tripulantes ou seus descendentes, causal ou aventurosamente, pelos mares fora ou em grande volta alcançando pelas costas de Behring as pátrias terras.

Calculando os grandes períodos decorridos, os séculos passados entre estes acontecimentos, vê-se que novas e sucessivas gerações apareceram, novos costumes surgiram, as alterações linguísticas se manifestaram e a degeneração das raças continuou a dar-se pela influência do clima e dos hábitos ou se robusteceram segundo o meio.

Quanto às línguas originárias, não se formaram ao mesmo tempo, mas sim, têm sido efeito de um gradual processo através das idades que nunca, nem ainda agora, cessou completamente.

Pelos idiomas pode-se conhecer alguma coisa da vida primitiva e ir mais longe que as recordações históricas, mas não alcançar a origem do gênero humano, porque como se vê, o homem só conseguiu falar depois de balbuciar e imitar, com rudes sons, as vozes da natureza.

Muitos historiadores têm querido descobrir a origem de um povo pela semelhança que se nota ordinariamente entre certos termos, significando às vezes o mesmo objeto.

Assim é que, imitando tal exemplo, se podia também acreditar que os incas fossem descendentes dos saxônios, comparando – *Inglisman*

3 Em 1850 entrou no porto de S. Francisco um junco chinês encontrado a 100 milhas do porto, por um navio americano. O na. Brooks diz que de 1782 a 1850 deram à costa da Califórnia 41 embarcações japonesas. Não podia isto dar-se antes?

com *Incamanco* ou entre os que falam quechua descobrindo a relação que existe entre oasi ou *hause-casa*.

Isto, porém, pouco importa, porque, como tenho procurado demonstrar, deve-se forçosamente admitir que em várias e distantes épocas foi o continente americano visitado por povos de outros pontos do mundo.

O meu fim é simplesmente provar que da mesma maneira o homem puramente americano, como pretendo, pode ter visitado terras estranhas e basta a notícia abaixo sobre o *Fou-sang* para que tal fato fique talvez provado.

Fou-sang é nome que os chineses davam a uma planta oriunda da América conhecida no Peru por Maguey⁴ e por Agave (Amarelidácea), no México, transplantada para a Ásia e lá conhecida por aquele primeiro nome, denominação que esses povos entenderam dar também ao continente americano como nós podíamos hoje mesmo denominar o Pará, a terra da Seringa ou da Borracha, ou como Gonzalo Pizarro denominou as do centro, por terras da Canela.

Nos anais da China conhecidos por Nan-zu encontra-se notícia a tal respeito e Li-yen, escritor chinês do VII século da nossa terra, trata do país denominado *Fou-sang* situado a uma distância de mais de 40.000 li ao oriente da China⁵ (*Do Muyrakitan*).

4 Em minhas recentes viagens no Peru tive ocasião de conhecer esta planta.

5 A arqueologia Americana se enriquece de dia em dia.

“Um jornal de Cali (Colômbia) anuncia que o Dr. Ricardo Gutierrez, fazendo uma excursão ao vulcão de Puracé, que está em erupção atualmente, acaba de descobrir nas vizinhanças daquele vulcão uma cidade antediluviana, a julgar pelos ossos de mastodontes e crânios humanos quase duplos das proporções ordinárias.

“Esta cidade, edificada em as neves dos Andes e os fogos do vulcão, tem dimensões colossais. M. Gutierrez encontrou ali termes elevados sobre colunas de granito, de mais de 12 metros de altura, aquedutos, poços, construídos com argamassa e lava do vulcão, que parece haver recebido diversas aplicações, como estuques, calçadas, etc; e que adquire brilho e consistência do metal.”

M. Gutierrez assegura ter contado até 3.000 pedras de moer gastas pelo uso. Achou também uma floresta petrificada.

O jornal *El Número Trece*, que anuncia esta maravilhosa descoberta, diz que publicará em breve sob a responsabilidade do explorador, uma narrativa completa de sua viagem do Puracé.

Por isto se prova que as famosas pedras verdes da Ásia vieram para a América onde ficaram, como uma planta oriunda deste continente foi também levada para a Ásia e lá transplantada.

Quer fosse uns, quer outros os primeiros a efetuar a travessia, pouco importa. De qualquer modo a teoria que apresentam está de pé, não deixando de admitir talvez que o continente americano só em época muito posterior ao que sucedeu na Ásia, chegou a reunir as condições necessárias ao aparecimento da vida humana.

Na América, como na Ásia, encontraram-se, no entanto, os vestígios de uma civilização pré-histórica e ao arqueólogo talvez não fosse difícil, depois de aturados esforços e estudos contínuos, fornecer ao leitor estudioso dados pelos quais se possa francamente ser levado a proclamar em alto e bom som que a América foi habitada e conheceu as maravilhas da civilização muito antes de o ser a Europa e assim que o Novo Mundo não é a América, mas sim a própria Europa.

Aqui esqueletos, ruínas e pó, ali restos de grandezas que se sumiram, porque pátrias, nações, tronos, edifícios, línguas, religiões, tudo desaparece no abismo insondável dos tempos, e se confunde com a própria terra que tudo produziu e continua a produzir, enchendo novamente de vida, de grandezas, de fausto, de misérias, os mesmos sítios onde há pouco sucedeu a tudo isto a desolação e a morte. Eis aí a síntese suprema da vida, segundo Flammarion, na definição de Claude Bernard – *La vie c'est la mort*.

O viajante que daqui a trinta ou cinquenta séculos procurar as ruínas da soberba Londres há de com certeza sentir-se tão fatigado ao tentar encontrá-las; como quem procura ainda as ruínas da antiga Babilônia, ou como se procura hoje o verdadeiro sítio onde viveram as célebres Amazonas.

Termino portanto este trabalho quase convicto de que o índio da América é filho nativo deste continente, e, portanto, genuinamente americano.

.....

Capítulo XVII

O IGAPÓ



MEDITANDO. Tarde me apercebi de que a hora habitual do descanso era chegada, e de que Mandu dirigira a embarcação para dentro de um estreito igarapé coberto de verdura, e onde aquelas horas do dia, por serem já as de maior clama, ali íamos encontrar magnífica sombra.

A minha atenção foi despertada pela cor escura da água, que me dava a perceber provir de uma nascente estranha, e tratar-se de um pequeno afluente do Tocantins. A falta de uma carta perfeita desta região, que infelizmente não existe, fazia-me imensa falta como deve fazer a todo o viajante que percorre uma zona já conhecida, mas pouco estudada em muitas das suas partes.

O mapa de Veloso Barreto, impresso em Lisboa, em 1877, para servir de auxílio à navegação deste rio, do Pará até perto da aldeia dos índios anambés, continua na mesma linha.

Anambés está cheio de inexactidões, como o de Amazonas e de outros rios do Brasil. No entanto, não deixa de nos ser útil na falta de outro melhor.

Subindo na igarité o estreito rio, notei sempre que a cor da água era a mesma e só se perdia ao confundir-se em sua foz com a da grande artéria.

Lembrei-me então de Humboldt, que deu, a respeito da cor das águas de alguns afluentes do Oceano e do Amazonas, numerosas informações, sem contudo explicar a causa da coloração.

Na verdade, a água vista em grande volume afigurava-se-nos escuro-esverdeada, mas ao tomá-la num vaso de cristal, notei que era a mais pura e cristalina que encontrara nestas excursões pelo Tocantins e seus tributários. Era igualmente agradabilíssima ao paladar.

Isto me fez crer que a coloração deve ser atribuída a matéria orgânica e a fenômenos de reflexão.

Muntz e Marçano, em nota dirigida mais tarde à Academia de Ciências de Paris declararam ter achado a explicação de tais propriedades das águas negras, quando em exploração no alto Oceano, bem como a causa da coloração na sua composição química.

Estas águas são encontradas geralmente em região de formação granítica coberta de luxuriante vegetação.

Frequentemente são isentas de cal e faltam-lhe completamente os nitratos.

Partindo-se dali com a fresca da tarde, continuamos a nossa viagem navegando ao largo e parando de quando em quando nas praias de pequenas ilhotas onde abicávamos para caçar ou em descanso à sombra dos palmares, cuja frescura encanta o viajante entre aquele clima abrasador ao meio do dia.

Bandos de aves, librando-se nos ares, formavam alegres coros, despertando a placidez daqueles desertos de terra e água.

Às vezes tudo me parecia convidar a demorar em tais sítios, e então saudosas recordações eu sentia da convivência no mundo estranho em que tenho vivido, longe da família e da terra que me viu nascer, na pátria do cosmopolitismo; ao mesmo tempo que uma saudade conscienciosa

me fazia recordar da pobre Aigara e do seu amor selvagem mas puro, do seu corpo bruto, mas belo, das suas palavras meigas e sem a maldade que jamais conheceu.

Oh Aigara, Aigara! Só agora eu compreendia a pureza da sua alma.

E eu mofara dela tantas vezes, quando só me merecia gratidão.
Nunca mais a havia de ver! Nunca.

Oh, eu pensava que nunca mais também teria de encontrar uma mulher tão dedicada, tão fiel e tão boa como Aigara, no seio das sociedades civilizadas, mas corrompidas deste século.

E pedia a Deus que a minha profecia se não realizasse, porque sentiria nascer em mim instintos de fera caprichosa e cruel.

.....

Tínhamos já descido as cachoeiras, quando uma tarde procurávamos dirigir a embarcação para uma ilha que parecia estar à vista, a fim daí fazermos o nosso pouso.

Eu havia passado para a igarité com os dois remeiros a explorar o litoral da ilha, que estava próxima e que se apresentava coberta de luxurriante vegetação, oferecendo-nos talvez magnífico pouso.

Mandu tomara sozinho ao leme conta da direção do barco, que descia lentamente impellido pela corrente.

A umas dez braças na sua dianteira íamos nós três na igarité que mal sustentava tal peso, cortando veloz aquelas águas agitadas por uma viração constante e impertinente.

Apesar do perigo a que estávamos expostos, eu, afeito às vozes das vagas e do vento, contemplava distraído a linha das águas de um extenso horizonte, quando sinto em mim um estremecimento horrível e o som de um grito unânime em que tomara parte ao sentir a causa.

A frágil embarcação acabava de ir a pique e a frieza da água produzia-me um enervamento completo.

Ao volver à superfície quase tonto pela impressão recebida, ouvi a voz de Mandu, e vi apenas a certa distância, o casco enegrecido da igarité, que se afasta rapidamente.

O instinto de salvação acabava de vir em meu socorro, mas ainda hesitante, tornei a mergulhar. Ao voltar à superfície, abri desmedidamente os olhos e nadei seguindo um dos remeiros, que, ajudado também pela corrente, tentava ver se alcançava terra.

Já nas proximidades, estendi a vista para os lados e verifiquei, que Mandu nadava também. O fiel índio, abandonando o barco à mercê da corrente, atirava-se à água para me salvar.

Depois de alguns momentos de descanso, estendido de costas sobre as águas, notei que a igarité se aproximava da terra, ao passo que o barco abandonado descia ao largo serenamente.

E cada um por sua vez alcançava enfim os galhos de uma árvore pendida para o rio e cujas águas lhe lambiam o tronco.

Estávamos salvos por assim dizer, mas neste momento, uma exclamação de surpresa e de mágoa pareceu partir dos nossos peitos.

Um dos companheiros desaparecera!

Estava morto com toda a certeza, porque o infeliz muitas vezes nos havia dito, que não sabia nadar.

Dois minutos de ansiedade e reflexão foram passados.

A nossa situação tornava-se desesperadora.

Esta *ilha* não era mais que um medonho igapó ou terreno alagado e móvel, onde não podíamos permanecer senão trepados nas árvores.

A igarité havia encalhado a pequena distância e estava envolvida de ramos e de despojos vegetais e pequena distância de nós.

Mandu compreendeu que não havia tempo a perder, e prevenindo-me de que o esperasse, afoutamente nadou em sua direção seguido do companheiro.

Era preciso salvar o barco.

Uma vez dentro da pequena canoa, partiram contornando o *igapó*, e desaparecendo de minhas vistas ciosas de um socorro, que desde logo principiou a tardar-me.

.....

Escoaram-se as horas na ampulheta do tempo e a minha posição cada vez mais me torturava.

E afinal, a noite aproximava-se, e nada do companheiros chegarem.

Examinei então bem o sítio e com pesar e desolação, que o igapó devia ser grande e quase impenetrável.

Dispus-me a alcançar pelo menos uma árvore onde encontrasse melhor abrigo, até que depois de mil exercícios perigosos, alcancei o que desejava a dezoito metros de altura sobre o nível do rio.

As minhas vestes compunham-se de uma camisa, ceroulas e calça apenas, e qual como me achava a bordo da *igarité* na ocasião do sinistro. Por casualidade uma faca de mato, que costumava trazer comigo, escapara do naufrágio, e, servindo-me dela, principiei com dificuldade a cortar alguns ramos da árvore, que me impediam descortinar folgadamente o rio.

Já havia quase conseguido o que desejava, quando, ao partir-se um galho podre e oucado, notei que existia nele excelente colmeia de uma abelha escura e pequena, que logo se pôs em movimento formando uma nuvem ao redor de mim.

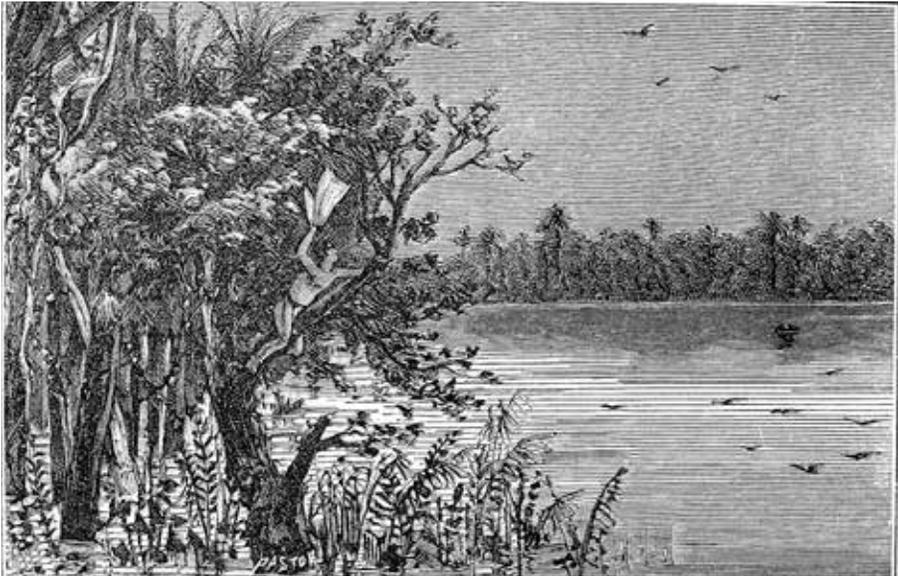
As importunas abelhas, maldizendo a inesperada visita, introduziam-se-me nos cabelos e nos ouvidos, mordendo-me ferozmente e sem que delas me pudesse livrar.

Só pela noite serenaram, deixando-me em paz naquele tosco abrigo onde forçosamente tinha de aguardar os companheiros, que nem de longe me anunciavam a sua chegada.

Ao contemplar as estrelas e a lua no seu quarto minguante, ali passei horrorosas horas morto de fadiga e sem ter quem me consolasse em tão triste e pavorosa situação.

Cansado de tanto olhar para o negrume que invadia o horizonte, notei afinal, depois de muito tempo decorrido, que este se coloria pouco a pouco.

Um alívio e uma esperança surgiram então em mim, ao ver romper a aurora, como se com a sua luz, que ia gradualmente aumentando, eu visse chegar-me um meio de salvação.



Acenei durante alguns minutos

Dentro em pouco era dia claro e não tinha desgraçadamente ainda diante de mim senão o espelho brilhante das águas, sobre cuja superfície divisava às vezes alguns *mururés*, ou ilhas flutuantes, que desciam com a corrente.

A natureza permanecia muda, sepultada sempre em profundo e inquebrantável letargo.

As árvores, vagando sobre o espelhado aquoso, remirando suas ramagens e algumas saturando de eflúvios balsâmicos a fragrância local; palmeiras, seringueiras e outras plantas realçadas nas suas comas por uma infinidade de pequenas flores a esconderem-se nos entrelaçados de liames, de orquídeas e de sicas!

Em baixo os troncos das frondosas plantas, submersos pelas águas, por onde via claramente de vez em quando passarem cardumes de peixes e saltitando de galho em galho um casal de maguaris, aves próprias destas regiões.

Apesar do meu estado de meio torpor, produzido pela fadiga e pela insônia, percebia não sei que encanto enervante e difícil de definir.

Os tépidos perfumes da brisa, as esquivas caricias dos pássaros reunidos entre espessa folhagem, a graciosa indolência da flora, tendiam a mergulhar-me a alma em enganador êxtase.

De repente o meu olhar ávido de tal sensação, percebeu ao longe, uma pequena embarcação que descia o rio.

A distância era, contudo, de uma toalha, tirei a camisa do corpo, e com ela acenei durante alguns minutos, gritando com toda a força dos pulmões.

Tempo perdido.

Sumiu-se, finalmente, a embarcação, que me pareceu ser uma *ubá*, e sumiu-se também a esperança, que chegara a acalentar, de ser visto e socorrido.

O sol erguia-se já bem acima do horizonte, inundando de luz e fogo o azul profundo que revestia aqueles desertos de terra e água.

E nada de Mandu aparecer. Todavia, ele tivera tempo suficiente de estar de volta.

Na minha mente, enfraquecida pelo cansaço, cruzavam-se conjecturas de toda a sorte.

Havia vinte e quatro horas que estava sem tomar alimento, mas, apesar de tudo isto, sentia coragem a sangue-frio, sempre resignado e disposto a esperar que, de um momento para outro, terminasse tamanho martírio.

Profunda nostalgia se ia apoderando de mim, nostalgia que me fazia acudir à mente as mais saudosas recordações de outros tempos, de outras épocas. E lembrava-me daquele rochedo, coberto com uma fértil camada de terra, sentindo a palpitação do Oceano no mais profundo dos seus recantos, onde Roberto Machin encontrou guarida e pode dar sepultura à sua Arfet, e que Zargo e Teixeira ousaram descobrir, para glória do nome português. Uma nostalgia que me fazia encher de saudades da terra onde passei a quadra infantil da minha vida, como a nostalgia da andaluza, que revê constantemente a sua formosa Sevilha; a do parisiense, que não esquece os *boulevards*; e, sobretudo, os seus Campos Elísios; a do chinês, os seus rabichos, os seus mandarins, o templo de Confúcio e as grandes muralhas de Pequim; a do japonês, os seus *samurais*, as *gueixas* e a festa de Asakusa; a do madrilenho, o seu *Alcalá* e a *Puerta Del Sol*, e, finalmente, a do lisboeta, outrora o seu *Chiado* e hoje a Avenida.

No igapó, dentro da floresta, reinava uma quietação só perturbada pelo brando marulho das águas, tornando-o insípido e horroroso.

Para cúmulo da desgraça, o calor aumentava intensamente.

Neste comemos, vi adejar um belo pássaro azul, de forma graciosa, que, chegando próximo do sítio em que me achava, fechou as asas, desceu perpendicularmente e foi pousar-se sobre um dos ramos de uma árvore baixa, alguns palmos acima d'água.

Era uma avezinha encantadora.

Depois de alguns momentos de descanso, principiou a saltitar de ramo em ramo e a distânciar-se.

Tive vontade de segui-la. Mas como?

No entanto, a ave revolteava, parecendo indicar-me a direção que devia seguir.

Talvez estivesse próxima a terra firme.

Tentei passar de uma árvore para outra. Faltavam-me forças.

O pássaro sumiu-se afinal no fundo da floresta, como ainda há pouco tinha visto sumir-se ao longe a vela alvadia da ligeira *ubá*.

E nesta ocasião lembrei-me ainda de Aigara. Ah! Se ela soubesse da minha triste situação, com que fúria e prazer não correria a salvar-me...

Mas eu estava isolado de tudo... e de todos.

.....

Chegou, finalmente, a hora que tão ansiosamente aguardava desde a véspera. Acabava de ouvir a voz de Mandu, do lado esquerdo do igapó. Ele aí vinha e dentro em pouco ei-lo próximo do sítio em que me achava.

Notei, porém, que a canoa que tripulava, mais o companheiro, era estranha.

Perder-se-ia o barco onde conduzia os meus haveres?! Mais um momento de tortura, mas convenci-me de que antes preferível era que se fossem os anéis e ficassem os dedos.

Apesar de me faltarem forças, desci nervosamente da árvore, onde encontrara guarida, até que alcancei a canoa.

Soubes então por Mandu que só muito distante dali haviam alcançado o barco, que rodara na véspera rio abaixo, e que, por ser tarde, foram obrigados a pedir agasalho a um habitante daquelas paragens, depois de terem vagado, perdidos durante quase toda a noite nos igarapés e igapós.

Emprestara-lhe ele essa canoa para mais ligeiramente virem ao meu encontro, de lá partindo ao romper do dia.

Fosse como fosse, estava salva a situação.

Dentro em poucas horas aportava ao sítio habitado pelo tal indivíduo que me disse chamar-se Francisco Iacaré, tipo mestiço, espécie de cafuz. Mostrava-se desejoso de nos servir e consolar, mas eram tão mesqui-

nhos os seus bens, tão pobre e miserável a sua habitação, que apenas me pude arrancar da alma os sentimentos de comiseração.

A cinco pés do solo turfoso e molhado entre dos açazeiros, armei a minha maca e deitei-me em paz.

Era forçoso recuperar as forças perdidas, ficar ali até o dia imediato.

Agora só se tinha que lamentar a ausência e a morte do infeliz companheiro, desaparecido no torvelinho das águas.

.....

Capítulo XVIII

NOS IGARAPÉS



POUCO ANTES do romper do dia seguinte, já o nosso barco deslizava sobre as águas do rio abaixo.

O espelho do precioso líquido refletia a pureza do espaço celeste e uma brisa meiga e refrigerante, rompendo as correntes aéreas de maiores alturas, chegava até nós como doce alívio enviado por uma aurora que não tardava a surgir.

Sob a tolda semi-esférica, havia um chão estivado, onde se estendera a minha esteira de *obim*.

Foi ali que encontrei o meu cômodo estendendo-me entre uma chusma de pequenos objetos que ocupavam as extremidades.

O remar pouco facilitava a descida e assim, entre um sossego de ouro e uma paz magnífica, o barco deslizava-se airoso ao largo “rodando de borbulho” impelido pela corrente.

Os últimos reflexos da Lua, que se sumia no horizonte, batiam em cheio na outra margem e a natureza, sepulta em letárgico silêncio, enviava-me um ar impregnado de mil deliciosas aromas.

Minha alma, ferida dos recentes sucessos, sentia contudo motivos de expansão.

Quanto mais prazer se encontra nestas viagens durante as noites ou com a fresca da manhã e da tarde, tanto mais penosas e insuportáveis elas são, quando se é obrigado a fazê-las em pleno dia, sob terrível mormaiceira e um sol abrasador.

Encerram um cúmulo e levam-nos ao desespero.

Há, porém, um recurso – a sombra.

Buscando-a como benefício lenitivo, depois de termos vencido boa distância até adiantada hora do dia, entramos num igarapé como se entrássemos numa gruta de verdura.

Renques de palmeiras nasciam bem à beira d'água e daquela abóbada formada pela espessura das ramadas desprendiam-se, como satélites, inúmeras parasitas, que a menor aragem fazia balouçar, atirando-se umas às outras.

Da cúpula emaranhada, na qual as trepadeiras se dependuravam em arcos entrelaçados, caíam numerosas florzinhas que alastravam o lume d'água, sobre o quais pequeninos insetos zumbiam esvoaçando doidamente.

E como numa das longas noites de inverno, àquela hora de fogo, a natureza parecia entregue a preguiçoso espasmo, os dois elementos terra e água uniam-se numa igualdade pletórica, brotando deles mais cardumes insetos de todas as espécies.

O igarapé encerra mil delícias, que só as sabe fruir o viajante.

Igarapé significa propriamente passagem de canoa. É uma espécie de canal natural, formando duas grandes sebes, fechadas quase sempre por uma arcada verdejante de plantas tropicais.

Sem largura uniforme, o igarapé, ora é estreito, sinuoso e sombrio, ora, alargando-se e oferecendo dificuldades para ser atravessado, toma o nome de *igapó* ou *gapó* atravessando-nos florestas submersas pelas suas águas.

Os igarapés cortam e subdividem as ilhas, formando às vezes inextrincáveis labirintos.

Preso o barco, a fim de não ficar à mercê da corrente, saltamos sobre aquele solo úmido e coberto inteiramente por espessos arvoredos.

Deixando esfriar o corpo para tomar o banho do costume, apanhei ao acaso algumas frutas de cacau, que eram deliciosas ao paladar pela acidez.

Durante esta paragem, deu-se um fato que não devo deixar passar despercebido como tenho feito a tantos outros.

Embrenhando-se pela floresta, notei a presença de uma cobra enroscada junto ao tronco de um açazeiro.

Lembrei-me de aproveitar a ocasião para pôr em prática uma ideia que há muito alimentava. Seria uma experiência.

Desejava conhecer o efeito da música na serpente, e, buscando uma flauta, que se achava numa das minhas malas, volvi ao mesmo sítio.

Nunca fui, na arte de Verdi, mais do que um mau amador, e portanto, não julgue o leitor, que cito o fato como reclame.

Levando a flauta aos lábios, entoei uma ária, cujo título não vem ao caso dizer, e, negaceando a serpente, vi-a com pasmo erguer a cabeça, virá-la como a escutar e, depois de se desenrolar, deslizar em minha direção.

Erguendo-me, segui em ziguezagues, acompanhado sempre pela cobra e parando finalmente, veio o ofídio até aos meus pés e só me deixou, quando, retirando o instrumento dos lábios, a afugentei com um pequeno movimento.

Assim, a história do canadense e da serpente de Chateaubriand não é um episódio provido de fantasia, mas sim um fato altamente científico.

.....

Passada a maior força do calor, tratei de ocupar de novo o meu lugar no barco e continuamos a viagem, felizmente desta vez tão agradavelmente interrompida.

Um dos canoieiros, como o fim de procurar atalhos, fez-nos passar por um “furo” em cuja passagem foi necessário usarem das zingas dirigindo eu ao leme a embarcação.

Dentro em poucos minutos estávamos ao largo e, de vela içada, a barco fendia as águas, voando sobre elas.

A corrente foi aproveitada com a fresca da tarde, não sem algum receio do tempo mal seguro que felizmente nada produziu.

Tunantemente artificiosa é a construção das habitações nestes pontos, onde diariamente tínhamos de pousar, agradecendo sempre reconhecidamente o agrado de seus moradores.

Uma tarde, tínhamos nós passado ao largo e deixado de vista o Baião à nossa direita, quando, para fugirmos a uma tempestade, penetramos num igarapé pouco adiante do sítio denominado Marariá.

O nosso barco acabava de encalhar numa praia de lama, bastante distante da vivenda que tínhamos à vista, porque a maré estava baixa.

Verdade é que, uma vez cheia, a água, invadindo quase toda a superfície da ilha, penetraria nos baixos da habitação e a canoa, impelida pelos varejões, iria facilmente encostar na escada que dá acesso.

Para isto era forçoso esperar a enchente, o que seria intolerável, mormente ao aproximar-se a noite.

Para suprir tamanha falta, que é a da construção de um cais estivado como possuem os mais abastados, colocam, uns atrás de outros, troncos de enormes palmeiras, formando uma espécie de pinguela mais ou menos flutuante, pela qual o bom equilibrista ganha num momento a habitação.

O transpor o espaço dum ponto a outro, parece à primeira vista coisa fácil, mas vá cidadão bem calçado e trajado aventurar-se tal exercício sem dele ter livre prática.

Não há ponto de apoio. Alguns empunham uma zinga e logram passar; porém, até que a vara seja suficientemente enterrada em tão abundante camada de lama e ganhe mais duro terreno, o tempo que decorre no enterrá-la e desenterrá-la repetidas vezes, esgota numa pessoa paciência e forças, até que num momento infeliz, escorrega e, zás-trás, atola-se até à cintura.

Ora foi justamente o que me sucedeu, quando me achava apenas a uma dúzia de passos da choupana.

Felizmente veio logo em meu auxílio, nestas emergências, um dos camaradas que me levou em seus ombros até ali.

A culpada era a minha vista curta e este fato capacitou-me ainda uma vez de que um míope só se deve aventurar em terra firme.

Isto, porém, nada era, e uma vez recebido em paz naquela hospitaleira casinha, depois de haver trocado a roupa enlameada por outra enxuta, caí na minha rede mergulhado em considerações relativas aos usos e costumes daquela gente esparsa nestes desertos de terra e água.

Este sistema de habitações semi-aéreas e semiflutuantes encerra certa curiosidade, e nos faz lembrar as vivendas lacustres da Suíça construídas como estas sobre estacas cravadas no solo.

Nelas há duas, três ou quatro divisões incluindo a varanda que ocupa uma grande parte da sua circunferência; são amparadas como disse, sendo as estacas substituídas por outras de anos a anos em consequência de apodrecerem com a umidade continua.

Todas estas casas, até mesmo as mais ricas e maiores, contam um único pavimento.

O teto é coberto de palhas secas de miriti ou buriti e de obim, as paredes compõem-se de simples ripas de palmeiras, armadas em barrotes às quais ajustam muitas vezes leves esteiras a fim de ocultar o interior.

Composto ainda com ripas escolhidas, geralmente o chão assemelha-se ao fundo de uma gaiola.

Nos mais velhos e arruinados destes casebres é coisa fácil ficar-se com uma perna entalada.

Rodeados de água por todos os lados, de igarapés e canais que comunicam com o rio, fazem os habitantes constante uso de suas igarités nas pequenas excursões ou dos botes e ubás nas longas viagens.

Este sistema de habitações é conhecido desde a época de Heródoto e ainda hoje se estende por várias partes do globo. Assim é que embora datem dos tempos ante-históricos existem na presente época, segundo as notícias de celebres viajantes, nas ilhas Carolinas, em Mindanao, na Venezuela, em Nova Guiné, etc.

Eretas sobre vastas esplanadas, as casas das pessoas mais abastadas do Tocantins estão rodeadas de largas varandas, onde a ventilação se dá perfeitamente, penetrando nos aposentos interiores.

O leitor não conhecedor desta região, e especialmente para quem escrevo com mais proveito a auferir da minha atenção, há de, forçoso é de crer, indagar do motivo que origina estas disseminadas populações

habitarem de preferência as ilhas do Tocantins, em vez de estabelecerem seus penates na terra firme.

O fato, porém, é acidental e fácil de elucidar. Nas ilhas é que se reúnem todos os fatores do progresso do baixo Tocantins. E nessas ilhas que estão plantados cacoads e onde os produtos nativos alcançam pronta saída. A indústria extrativa tem aí vasto campo de ação.

.....

Capítulo XIX

USOS E COSTUMES



AS MULHERES se conservam, em geral, no fundo das habitações, ocupadas em pequenas indústrias caseiras e dedicam grande parte do dia na fabricação de redes, em que são peritas e hábeis.

Os homens fabricam paris e tapumes, onde o peixe entra e cai durante as enchentes e marés. É só ir retirá-lo ainda vivo dali, de seis em seis horas, e prepará-lo da maneira que se quiser.

Há bastante tempo no ano em que escasseia sensivelmente.

As partes ocupadas pelos tapumes são assinaladas nas extremidades da praia, por cada morador, a montante e a jusante dela.

Afora estes currais de peixe, vimos outros, hermeticamente fechados, de que os habitantes se servem para guardar *jabutis*.

O jabuti (espécie de cagado) substitui, nesta região, o porco, que aí é difícil de criar. Este animal cresce, vive e engorda assim em prisão.

A sua carne é muito apreciada pelos habitantes de Tocantins e por eles usadas quotidianamente.

O jabuti criado nestas condições, e longe dos meios em que vive, quando livres nos matos, custa mais a desenvolver-se e a sua carne perde o sabor natural.

Este pobre animal é notável por ter a propriedade de esconder a cabeça na carapaça.

Em muitas excursões, vi, por vezes, estreitos e acanhados currais, literalmente cheios de jabutis, apinhados uns sobre outros, mal podendo moverem-se, pelo pouco espaço que lhes destinavam.

Quanto às tartarugas, tornaram-se raras no baixo Tocantins e quando aparecem, vindas de pontos distantes, são sempre vendidas por bom preço.

Só tive ocasião de conhecer alguns exemplares de uma espécie, cujo tamanho é regular e de carne apreciadíssima.

Creio tratar das *Emys Tracaxa*, de que os fala Wappoeus e que no Araguaia e alto Tocantins tem o nome de caracajá. Os seus ovos são cilíndricos e semi-esféricos nas pontas.

Esta espécie de tartaruga não pode ser como o jabuti, conservada nos cercados.

A *Emys amazonica*, tartaruga grande, ou jurará-çu, sem dúvida uma das maiores tartarugas de água doce, é raríssima no baixo Tocantins.

Devido a sua maravilhosa fecundidade, é que estes quelônios são ainda encontrados no Amazonas, pois contam-se por inúmeras as causas de extermínio.

Uma das espécies de peixe que abunda no Tocantins é o celebre e afamado *marapá*, que não achamos muito saboroso, mas que bem preparado é suportável. As classes menos abastadas, das quais tratamos aqui, tiram dele grande proveito.

Os processos de conservação são pouco conhecidos, ou pouco usados, e se não fora o pirarucu que ali vai salgado do Amazonas, muito sofreria esta gente durante parte do ano.

O pirarucu substitui perfeitamente o bacalhau e como aquele tem particular sabor, vendem-no nas casas de secos e molhados e nas taver-

nas. Também é encontrado, com menos abundância, no Tocantins, onde tive ocasião de assistir à sua pesca.

O pirarucu (*Vastrix cuveiru*), rival do bacalhau, é um peixe pintado de manchas encarnadas – *pira* – peixe, *urucu* – vermelho.

O pescador mete-se na montaria, ou pequena canoa, e, quando só, rema na proa substituindo o companheiro pelo *jacumã*, remo que na ré substitui o leme. Evita fazer o menor rumor possível na água, para não assustar o peixe, e de pé, apenas o vê, atire-lhe a haste guarnecida com o *itapuá*, espécie de farpa, e larga a linha como se costuma fazer na pesca da baleia, ficando uma extremidade presa umas vezes no punho, outras na canoa.

É necessário toda a destreza na execução desta manobra.

Aviú é o nome que dão a um camarão muito miúdo, e que abunda extraordinariamente perto de Cameté. Os banhistas, às vezes, são vítimas deles, porque facilmente se lhes introduzem na uretra, sujeitando-os depois a dolorosas operações.

Para que se possa avaliar do quanto mal passa o povo nestas paragens, aí vai uma relação dos gêneros principais de que faz uso, considerando que o passadio não deixa de ser bastante mesquinho.

A alimentação consiste geralmente de peixe fresco, salgado e de salmoura, farinha de mandioca fabricada no Maranhão, calda de açai, carne de pato, marreco, jabuti e raramente de vaca.

O pirarucu ocupa sem dúvida o primeiro lugar na mesa do pobre, que o come de preferência assado e com farinha de mandioca.

A caça é rara.

Entre as frutas mais suportáveis de que fazem uso, temos: os bacuris, jenipapos, mangabas, cupus, cajú, cacau e muitas outras menos toleráveis. Destas frutas fazem doce que prima pela acidez.

A calda de açai, de que já tenho falado é usada diariamente nas casas de família, como o café no sul do Brasil.

O açai, bebida bastante quente e substancial apresenta uma cor escura, roxo-mesclada.

A calda de bacaba é clara e mais procurada pelos estrangeiros, porque a sua cor não provoca tanto a repugnância.



Casas sobre estacas

Entretanto, os naturais preferem a primeira.

Tanto uma cor como outra, só me parecem tragáveis, adicionando-lhes algumas colheres de açúcar.

O açazeiro *Enterpe oleracia* e a bacabeira *Aenocarpus bacaba* são duas espécies de palmeiras naturais desta região e nela mesma cultivadas. É das suas frutas maceradas que fazem as ditas bebidas.

Durante as horas de maior calor, usam também de uns refrescos a que erradamente dão o título de vinho de cacau e de cupu, fruta do cupuaçu “*deltonia lutea*” inferior àquela.

Nas ilhas de Tocantins não há criação de espécie alguma, fazendo-se, quando muito, uma exceção, relativa aos patos, que ninguém cria mas que se criam livremente.

As galinhas são raríssimas e vendidas por preços fabulosos, assim como a carne de vaca que regula 1\$200 réis o quilo e isto mesmo uma ou outra vez, quando algum negociante se resolve a mandar vir de Santarém ou da ilha de Marajó, algumas cabeças de gado, que é logo abatido por falta de pastos onde retê-lo. Isto em tempo de câmbio ao par. (Hoje o preço de cada quilo de carne é de 2\$500 rs.)

Nestas condições, a carne de vaca é sempre de má qualidade.

Assim pois, a vida nestas paragens apresenta-se sob comezinha forma deixando muito a desejar, apesar de tanta grandeza, e de tão ricos e apreciados elementos de prosperidade. Se este estado latente, se manifesta nas terras firmes e até mesmo nas ilhas como menosprezando as riquezas virgens é todavia nessas ilhas que existe alguma animação e o comércio tem aí os seus melhores representantes.

Não há lavoura nem indústria. Destes dois fatores do progresso e civilização, existem apenas indícios.

A alma enfim desta zona, são os seringais nativos e os cacaeiros existentes, últimos representantes de uma cultura antiquíssima e que tem dado fruto sucessivamente a várias gerações.

Os denodados servos da ciência que abordem às margens destes grandes rios e se atrevam a transpor os sombrios átrios das florestas virgens, internando-se por elas, terão ainda muito que devassar, após os lineamentos de um plano de estudos começado e não terminado.

A parte hidrográfica desta região oferece vasto campo de ação aos investigadores da ciência.

Sujeitos a inundações, os terrenos das ilhas na maior parte do ano apresentam particularidades notáveis.

Quantas vezes me foi dado encontrar nas minhas excursões, rio abaixo ou rio acima, baixos dos quais se levantavam ainda pequenas extensões de terreno, alguns palmos fora d'água, onde pareciam vegetar uns últimos arbustos que encobriam as ruínas de uma antiga choupana?

Eram ilhas que desapareciam com o tempo, nas degradações produzidas entre as águas.

Nas grandes ilhas habitadas do Tocantins cultivar uma horta, vê-la florescer e chegar a um período de desenvolvimento aproveitável, quase não passa de um mito.

Em certa ocasião, durante uma visita que fiz a casa do amável negociante Costeira, tive ensejo de apreciar uma pequena mas linda horta que o mesmo cultivava com o máximo cuidado, ao lado outras espécies floresciam ali brilhantemente.

Qual não foi o meu espanto quando voltamos lá quinze dias depois, não encontrei nem ervilhas, nem couves, nem horta, nem coisa semelhante?

A água, invadindo numa noite o terreno, dera cabo de tudo.

Todavia, é incrível a rapidez com que crescem as plantas nesta região. Em vez de couves havia arbustos de quase um metro de altura.

.....

Capítulo XX

A VIDA NO TOCANTINS



SÓ UM ANO de boa safra de cacau constitui uma felicidade para essa boa gente.

As colheitas dão-se de janeiro a junho, sendo as frutas apanhadas e transportadas em montarias (canoas) até as habitações onde se faz a separação da semente (amêndoa) que é seca ao sol.

As cascas do precioso fruto são aproveitadas na fabricação do chamado sabão de cacau, que não é ruim mas cujo processo muito deixa a desejar.

O cacauero (esterculiáceas) é um desses singulares arbustos que floresce em vários pontos da zona tórrida, mas cujos frutos não se desenvolvem pela mesma forma.

No Tocantins e terrenos alagadiços do Amazonas, o cacauero prospera brilhantemente, evitando aos horticultores amiudadas capinas ou contínuos cuidados.

Isto sucede sempre nas terras úmidas e pantanosas, onde a planta floresce como suas irmãs nativas.

Transportado o cacauero para outros pontos, é simplesmente um arbusto vistoso e de pouca valia.

Em minhas excursões pelos estados da Bahia e Espírito Santo, entendi-me muitas vezes com lavradores dos municípios de Itapemirim, Cachoeira, Alcobaça e Caravelas, os quais se mostravam evidentemente fatigados, pelas tentativas de que lançavam mão sem conseguirem êxito nas plantações. A planta cresce, prospera de maneira esplêndida, chega mesmo a florescer, mas a respeito de frutos só um ou outro conseguia vingar; e como o cacauero, plantas há que, transplantadas, fenecem sem descendência.

Entremos por um momento neste ligeiro raciocínio, e talvez que algum dos ilustres leitores, melhor que eu chegue a estabelecer o resultado.

Suponhamos que, em vista de fatos idênticos em outras plantas, a flor de cacauero é invadida por um inseto, que lhe extrai o néctar e lhe danifica os órgãos? Que fazer mesmo assim se o inseto, caso exista, é desconhecido?

Nas orquídeas, sucede que cada espécie tem a sua espécie de inseto para a transmissão do pólen.

A baunilha, que pertence a essa grande família, transplantada para a Europa em 1793 pelo jardineiro Miller, prosperou desde logo, mas para que as vagens chegassem a um desenvolvimento regular, tornou-se necessário, por não se ter operado a fecundação na flor, sujeitá-la a um processo magnífico, que é o de rasgar, com um instrumento pontudo, a delgada membrana.

Esta operação é, pois, de grande utilidade, e o que resta é saber se se torna ou não aplicável neste caso.

Todo o mundo sabe que uma planta, em geral, privada dos raios solares, apresenta as folhas amareladas e chega mesmo a encanecer, todavia o cacauero prospera, onde haja sombra e umidade.

Pois bem, transportem a planta, receba ela a sombra em que se abriga a sua folhagem, enterrem-na num tudo úmido e lamacento, cerquem-na de calor, receba a sua flor o pólen fecundo e então não mais talvez vê-la-emos fenecer sem descendência.

Na Bahia, a plantação do cacau é um fato consumado e ela se estende por quase todo o baixo vale do Jequitinhonha. As terras são ali vendidas a peso de ouro, e, fora da área que se adapta a tal cultura, perdem tanto de estima, quanto míngua o seu valor.

A borracha e o cacau em primeiro plano são os dois elementos da riqueza e prosperidade atual do baixo Tocantins.

Refiro-me a riquezas em geral, pois que pessoas verdadeiramente abastadas, dispendo de sólidos capitais, não existem.

A seringueira “sinfonia elástica” de que se extrai o cautchuc ou a borracha é uma árvore, como muitos já sabem, não só produtiva como vistosa.

A habitação em que pousamos essa noite, como todas as mais, é rodeada de espesso e frondoso arvoredo, entre o qual abundam magníficos representantes da nossa flora, sendo que muitas espécies ali nativas transportadas e replantadas na terra firme deixam de viver.

Enumerá-las e dar sobre elas desenvolvida notícia, não me é permitido, porque então esta minha obra perderia a feição que costumo dar a este gênero de publicações.

Em volta destas modestas vivendas há apenas alguns raros pés de arvores frutíferas cultivadas e isto mesmo ao abandono.

E neste meio em que a vida é fácil pode-se quase dizer que o direito de propriedade é um direito torto, porque ninguém tem direito a tal direito.

Uma falta é sempre suprida, reciprocamente. Assim um limoeiro por exemplo fornece não só limões àquele que o plantou como àqueles que nem o viram plantar.

Uma espécie de comunismo latente abraçado por todos, uma franqueza fruída em comum eis o que se nos depara.

Quereis, porém, saber por que isto se dá nesta região? Dá-se pela uberdade do seu solo, por que uma simples semente lançada ao acaso em qualquer canto consegue brotar; e do embrião a plantinha, crescendo rapidamente, transforma-se numa planta frondosíssima que vai dar sem custo milhões de frutos, que não têm dono, mas de que todos são donos.

No largo da Matriz no Baião, lembra-me perfeitamente de que havia uma vistosa pimenteira, que fornece pimentas a centenas de pessoas. É não são só os habitantes da povoação que as colhem, pois não. Vão ali buscá-las de bem longe.

Uma vez, estando eu de passagem num sítio distante do Baião três horas de viagem, lembra-me de ver a dona da casa recomendar cuidadosamente a um portador que seguia para aquela vila de que entre outras coisas não se esquecesse de levar-lhe um molho de pimentas da pimenteira do padre, como diziam por estar a mesma plantada nos lados da igreja matriz.

E por que não cultivava essa senhora perto de sua casa alguns arbustos dessa espécie?

Nem sei o que responder.

.....
No baixo Tocantins não há um só estabelecimento movido a vapor ou servido por máquinas; todo o serviço é braçal.

Todo o movimento se concentra de preferência neste extenso arquipélago que divide quase esta parte do baixo Tocantins em dois rios.

Os habitantes desta região em segundo lugar colhem também a fruta de andiroba de que fabricam azeite, a fruta de ucuúba de onde extrai magnífica cera, o coco de buriti, o marfim vegetal, a baunilha, o cumaru, óleos e resinas de várias plantas.

Não faltam, pois, elementos de riqueza e prosperidade ao baixo Tocantins, este majestoso rio, que, segundo Castelnau, banha uma das mais belas regiões do mundo, cuja largura média é de 1800 metros e a corrente de 1500 metros por hora.

Quando em viagem pelas terras goianas, mais tarde, tive ocasião de conhecer as suas vertentes próximas aos picos da Serra Dourada. Na nascente do Tocantins, matei a sede, mais de uma vez.

A bacia do Tocantins compreende o vasto território que se dilata do paralelo 1º ao 19º de latitude S., isto é, desde a foz do Pará até as mais remotas origens do Araguaia – o córrego das Duas Barras, que se despenha das abas setentrionais da serra oriental do Caiapo, que também conheço.

As múltiplas belezas desta região, a grandeza deste rio, a sublimidade de suas floresta, onde, como temos visto, se encontram numerosos produtos que têm enriquecido centenas de indivíduos, em suma os variados ramos de cultura, comércio e riqueza pública que provirão de um solo, em grande parte produtivo, mas inexplorado, e que se estende à distância de dezenas de léguas até tocar com territórios dos vizinhos estados, entre eles o de Goiás, finalmente, tudo quanto sabia ou adivinhava saber, deu origem a esta minha viagem, a cujo término ia chegando.

E, dirão muitos, que fui ainda uma vez singular na escolha de local para base das minhas descrições, deixando a pequena distância o gigante de todos os rios do mundo, o grande e soberbo Amazonas.

Todavia é bom lembrar que este último rio está mais que descrito relativamente, ao passo que sobre o baixo Tocantins pouco ou nada se tem dito.

O clima de Tocantins, assim como o de todo o vale amazônico, é quente, mas não impossível de ser suportado pelo europeu, como têm pretendido alguns, que de longe ajuizaram das condições que tal temperatura encerra a relação à vida.

Entre os que assim pensam, citarei o nome do ilustrado dr. Escragnolle Taunay, que afirmou uma vez no Senado brasileiro, de que não pode a existência humana desenvolver-se ali, o que é negado pelos fatos, no que diz respeito a estas paragens, de que trato, por que conheço.

Quem ali vive, ou tem vivido, sabe bem que é perfeitamente suportável a temperatura, quer seja o natural, que não conhecendo outros climas, razão não tem para estabelecer o confronto, quer seja o estrangeiro, ou habitante do sul e do norte da América, qualquer que lá penetre indo da zona temperada.

A meu ver, só bem avaliada e ajuizada é essa questão por quem já tenha, como disse, vivido pelo tempo necessário aí, a fim de experimentar tais condições.

Montesquieu é um daqueles que pensam deverem achar-se enervada as faculdades físicas e intelectuais do homem, quando sob a ação do sol equatorial, servindo-lhe de argumento o pouco desenvolvimento, na ordem física das populações do centro da África.

Julga ainda Montesquieu que na zona tórrida deve a humanidade sofrer de estupidez, ser incapaz de cultura intelectual e de acompanhar os mais povos nas conquistas brilhantes da civilização.

Pelo menos com relação ao baixo Tocantins, não passa de conjectura a impossibilidade de aclimação do estrangeiro.

Já é bem sofrível o número de portugueses e marroquinos que habitam o baixo Tocantins, onde vivem satisfeitos e entregues geralmente ao comércio. Nota-se também a existência nestas paragens, de indivíduos de outras nacionalidades e que vivem da mesma forma bem e cercados da felicidade que lhes proporciona o trabalho.

A intensidade do calor não parece ter embotado neles as faculdades de espírito, enervando-lhes as do corpo, cujos resultados funestos não se fariam esperar.

Um ilustre escritor cujas apreciações servem nesta página também de base às minhas e cuja opinião transcrevo disse que o esquimó, habitante da bacia polar, mal compreende como haja homens que possam viver nos países que não têm como o dele um dia de seis meses e uma noite igual e em casas que não sejam edificadas com o gelo.

Uma paradoxal verdade resulta de tudo isto. É que se a atmosfera é pesada, se suamos demasiadamente e se sentimos à primeira vista os efeitos do clima, a vida aqui no entanto é fácil, aprazível e amena.

.....

Capítulo XXI

UMA DESCOBERTA



SERIAM QUATRO horas de uma formosa manhã quando, para aproveitar a enchente, deixamos o nosso último pouso e nos pusemos ao largo.

Parece incrível a mudez com que se envolve a natureza nestes desertos de terra e águas.

Qual a hora de maior encanto para o viajante que não seja senão a do romper da aurora? O romper da aurora em pleno deserto, onde a solidão é vagamente quebrada pelos matutinos gorjeios da passarada e que produz no espírito dos poetas e pensadores impressões repletas de variados matizes.

Se gozar é viver, o viajar é saber.

Quem nasce numa grande cidade e nunca dela se apartou durante algum tempo e aí tem o túmulo, não viveu. Assim é que a maioria dos habitantes de Londres ignora o que sejam as delícias do campo.

Ver é conhecer com os próprios olhos, ler é aprender, base de uma certa definição sem mostras de real conhecimento.

Neste momento o quadro que se nos descortinava tinha dois tons – beleza e solidão.

Apenas uma ou outra garça volteava sobre os ares, cortado também de tempo em tempo por algum bando de ciganos, pássaros de plumagem escura e que deixam o ar impregnado pelo cantiguento fétido que exalam.

Triste seria para mim, afeito a tudo que é vida e movimento, esta e outras digressões se não fossem os constantes golpes de vista que via dilatarem-se em minha frente. Às vezes ao tomar um atalho “furo” pelo meio daquelas numerosas ilhas, a canoa deslizava mansamente, quase levada pela corrente.

As horas passavam e na vastidão das águas tive ocasião de notar que alguns mururés e farilhões flutuantes desciam com a correnteza. São pedaços de terra, troncos e raízes de árvores, ramos e folhas que, aglomerando-se, formam volumes isolados e se desprendem com as cheias, desligando-se sobre as águas até se sumirem no oceano.

Chegou o momento da enchente ao aproximar-se o meio do dia, a hora própria para a sesta e o descanso do costume.

Os canoeiros são muito bons, amigos de servir, afeitos aos contratemplos e tudo suportam com uma única exceção e essa é tradicional – não remam contra a maré como dizem.

Remar contra a maré é para eles o maior de todos os contratemplos e quem intencionalmente os quiser induzir a fazê-lo espere e verá. Fogem e não voltam ao serviço.

Mandu conseguiria, a meu mandado, arranjar novos remeiros, de maneira que agora tudo corria às mil maravilhas.

Entramos no igarapé. Era a hora como dissemos da sesta e também do banho e da refeição.

Mais uma vez tive ensejo de apreciar as doçuras do igarapé.

Daquele conjunto de elementos, do solo úmido turfoso, da matéria orgânica apodrecida pela ação da água, despendia-se uma exalação miasmática, que se ia unir mistosamente ao perfume agreste e suave, que envolve as copas dos arvoredos.

Através do silêncio, que envolvia a natureza, distinguia-se contudo um como rumor confuso, frenético, extasiante produzido pelo roçar amoroso das árvores umas nas outras, comprimindo-se, estalando-se entre

o ruído fervilhante da folhagem, dos ramos pesados, que chegam a beijar o lume d'água em uma dança contínua.

E pelas frinchas formadas entre essa massa densa das folhagens, penetravam estilhaços de luz que se iam cravar na água, na lama e no lodo ou nos troncos bolorentos e cediços das plantas.

E a passarada a esvoaçar à sombra dos seringais, saltando de galho em galho, de haste em haste, parecia acompanhar vivamente o alvoroço da flora.

Depois de ligeira refeição armei a rede e entreguei-me como de costume, às delícias de Morfeu.

Era a hora da sesta, coisa na verdade obrigatória a todo aquele que se acha sob ação deste clima.

Mandu, que havia partido por terra em pequena excursão, voltou, quando já me achava em pleno sono e noticiando-me que descobrira pouco além dois jacarés.

Saltando da rede, apanhei a minha arma e segui até que, aproximando-me de uma angra, divisei na verdade dois representantes da família *aligator* da espécie *jacaré-cetinga* em repouso sobre a lama, com as bocas abertas.

Apontando a arma fiz fogo, matando um dos anfíbios, que arastamos até ao sítio onde tínhamos estabelecido o nosso pouso.

Entretido, deixara assim passar os momentos de descanso, e à hora marcada por Mandu partimos novamente. Íamos pousar desta vez em terra firme, na casa dum sujeito com quem me encontrara uma vez durante estas excursões.

Lá chegamos antes do anoitecer, saltamos em terra e aceitando a fineza com que logo me quis aquele senhor obsequiar, tomei *açaí*, voltando depois para o ar livre, a fim de gozar da fresca da tarde.

Era esta uma habitação como as outras que já conhecemos, com a única diferença, que estava assente sobre o solo, também um pouco úmido, apesar de pisarmos terra firme, a uns seis metros sobre o nível do rio.

Em volta desta vivenda, notei que grande imundice invadia todos os cantos, onde restos de insetos abundavam e neles haviam nascido

e se multiplicado varejas e outros insetos, como se via pelos pontos ocios e vazios das suas crisálidas.

Para outro mais dado à inércia, estas últimas horas do dia corriam descuidosamente, mas eu, que me prezo de diligente, encontrei logo um valioso motivo de distração e de estudo.

Perto de alguns açazeiros e num sítio disfarçadamente elevado, vegeta um arbusto à primeira vista sem valor, e cujo cultivo acabou por chamar-me a atenção.

Que nome tinha, qual o proveito que de sua cultura podia advir foram coisas que logo tratei de indagar.

Com grande satisfação ouvi citar o nome do dito vegetal, denominado *ipadu* e que havia tempo almejava conhecer.

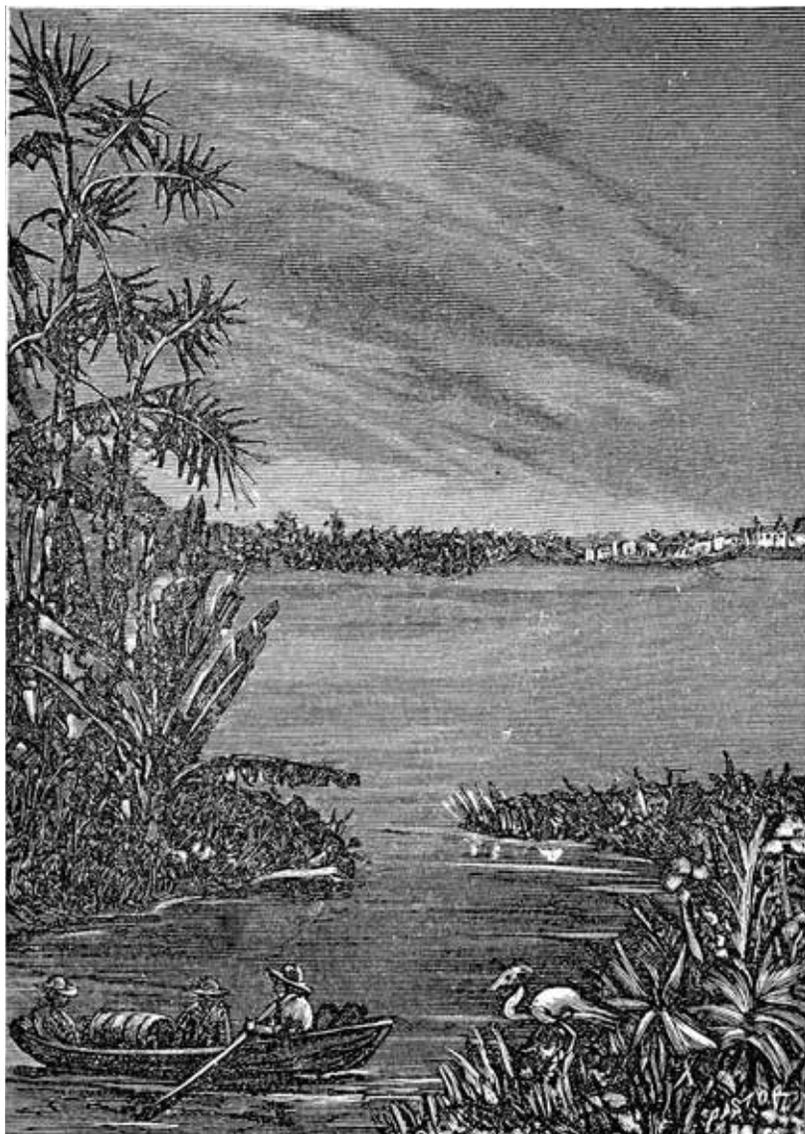
As propriedades narcóticas desta planta sobre a qual tinha já algumas informações, o tamanho do arbusto e o uso que das folhas reduzidas a pó faziam os índios nas suas longas viagens, acreditando que os alimenta, porque lhes tira o apetite reduzindo o estomago a estado de inércia; tudo isto dava lugar a crer que se tratava de uma espécie ainda não estudada no Brasil, semelhante à coca já conhecida no Peru.

Assim resolvi informar mais tarde o ministro da Agricultura da minha descoberta e tão acertados foram os passos dados, que cumpridas pelo então presidente do Pará as ordens daquele ministro, verificou-se depois de demorado estudo e minucioso exame que o *ipadu* é nada mais nem menos que a própria coca do Peru, *Erythroxillon coca* cujas folhas mastigadas anestesiam a mucosa do estomago, sustendo as forças de quem delas usa.

Em todo o baixo Tocantins é este vegetal cultivado pelos habitantes, que dele usam abusivamente. Segundo ouvi afirmar, esta planta existe no Amazonas, em estado selvagem.

O meu finado amigo dr. Ladislau Neto, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, chegou a aconselhar o cultivo deste vegetal, nas cordilheiras dos Órgãos e Mantiqueira, antevendo ótimos resultados, desde que fossem estabelecidos, nos centros de cultura, laboratórios destinados à preparação do respectivo alcalóide.

A aclimação deste vegetal nestas paragens, caso se chegasse a dar, seria uma nova fonte de riqueza para o país.



Avistando Cametá

Tal arbusto, que nos parece de imenso valor para a humanidade, generalizadas entre os povos cultos as suas maravilhosas qualidades, merece que lhe consagremos mais algumas linhas.

Existindo o ipadu em estado silvestre no vale do Amazonas, bem longe estavam os viajantes de suspeitar das suas preciosas propriedades.

Esta planta conhecida no Peru, de há muito servia de monopólio aos incas que distribuíam as suas folhas à nobreza e aos reis estrangeiros. Consideravam-na sagrada, acreditando-a patrimônio dos sacerdotes do Sol.

A superstição pública transformou-a em símbolo da divindade.

Os espanhóis chegaram a confiscar a cultura da coca, popularismo o consumo entre as classes pobres e entre os mineiros.

Acabamos finalmente por compreender o imenso proveito que tira a gente pobre do baixo Tocantins do cultivo desta planta, principalmente quando mais falta sofre de gêneros alimentícios importados.

Deveras deve ser excelentemente econômico um almoço ou um jantar de folhas de ipadu. E o caso é que se mascarmos algumas, como mais tarde tivemos ensejo de experimentar, nos sentiremos tão bem dispostos como se nos tivéssemos levantado da mesa, depois de termos ingerido certa quantidade de elementos tónicos e bebido alguns cálices de vinho do Porto.

M. Gosse, naturalista genebrês, informa-nos de que os índios dos Andes e da Bolívia passam, graças à coca, dias inteiros sem comer e sem dormir; que durante algumas semanas percorrem rapidamente centenas de léguas, nutrindo-se apenas com alimentos vegetais, sem sofrerem de cansaço, nem de frio glacial, nem da intempérie das estações.

A existência desta planta faz-nos crer que em um reduzido volume se contém grande quantidade de elementos nutritivos.

.....

Em virtude da demora que tivemos nesse último pouso, só podemos partir no dia seguinte dali com a segunda vazante.

Em todo o caso corria esplêndida a viagem.

O barco “rodava de borbulho” e os remeiros, adormecidos, estendiam-se de borco sobre as bagagens. Apenas Mandu velava ao leme, dirigindo a embarcação.

Eu, sob a tolda, livre dos raios solares, entregava-me à leitura, devorando com a vista algumas páginas de um volume científico de Luís Figuiet, sem me dar cuidado um jacaré vivo que convenientemente amarrado e preso permanecia sob o estivado de popa.

O dia estava bastante quente e por esse motivo não é de costume viajar-se a tais horas, tornando-se a viagem horrível e causando-me um mal-estar enfadonho. Mais uma vez assim exposto aos rigores do sol e protegido apenas pela tolda do barco me certifiquei de que a temperatura é suportável e que se não morre de insolação, a não ser por gosto e falta de cuidado.

A verdade é que na parte mais baixa do Tocantins, não se eleva a este clima, disse ainda o mesmo autor *is ever unwil ling to give it up for a maré bracing one!* (J. Orton, *The Andes and the Amazon*, pág. 286).

Às quatro horas da tarde Mandu anunciou-me que dentro em pouco avistaríamos Cametá.

Neste momento, um bando de palmípedes passava sobre nossas cabeças, atroando o espaço com os seus gritos, e despertando os remeiros que, antevendo o próximo termo da viagem, lançaram novamente mãos aos remos, enfiando-os nos toletes.

O barco, veloz como uma seta, rompia as águas, deixando à superfície uma esteira de espuma alvadia e brilhante.

De repente o espaço enfarruscou-se, e uma borrasca se fez anunciar nas horas finais da nossa viagem.

A chuva não tardou a cair copiosamente, e, na impossibilidade de alcançarmos a margem esquerda, a tempo de evitar-se uma catástrofe, procuramos dirigir a embarcação novamente para as ilhas, continuando no entanto a descer o rio debaixo de medonho temporal.

A obscuridade era completa e as vagas elevam-se como no oceano, de maneira que se tornou difícil a direção do nosso barco mais arrasado pela força da água.

Um raio caiu a pouca distância de nós, produzindo enorme estrondo e logo depois a chuva caía em grande quantidade, causando-nos não pequenos prejuízos.

As roupas e bagagens ficaram ensopados e algumas coleções arruinadas, o que me causou profundo desgosto.

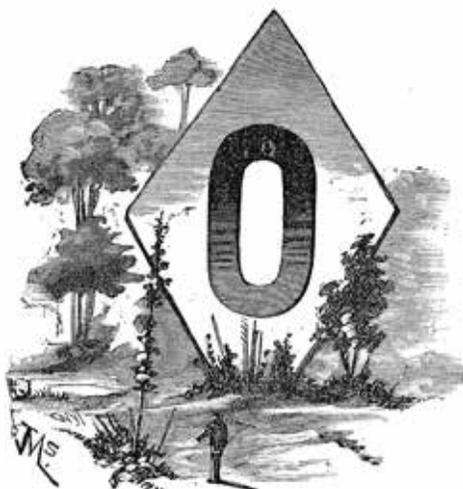
Depois duma luta viva em que nos vimos empenhados contra os rigores do tempo, alcançamos um furo, onde nos demoramos algum tempo à espera que a tempestade amainasse, o que não tardou em suceder.

Finalmente, continuamos a viagem dentro em pouco e, ao sairmos dum igarapé, avistamos Cametá a duas léguas de distância. Ao anoitecer saltávamos em terra.

.....

Capítulo XXII

ÚLTIMOS DIAS EM CAMETÁ



O ASPECTO que apresentava agora Cametá era magnífico.

Por todos os lados, vida e movimento, devido à alta no preço da borracha e principalmente à safra do cacau que corria abundante.

Negociantes, que, há dois anos a esta parte, jaziam prostrados por inúmeras dificuldades comerciais, tinham então em face uma época de salvação de lucros e recompensas.

Diariamente numerosos botes e montarias ali aportavam, transportando centenas de sacos com cacau e volumosos fardos de borracha.

Maiores números de vapores subiam e desciam o rio despertando a monotonia daquelas paragens.

As ruas de Cametá, meses antes solitárias e sombrias, enchiam-se de vida e animação e alguns prédios novos estavam a construir-se.

No meio daquela gente estranha provinda de vários pontos do Tocantins, destacava-se um ou outro tipo verdadeiramente sertanejo do alto do rio, cujas vestes de couro, enlameado e sujo pelo pó das estradas, nos fazia recordar o tropeiro goiano.

E com efeito eram estes indivíduos em sua maioria goianos, embora em Cametá os chamem baianos ou mineiros, os quais por sua vez chamem parazeiros aos paraenses.

São habitantes do Alto Tocantins e Araguaia, e vinham ao Pará efetuar a troca de couros e fumo por sal que conduzem em grandes ubás.

Neste rebuliço comercial em que se afogava Cametá, tudo era lembrado, e uma onda de animação envolvia as próprias artes no estado ainda embrionário em que ali jazem.

Até as letras eram lembradas. Alguns moços, agrupando-se em busca de luz, tratavam de festejar a inauguração de um gabinete literário, ideia que vimos coroada de êxito.

O ato de instalação devia celebrar-se numa das salas da casa em que residia o professor público, sob a presidência de um dos seus fundadores.

Obrigado o meu comparecimento em consequência dos convites que recebera e ainda mias por estar o meu fraco nome no número dos oradores inscritos, para lá me dirigi na noite marcada.

Bem iluminados e preparados, os salões regurgitavam de convidados e numerosas famílias foram ocupando lugar na sala em que devia realizar-se a primeira sessão do clube literário Marquês de Santa Cruz.

Cametá em peso ali se achava e poucos, bem poucos, foram os que por força maior deixaram de tomar parte em tão saudosa festa.

À direita de um estrado, sobre o qual se erguia a cadeira presidencial, havia uma tribuna preparada adrede e que ia ser ocupada em ordem pelos oradores.

À vista de todos e sobre a mesa presidencial, destacava-se na parede, entre alegorias, o retrato do falecido Marquês de Santa Cruz, em cuja memória tinha lugar esta festa, como um tributo às letras pátrias.

Às 8 ½ horas depois do discurso de instalação proferido brilhantemente pelo dr. João de Siqueira Mendes, presidente do Clube seguiram-se com a palavra os oradores inscritos.

Se quisesse aqui expender-me a tal respeito ou mostrar qual mais brilhou, seria talvez tachado de injusto, pois que todos se esforçaram por corresponder à expectativa geral.

Não me posso, porém furtar ao desejo de apontar aqui o nome do jovem E. Martins, filho do professor público, cuja inteligência brilhante se manifestou em magnífico floreado e num discurso em que se exprimiu com uma calma não vulgar em moços de sua idade.

Um coração terno, apaixonado de rapaz cheio de crenças e sonhos, ouvimo-lo com silenciosa atenção discorrer sobre os moldes da virtude feminina.

O seu sistema de dicção era tão doce e suave que, apesar de traí-lo a voz fraca e débil, chegava ternamente a enlevar todos os ouvintes.

Naquelas frases repassadas de melodia brotava a expressão sincera sobre as virtudes que engrinaldam a personalidade feminina.

E ele, o jovem crente, assimilava-se, a seu modo, ao poeta triste em excursões pelas campinas, procurando colher, dentre tantas, a flor por que sente mais viva predileção, depois de cantá-la com rigor, inspirado pelo seu viço e frescura.

Naquele salão, onde reinava profundo silêncio, havia também flores; quem nos diz, pois, que este mancebo teria talvez ali a rosa da sua predileção?!

Depois que um gentil menino recitara uma poesia de Castro Alves, foi-nos dada a palavra.

Recebendo de surpresa o convite para aquela festa, pois que havia apenas três dias voltara a Cameté, não tivera tempo de fazer estudos e reflexões sobre o tema que de momento adotara.

Tratava-se da fundação de um clube literário; portanto, qualquer ponto científico era o bastante, para, tentando defini-lo, exprimir-me sob minhas forças e muito principalmente sob minha opinião.

“A educação da mulher a par da mais pura religião” foi o ponto que escolhi despertando um acolhimento que sempre esperei de tão seletivo auditório, mas de que me considero fraco merecedor.

Sei perfeitamente que a franca manifestação de pensamento desperta opiniões e produz, em conjunto, afeiçoados e desafeiçoados.

Sou daqueles que preferem afrontar as consequências desferidas pela crítica, do que ditá-la a encoberto. Os fins benéficos que dela devem provir, solidificar-se-ão melhor, muito melhor, em face do original que a produz.

Se o nosso mérito é mesquinho e diminuto para fazer realçar o seu valor, a nossa obra foi produzida em céu aberto sem as cores anônimas do costume, que a empanam.

Outros mais abalizados, se assim o entenderem, estender-lhe-ão as mãos, dando-lhe apoio e incremento.

Tudo o que é anônimo nas letras e ciências é produto do medo e da falta de confiança, de que o autor se sente eivado.

Assim me foi dada ocasião de tratar da educação da mulher, porque para ela devem convergir as vistas de todos os bons patriotas.

É fato sabido e notório que, com raras exceções, a mulher no Brasil recebe uma educação rudimentar e quase sempre demais limitada, representando um papel secundário quando a sua inteligência lhe dá direito a vastas aspirações, impelindo-a baldadamente a grandes cometimentos. Não podem, porém, atingir o ponto a que se destinam pelos estultos preconceitos que ainda predominam nos nossos meios hipócritas e que conseguem com o aplauso de muitos estorvar-lhe os passos.

A nossa sociedade é verdadeiramente estúpida; vivemos cercados de um romantiscismo impressionável, num todo falso e deleitável ao mesmo tempo.

Uma jovem molda o seu procedimento, pelas obras românticas que lê e lhe abrasam a imaginação, sem lembrar-se de que cai assim num mundo fictício e que se trai a si própria.

Depois os males advindos do donjuanismo introduzido na própria sociedade.

Quantas vezes vemos, na rua, nas janelas, nas reuniões, nos passeios e nos teatros, um rapaz com pretensões a galanteador e uma moça com desejos de ser amada ou ter um namorado, porque isso é moda, entregarem-se a idílios estapafúrdios, em que se descobrem gestos tolos, frases apatetadas, passagens ridículas tudo originado pelo romanticismo?

E uma moça casa porque julga amar o noivo e ser amada simplesmente! Casa com ele porque é um rapaz bem falador mas que só diz tolices, que veste bem mas nada possui, nem profissão, nem saber, nem meios que lhe garantam o futuro da família e daí surge a hora do desengano quase sempre tarde.

Uma mulher enfim, logo que nasce, encontra o berço alcatifado de flores e teteis; cresce, ainda menina chamam-lhe bonita por galanteio, continua a crescer, mira-se ao espelho a toda a hora e a todo o instante, certa de que na realidade é bonita e não lhe faltarão adoradores; esquece o estudo, deixa as costuras a um canto e vai para a janela namorar. A mucama, tipo de perdição que invade as casas de família, é quem a ajuda e lhe facilita os meios de corresponder-se com os namorados, uns toleirões que vivem nas esquinas e que lhes escrevem cartinhas repletas de asneiras e sandices.

Uma mulher enfim, o que quer é casar; mas a um homem é forçoso meditar e sobretudo estudar aquela que vai merecer os seus cuidados para então contrair a união sem receio de arrepende-se.

A paixão pode tanto levar o homem a unir-se com uma mulher, como esse sentimento transformado em ódio o pode fazer sob a obediência de um capricho.

Instalado finalmente o clube literário Marquês de Santa Cruz sob os melhores auspícios, terminou a festa animado sarau dançante, que se prolongou até o romper do dia.

Após o exercício intelectual o exercício higiênico é com certeza salutar e agradável. Prefiro no entanto o primeiro, mormente sob mais útil ponto de vista.

Sempre dancei e nunca fui amigo das danças.

Isto de danças
Só a crianças,
Pode agradar.

Um mês depois de pequenas e novas excursões por vários pontos do Tocantins, preparava-me para deixar a princesa dessas paragens – Cametá.

Dessejando tornar patentes a alguns amigos as saudades futuras de que me sentia possuído ao deixar aquela terra, oferecia-lhes na véspera da partida um modesto banquete que foi servido no salão principal do hotel Tocantins.

Colocado em rigor à cabeceira da mesa, tive o prazer de ver-me ao lado de um pequeno mas escolhido número de cavalheiros, alguns dos quais ergueram brindes animando o festim. Aristides de Moraes, Temístocles de Figueiredo, promotor público, redator da *Reação*, Henrique Wanzeller, etc.

Este último é infelizmente já falecido.

A todos me mostrei penhorado, tentando por minha vez agradecer-lhes as atenções de que era alvo e fazendo votos pelas prosperidade daquele abençoado e rico torrão.

Na mesma sala, que se achava regularmente adornada e iluminada, fez-se ouvir uma das corporações musicais, dando assim maior realce àquela pequena festa.

.....

Capítulo XXIII

DE VOLTA AO PARÁ

(CONCLUSÃO)



SÓ NO DIA imediato deixava Cameté partindo a bordo do vapor *Trombeta* com destino à capital paraense.

Ao romper da manhã seguinte contemplava extasiado sobre o parapeito de popa as belezas que se iam descortinados, segundo a marcha lenta e pesada do vapor.

Chegamos à denominada foz do Tocantins.

À esquerda o canal da Tajipurú, Marajó e inúmeras ilhotas recortadas de confuso emaranhamento por sinuosos esteiros, braços e igarapés que se ocultam à sombra de lindíssimos palmeirais, como se vegetassem à superfície das águas.

Pela proa a grande distância, ainda singrado-as, aproximava-se veloz vapor que não tardei a conhecer ser um dos paquetes da Amazona's Steam Comp.

De seu bordo dirigiram-nos acenos com os lenços.

Ao longe avistam-se florestas inundadas, cujos terrenos, como temos visto, são sujeitos à influência das mares.

Sempre a mesma confusão de elementos e a cor esverdeada dos açaizeiros e miritis, mais ou menos carregada, em grupos ou em filas tintas pela luz do sol.

Ao longe o horizonte envolto por uma meia auréola de espuma luminosa e brilhante, lembrando-nos o oceano, de que nos vamos aproximando.

E o azul da imensidade salpicado de nuvens tênues, esgarçadas num céu repleto de fogo e de luz.

O vapor continuava a singrar as águas e eu sempre no meu posto de observação inclinado à sombra do toldo, no parapeito de popa, deixava o meu pensamento fixar-se nos segredos da natureza.

Realmente alguma coisa de maior importância chegou mais uma vez a prender-me a atenção. Em todas as geografias, em todas as obras dos mais afamados geógrafos eu aprendera que o Tocantins é simples tributário do Amazonas; todavia agora estava convencido do contrário.

Posso afirmar que antes o Amazonas é que poderia ser citado como tributário do Tocantins.

Mais uma vez me convenci de que nada há como ver e conhecer.

As águas do Tocantins correm independentes pela orla meridional de Marajó, ao passo que as do Amazonas banham a orla setentrional do mesmo arquipélago sem que entre elas se estabeleça a mesma confusão. Pelos canais de Tajipuru e Breves, o Amazonas é que envia uma pequena parte de suas águas que se unem às do Tocantins nas baías de Melgaço e de Breves.

Os leitos dos dois grandes rios estão à distância de quarenta léguas um do outro. Completa a separação o arquipélago de Marajó, que veda a permissão de ambas as águas.

Finalmente a mistura delas só tem lugar com as do oceano.

Paraenses ilustres são desta opinião que adoto e bom seria que os senhores hidrógrafos lançassem uma vista dos olhos sobre as posições destes rios.

Acerca de Marajó, tenho a informar os leitores que longe de ser uma ilha, como quase todas as geografias afirmam, é simplesmente um dos maiores arquipélagos do globo. Conta cerca de duas mil e tantas ilhas

separadas por canais e formando um conjunto isolado completamente da terra firme, pelo canal do Tajipurú e pelos dois grandes rios.

Na maior destas ilhas há campos vastíssimos onde se cria gado bovino e cavalar. Este último tem desaparecido nos últimos anos.

As marés dos plenilunios chegam a cobrir quase todos os pontos e fazendo-se um estudo sobre a natureza destes terrenos, ver-se-á que ainda estas ilhas estão no seu período de formação.

É até crível que séculos atrás ali existisse apenas uma grande praia sobre a qual fossem parar lias e sedimentos levados pelas mares e pelas águas dos dois rios originando a sua forma e volume. (*V. O Amazonas*).

Isto assim se afigura pela existência de outras pequenas ilhas que se vão formando em volta do mesmo arquipélago.

O calor ali, apesar de excessivo pela situação equatorial, é mitigado no entanto pelas brisas marítimas.

.....

O vapor acabara de passar a pequena distância de duas ilhas quando notei que ligeira sombra roçava a superfície das águas. Levantei o olhar e vi uma garça de asas pandas, librandose suavemente, cortava o espaço, vindo passar a pequena distância da mastreação do vapor.

Logo depois ouvi uma voz que me chamava. Era a de um companheiro de viagem que me anunciava estar o Pará à vista. Debruçada a cidade sobre as águas da formosa baía de Guajará, ela se distinguia perfeitamente à distância de poucos quilômetros.

Dentro em uma hora pesávamos terra.

Estavam terminadas as minhas excursões pelo Tocantins.

FIM

.....

Vocabulário

ÍNDIOS APINAJÉS – RIO TOCANTINS

| | |
|------------------------------------|--|
| <i>Abesdin</i> – Bom | <i>Cuâpai-congrangran</i> – Branco |
| <i>Acuca eu</i> – Abraçar | <i>Cuâpai-tigré</i> – Negro |
| <i>Aga-to</i> – Fazer cozer | <i>Cupipi</i> – Esteira |
| <i>Agunto</i> – Fugir | |
| <i>Amanpa</i> – Temor, medo. | <i>Cutai</i> – Arco |
| <i>Anibobuita</i> – Espelho | <i>Cuti</i> – Espingarda |
| <i>Ancro</i> – Porco | <i>Cuvejaué</i> – Ninho de ave |
| | <i>Cuverai</i> – Passarinho |
| <i>Baati</i> – Bonito | <i>Cuveê</i> – Fogo |
| <i>Bréy</i> – Carne | |
| <i>Bruaman</i> – Caçar | <i>Dejuá</i> – Dentes |
| <i>Budivrên</i> – Lua | <i>Deipencaitu</i> – Mulher velha |
| <i>Buré</i> – Sol | |
| <i>Buruá</i> – Lua | <i>Enchepé</i> – Morcego |
| | |
| <i>Cancané</i> – Preguiçoso | <i>Gno-cran</i> – Fronte |
| <i>Capato</i> – Campo | <i>Gnotu</i> – Língua |
| <i>Capran</i> – Trtaruga | <i>Guncra</i> – Mão |
| <i>Cli</i> – Aldeia | <i>Gnu-cram</i> – Dedo |
| <i>Craicô</i> – Lagarta, gafanhoto | |
| <i>Cramatu</i> – Amigo | <i>Iama</i> – Barba |
| <i>Cricaã</i> – Casa | <i>Icoia</i> – <i>cai-i-cotucu</i> – Cores |
| <i>Cruá</i> – Flecha | <i>Icra</i> – Filho |
| <i>Cuari</i> – Não | <i>Icraí</i> – Casa |
| <i>Cucrumunhaem</i> – Machado | <i>Imbo</i> – Cervo |
| <i>Cucuvu</i> – Fogo | <i>Impô</i> – Logo |

Impudu – Garganta
Inco – Água (rio pequeno)
Inta – Chuva
Intu – Olho
Iprié – Homem
Ipriré – Criança
Ipron – Mulher
Iscran – Cabeça
Ismanigaca – Triste
Istêpa – Braço
Itai – Perna
Itã – Tolo – coração
Itiqui – Cabelo
Itipari – Pé
Ituc – Farinha

Kancô-chei-ti – Aguardente
Kanô – Cobra
Kamapêtoié – Escravo
Kambeo – Sangue
Kampato – Noite
Kateroni – Paina
Katoa – Sol
Kené – Pedra
Keni-crã-manga-ti – Serra
Kocreiuti – Anta
Kokni – Macaco
Kreú – Frio
Kreinu – Caminho

Main-créré – Cnatar, dançar
Moeri – Frio

Megaperei – Falar
Megupi – Matar
Menteia – Mulher
Meteretelai – Febre
Mi – Jacaré

Nampura – Chorar
Natai-kini – Estar alegre
Ninlku – Nariz
Noatê – Relâmpago

Ogopreiu – Pena
Ogorati – Pássaro grande
Okeilein-têchira – Pescar
Onchê – cauco – Leite
Ontui – Mau
Omturais – Feio
Oujacuro – Espingarda
Oiapo – Faca
Oien – Doente

Pâ – Bosque, Mato
Pagu-crai – Comer
Pai – Chefe
Paicon – Água
Paidci-supari – Cascavel
Pamoru – Dormir
Pamro-nimu – Nadar
Penié – Assentar-se
Papai – Homem
Parirati – Canoa grande
Pari – Canoa

Paricreré – Canoa pequena
Patecrau-morú – Mergulhar
Patonca – Ferir
Pêca – Terra
Peti – Belo
Pi – Árvore
Pliê – Estrela
Prã-mau – Fome
Preti – Sapo
Promangati-ré – Correr
Punturim – Mau

Robo – Cachorro
Robocrori – Onça, tigre

Ropatik – Onça escura
Ropari – Coqueiro
Roti – Cobra sucuri
Ru-cranati – Arma de guerra

Tagor – Calor
Tamã – Sim
Tebai – Peixe
Tereu-ti – Bananas
Tono-ti – Tatu

Vacon – Cutia
Vaenga – Diabo
Vasemai-aprana – Deus

.....

Notas

Como se vê deste pequeno vocabulário os apinajés usam de mais de um termo para denominar o mesmo objeto, o que não é para admirar quando se sabe que muitos deles viveram ou têm vivido isolados dos seus, fora de suas aldeias e muitas vezes em contato com outros indígenas que habitam as margens do Tocantins e Araguaia.

Muitas vezes em certas palavras não há mais do que o efeito da pronuncia, como em Pi – árvore, que alguns dizem Pry ou Pri.

A sua aritmética é das mais elementares. Só conhecem a numeração até quatro. Acima dizem em lugar de cinco – quatro e um; em lugar de seis – quatro e dois, etc.

Puchi – Um. At-crudi – Dois. At-crud-pshi – Três. Aguta-acruda – Quatro.

Como em quase todas as línguas selvagens e compostas de onomatopeias a pronuncia é muitas vezes aspiradas.

Consignando também alguns termos novos que não podiam outrora existir entre os antigos apinajés, é para notar que usam de certa facilidade, quando querem dar nome a um objeto para eles antes desconhecido completamente, a terem de recorrer a qualquer outra língua, o que em todo o caso também sucede.

Infelizmente o vocabulário que aí fica é muito pobre de termos novos e para tal deficiência concorreu um desastre sucedido durante a via-

gem em que perdi não só um caderno de notas e apontamentos, como objetos de não menor importância. Perdendo com isto muito a parte científica da obra, não o perdeu porém a parte descritiva e talvez interessante, porque para isso encontrei fácil substituição na língua geral, de uma ou outra frase, na troca dos versos e cantos, que bem podem dar uma ideia como cultivam as musas alguns dos naturais do Brasil.

.....

Erratas

Pág. 29: onde diz – “concentrada” – deve ler-se – “reconcentrada”.

” 54: onde diz – “um luz” – deve ler-se – “uma luz”.

” 68: onde diz – “as matas” – deve ler-se – “das matas”.

” 83: onde diz – “Steam Marajó” – deve ler-se – “Steam e Marajó”.

” 168: onde diz – “deste rio do Pará, etc., etc.” – deve ler-se – “deste rio, do Pará até perto da aldeia dos índios Anambés, até cheio etc”.

” 180: onde diz – “das manhã” – deve ler-se – “da manhã”. O próprio leitor fará as outras emendas.

.....
Índice onomástico

A

ALEXANDRE – Ver CASTRO, Alexandre de
AIGARA TAM – 101, 102, 103, 105, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 149
ARFET – 148

B

BAGGI (Dr.) – 113
BALÃO, Antônio – 76
BARBOSA RODRIGUES – 132, 133
BELO (Dr.) – Ver. FERNANDES BELO
BERNARD, Claude – 140

C

CARARAI – 121, 122, 124, 128, 135
CASTELNAU – 16, 29, 133, 166
CASTRO ALVES – 179
CASTRO, Alexandre de – 42, 52, 60, 61
CHATEAUBRIAND – 153
COLOMBO, Cristóvão – 64
CORTEZ – 131
COSTEIRA, J. (negociante) – 74, 162
CREÓN, Filo (Dr.) – 74

D

DARWIN – 136

E

EHRENREICH, Paulo (Dr.) – 133
ESCAGNOLLE TAUNAY (Dr.) – 167

F

FELICIANO, José (Dr.) – 95
FERNANDES BELO (Dr.) – 42, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 76
FERNANDES, Miguel (padre) – 54, 55
FIGUEIREDO, Temístocles de (promotor público) – 182
FIGUIER, Luís – 175
FLAMMARION, Camilo – 137, 140
FRANCO, Joaquim Sousa – 59

G

GILBERT (poeta) – 137
GODINHO, Agostinho – 73
GOSSE, M. (naturalista) – 174
GUTTIERREZ, M. – 139
GUTTIERREZ, Ricardo (Dr.) – 139

H

HAECKEL – 133
HERÓDOTO – 155
HUMBOLDT – 142

I

IAUAI – 102, 103, 104, 108, 110, 113, 114, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 127
ICARÉ, Francisco – 149

J

JEREZ (visconde de) – 31, 42
JOSÉ PAULINO – Ver MARTINS, José Paulino

K

KARA-INCA-MANCO-CAPAC – Ver
MANCO-CAPAC

L

LAGO (Dr.) – 95
LEAL, Frederico – 74
LEITÃO, Carlos (coronel) – 42
LOPES MENDES – 18

M

MACHIN, Roberto – 148
MAMAM OELO – 131
MANCO-CAPAC – 131
MANDU (indiano) – 85, 88, 97, 98, 99,
100, 101, 103, 104, 106, 108, 109,
111, 115, 117, 119, 121, 123, 127,
128, 141, 143, 144, 147, 149, 170,
171, 175
MARÇANO – 142
MARTINS, E. – 179
MARTINS, José Paulino – 42, 43, 45,
50, 52, 59
MENDES, João de Sequeira (Dr.) – 178
MIGUEL (padre) – Ver FERNANDES,
Miguel
MILLER (jardineiro) – 164
MONTESQUIEU – 167
MORAIS, Aristides de – 182
MOREIRA PINTO (Dr.) – 16
MOREIRA, Jacinto (capitão) – 42, 45,
46, 49
MUNTZ – 142

N

NASCIMENTO – 79
NETO, Ladislau (Dr.) – 172
NEVES (sinhô) – 43, 45

O

ORELANA – 132
ORTIGÃO, R. – 17
ORTON, J. – 175

P

PARSONDAS DE CARVALHO – 85
PASTANA (padre) – 59
PENNAFORT, Ulysses (filólogo) – 89
PIZARRO [Francisco] – 138
PIZARRO, Gonzalo – 131, 139

Q

QUETZALCOATLE – 131

S

SANTA CRUZ (marquês de) – 178
SEQUEIRA (farmacêutico) – 74

T

TEIXEIRA – 148
TEIXEIRA, Pedro – 28
THOMPSON – 136

V

VEIGAS (os) – 75
VEIGA, Constantino – 75
VEIGA, Manuel – 75
VELOSO BARRETO – 141
VON STEIN (Dr.) – 17

W

WANZELLER, Henrique – 182
WAPPOEUS – 158

Z

ZARGO – 148
ZOLA – 34
ZURCHER – 64

Viagem a um país de selvagens, de Oscar Leal,
foi composto em Garamond, corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85 g/m²,
nas oficinas da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do
Senado Federal, em Brasília. Acabou-se de imprimir em agosto de 2012, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

Os livros de viagem revelam-se a crônica de uma época, geralmente descrevendo hábitos culturais de lugares a desbravar. Essas crônicas, quanto mais se distanciam no tempo, mostram-se documentos preciosos sobre a natureza e a etnografia de determinada época e região. Ao longo de nossa história muitos foram os viajantes que adentraram nosso território e nos apresentaram fatos, fauna e flora, agrupamentos humanos e o modo de viver da nossa gente.

Ao narrar o seu percurso em terras inóspitas, Oscar Leal nos aponta, em seu verdadeiro diário de bordo de viajante, os contratempos, as aventuras, o deslumbramento com os animais e silvícolas, um mundo todo de descoberta e fascínio. Escrito em linguagem direta, registrando inclusive os diálogos com seus companheiros, entremeando o texto aqui e acolá com pequenas gravuras de Pastor, Oscar Leal nos deslumbra neste volume com a narração de sua viagem.

Em agosto de 1886, partiu Oscar Leal para aventurar-se em terras brasileiras. Este livro é uma maneira curiosa e exata de conhecer sua expedição pelo rio Tocantins, passando por lugares como Cametá, São Joaquim, Mocajuba, Tamanduá, Mendaruçu, entre tantos outros, além da confraternização com os índios apinajés, sua aventura com Aigara, a filha do cacique, e o encontro do *ipadu*, que vem a ser a árvore da coca. Há ainda ligeiras considerações de ordem antropológica e rápidas observações sobre teorias contemporâneas do autor sobre a vida animal, a origem e o destino das espécies. Este é um volume que desvela para brasileiros o Brasil “selvagem” nos fins do século XIX.

